



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

VINÍCIUS FERREIRA RIBEIRO CORDÃO

**IMPrensa HOMOSSEXUAL BRASILEIRA E CONSTRUÇÕES DE  
SUBJETIVIDADES (1960-1980)**

Rio de Janeiro

2017

VINÍCIUS FERREIRA RIBEIRO CORDÃO

**IMPrensa HOMOSSEXUAL BRASILEIRA E CONSTRUÇÕES DE  
SUBJETIVIDADES (1960-1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Professora Doutora Ana Paula Goulart Ribeiro

Rio de Janeiro

2017

**VINICIUS FERREIRA RIBEIRO CORDÃO**

**IMPrensa HOMOSSEXUAL BRASILEIRA E CONSTRUÇÕES DE  
SUBJETIVIDADES (1960-1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Goulart Ribeiro - Orientadora  
Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), ECO/UFRJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marialva Carlos Barbosa  
Doutora em História (UFF), ECO/UFRJ

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Bruno Souza Leal  
Doutor em Comunicação (UFMG), UFMG

## **DEDICATÓRIA**

A Dircinha, pelo apoio e amor incondicional;

Aos homossexuais que vieram antes de mim e que romperam com o sistema de mutismo.

## **Agradecimentos**

Cada página desta dissertação é perpassada por lembranças do seu processo de escrita e pesquisa. O resultado final, aqui apresentado, só foi possível graças os diálogos, incentivos, ajudas, críticas e ensinamentos obtidos ao longo de todo o mestrado. Não posso deixar de agradecer algumas pessoas que foram fundamentais nesse processo.

À minha família que sempre me apoiou e incentivou a seguir com os projetos que escolhi para a vida. A confiança que depositaram em cada escolha tomada foi essencial para tornar todo esse processo possível. À minha avó (Dirce) que torceu, sofreu e comemorou comigo cada etapa, à minha mãe (Luci) me ensinou a necessidade de ponderar, saber dizer não e buscar o equilíbrio da academia com a vida, à minha tia (Elda) de incrível generosidade, que com seu agir intempestivo sempre procurou me trazer calma, e ao meu pai (Exton) que esteve presente nos momentos em que precisei.

À minha orientadora Ana Paula Goulart Ribeiro que acreditou na minha pesquisa e fez com que cada encontro fosse revigorante. As angústias e inseguranças que surgiam eram sempre apaziguadas com suas palavras acolhedoras.

Não posso deixar de agradecer à professora Ana Regina Rêgo, uma verdadeira mãe acadêmica. Desde o início da graduação ela esteve presente, estimulando o amor pela pesquisa e apresentando caminhos possíveis a serem seguidos.

À professora Marialva Barbosa também foi fundamental. Me ensinou lições valiosas sobre todas as etapas da vida acadêmica. Com generosidade, típica de uma verdadeira mestra, me ajudou a solucionar diversos impasses durante o processo de escrita.

Tenho ainda que agradecer o Alceste Pinheiro que colaborou de tantas formas com o desenvolvimento desta pesquisa. Seus conselhos e relatos de experiência me ajudaram de forma imprescindível desde a elaboração do projeto de pesquisa inicial

Outros professores também contribuíram diretamente para essa dissertação. Meu muito obrigado, pelos debates e ensinamentos passados, aos professores Bruno Souza Leal, Carlos Alberto de Carvalho, Denilson Lopes, Joëlle Rouchou, Letícia Matheus, Márcio Tavares do Amaral, Mauricio Duarte, Muniz Sodré, Rafael Haddock Lobo e Susana de Castro.

Tenho também que agradecer aos meus amigos. Cada um, ao seu modo, esteve presente e contribuiu para essa pesquisa. Tenho que começar agradecendo a Maria Livia, sua amizade se tornou o puro sinônimo de amor. Com nossa relação, venho me tornando, a cada dia, uma pessoa melhor. Minha vivência no Rio é permeada por sua presença, você

me emprestou sua família, a qual sou muito grato a todos. Muito obrigado por terem me acolhido, Nélio, Marialva, Bruno e Sonia.

Tenho amigos que carrego para vida, a eles tenho que me desculpar pelas ausências nestes últimos dois anos e agradecer por todo o incentivo, amor e momentos felizes compartilhados. Rebeca, Bruno, Mayara, Marianna, Patrícia, Paula e Kaio, deixamos o Piauí juntos, mas sempre estivemos perto um do outro. Eron e Bruna, vocês são as lembranças vivas e calorosas da minha terra, verdadeiros irmãos. Denise e Renam, compadres que vibraram e estiveram comigo em cada conquista da vida. Diego e Erickson, por me conhecerem e me fazerem tão bem. Will, Thiago, Nayra, Rafinha, Tertuliano, Fabrício e Thamyres vocês estão entre o que mais estimo de tudo o que a UFPI me proporcionou. Andressa, Jessika e Ellayne, somos amigos a tantos anos que fica difícil lembrar da minha vida sem pensar em vocês. Gêsa e Thiago por terem sido meus cúmplices ao longo de toda essa jornada acadêmica.

À Diego, você foi meu ombro amigo nos momentos de choro e meu companheiro pelas ruas da Lapa. Nossa amizade é marcada por uma parceria que reconforta e transmite segurança. Com sua forma calma de ser esteve presente em todos os momentos.

À Phillippe, com você compartilhei as angústias e felicidades de diversos momentos vividos na ECO. Você foi o meu ponto de acolhimento no momento em que tudo era novo. Ao seu lado conheci uma Universidade pela qual iria me apaixonar. Não posso deixar de mencionar os amigos que a UFRJ me presenteou: Ana Claudia, Ana Paula, Antero, Amanda, Chalini, Cintia, Diego, Gabriel, Igor, Indira, Janine, Leitão, Lou, Lu, Lucas, Matheus, Natalia e Tatiane.

Também fizeram parte desta jornada, de forma especial, meus companheiros de Nepcom. Gostaria de agradecer a Amanda, Andrea, Fernanda, Ítala, Izamara, Lílian, Nelson, Rachel, Silvana e Tiana pelas trocas de conhecimento e pela torcida constante. À Alice, sou mais que grato por todas as conversas, abraços e saídas que me deram fôlego para a escrita.

Mudar de estado e cidade para poder fazer o mestrado foi um processo marcado por muitas mudanças, incluindo a saída definitiva do lar. Ao longo de todo o percurso, tive a sorte de encontrar diversas pessoas que possibilitaram configurar novos formatos de família. As casas em que morei, durante o mestrado, se tornaram verdadeiros lares. Isso só foi possível por ter encontrado pessoas incríveis como o Abraão, a Isa e o Maykol para dividir os apartamentos. Aline e Vinicius, vocês são os melhores vizinhos que alguém pode ter, mesmo longe estiveram sempre perto.

Fui também adotado de forma tão carinhosa por muitas outras pessoas. Gostaria de mencionar duas em especial, Patrícia e Igor. Vocês fizeram o papel de mãe, irmão, cúmplices e conselheiros em diversos momentos. Igor, gostaria, particularmente, de te agradecer por me permitir conhecer o Daniel, com quem só tive momentos alegres.

Não poderia deixar de agradecer a Jorgina e Thiago, sempre atenciosos e empenhados em solucionar todas as questões que surgiram. Igualmente, sou grato a toda a equipe do arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP que foram incansáveis em me ajudar a localizar os jornais desejados e ao Remom, por ser também um entusiasta da história LGBT nacional, com quem pude discutir sobre tantos momentos de nossa história e os seus vestígios ainda existentes.

Também tenho que mencionar o apoio do CNPQ e da Faperj. As bolsas me permitiram desenvolver esta pesquisa e os atrasos no pagamento me fizeram perceber que pesquisar neste país também é um ato de resistência que não pode ser abandonado.

Por fim, gostaria de agradecer a três pessoas que de forma especial dividiram suas vidas comigo: Victor pelo companheirismo e entrega em todos os momentos em que estivemos juntos. Ao Everton pela leveza de cada encontro. E ao Lucas que com sua timidez cativante carrega em cada gesto carinho e afeto.

## RESUMO

FERREIRA, Vinicius Ribeiro Cordão. *Imprensa homossexual brasileira e construções de subjetividades (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Esta dissertação analisa como os jornais e revistas homossexuais brasileiros, que circularam entre as décadas de 1960 e 1980, atuaram enquanto tecnologia de gênero, responsável por regular, aplicar e reforçar formas ideais de homossexualidade. Para escrever essa história, analisamos as práticas e os processos jornalísticos de 33 periódicos homossexuais nos atendo às suas formas de produção, financiamento, conteúdo, aos seus produtores e leitores ideais, para além, de aspectos ligados ao seu consumo. Partindo dessa discussão, podemos perceber que essas publicações adotavam, a partir de seu contexto de produção, estratégias que visavam legitimar a homossexualidade, garantir direitos e lutar contra opressões. Ao longo de décadas, esse segmento da imprensa conseguiu subverter e criar normas e, assim, ocupar em diferentes níveis o espaço público. Com base em nossa pesquisa, concluímos que a história das três primeiras décadas da imprensa homossexual brasileira foi caracterizada pela disputa entre quatro ordens de saber que disputavam a verdade sobre o ideal de homossexualidade. Denominamos essas matrizes discursivas de modelo hierárquico, modelo igualitário, modelo queer e modelo pink money. Os modelos identificados coexistiram e permearam, muitas vezes, um único jornal ou sujeito, mas suas delimitações permitem perceber que existiram práticas jornalísticas singulares que semantizaram o corpo homossexual e suas subjetividades de formas distintas.

**Palavras-chave:** Imprensa Homossexual; História do Jornalismo; Subjetividades; Práticas Jornalísticas.



## **ABSTRACT**

FERREIRA, Vinicius Ribeiro Cordão. Brazilian homosexual press and constructions of subjectivities (1960-1980). Dissertation (Master in Communication and Culture) - School of Communication, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This dissertation analyzes how homosexual Brazilian newspapers and magazines that circulated between the 1960s and 1980s worked as gender technology, responsible for regulating, applying and reinforcing ideal forms of homosexuality. In order to reconstruct this history, we analyze the practices and the journalistic processes of 33 homosexual newspapers, focusing on the forms in which they generated their production, finance and content; we have also observed their producers and ideal readers, besides aspects related to how they were consumed. Based on this discussion, we can see that these publications adopted from their context of production strategies that aimed at legitimizing homosexuality and guaranteeing rights and fighting against oppression. For decades, this segment of the press has succeeded in subverting and creating norms and thus occupying the public space at different levels. Based on our research, we conclude that the history of the first three decades of the Brazilian homosexual press was characterized by the conflict between four orders of knowledge that disputed about the true ideal of homosexuality. We named these discursive matrices as: hierarchical model, equalitarian model, queer model and pink money model. The identified models coexisted and often permeated the same newspaper or subject, but their delimitation allows us to realize that there were singular journalistic practices that semantized the homosexual body and its subjectivities in different ways.

Keywords: Homosexual Press; History of Journalism; Journalistic Practices; Subjectivities.

## Sumário

<b>Introdução</b>	10
<b>Capítulo 1 - Por uma história cultural da Imprensa homossexual</b>	21
1.1 Às margens da História, mas repletos de memórias	23
1.2 A história da imprensa homossexual brasileira em múltiplas perspectivas	30
1.3 Entre novas veredas: apontamentos metodológicos	43
<b>Capítulo 2 - Imprensa homossexual: cenário multifacetado e os processos de construção jornalística</b>	49
2.1. Do <i>Snob</i> ao <i>Anjo</i> : três décadas de imprensa homossexual	50
2.1.1. A imprensa homossexual na década de 1960: a gênese	57
2.1.2. Os anos 1970: a profissionalização da imprensa	66
2.1.3. A explosão dos anos 1980	70
2.2. Processos de produção e tecnológicos	78
<b>Capítulo 3 - Múltiplas formas de ser na mídia</b>	112
3.1 O Modelo Hierárquico	120
3.2 O Modelo Igualitário	133
3.3 O Modelo <i>Queer</i>	143
3.4 O Modelo <i>Pink Money</i>	152
<b>CONCLUSÃO</b>	160
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	164

## INTRODUÇÃO

O jornalismo e a história, dois dos principais formadores da noção de realidade e promotores dos discursos de verdade, responsáveis por fazer circular os modelos de certo e errado, bonito e feito, moral e amoral, endossaram socialmente regimes de verdade em favor de uma sociedade burguesa patriarcal que atribuiu aos homossexuais o papel de não sujeito.

A partir da segunda metade do século XX, passamos a perceber, no entanto, um processo de mudança lento e gradual na forma como esses corpos à margem eram percebidos. Essas transformações ocorrem em parte graças ao movimento feminista, que questionava as naturalizações relacionadas às questões de gênero. Isso possibilitou o surgimento de acontecimentos como o de *Stonewall*<sup>1</sup>, os quais deram início ao movimento gay organizado.

Com a atuação do movimento gay por meio de grupos militantes organizados, como a Frente de Libertação Gay (GLF), homossexuais passaram, cada vez mais, a se assumir e tomar as ruas reivindicando seus direitos. Uma das bandeiras de luta destes grupos emergentes era uma nova forma de representação dos homossexuais na mídia, o que levou, nos Estados Unidos e na Europa, à invasão de redações e redes televisivas como forma de manifestação.

A imprensa homossexual surgiu, em seguida, como ferramenta de visibilidade e aglutinação dos homossexuais. Sua atuação possibilitava a troca de experiências para além das barreiras dos encontros físicos, que ocorriam nos guetos em formação e nos grupos organizados. Essa imprensa se espalharia ao redor do mundo por meio da proliferação de títulos e da circulação intensa em diversos países.

No Brasil, na década de 1960 no Rio de Janeiro, nasceram diversas agremiações homossexuais que, apesar de não vincularem suas práticas a uma militância política, já representavam uma revolução de costumes. A Turma Ok, fundada em 13 de janeiro de 1961, é um exemplo. O clube, com sede na Lapa e ainda em funcionamento - que se auto intitula o mais antigo da América Latina-, preservou ao longo das décadas o caráter de ponto de resistência de aspectos da cultura gay, como a dublagem e o transformismo.

---

<sup>1</sup> No dia 28 de junho de 1969 gays, lésbicas, travestis e *drag queens* presentes no bar *Stonewall Inn*, em Nova York, pela primeira vez se uniram contra os abusos realizados pela polícia que habitualmente prendiam e extorquiam homossexuais. O levante gay de resistência em torno do bar durou alguns dias sendo considerado o marco de surgimento do movimento homossexual.

O cenário nacional de efervescência das Turmas permitiu o surgimento de publicações como o *Taradinho* o *Glamour*, considerados os primeiros jornais assumidamente destinados aos homossexuais do país. No entanto, é somente em 1978, com o lançamento do *Lampião da Esquina*, que presenciamos a profissionalização da imprensa homossexual e o surgimento do primeiro grupo de militância homossexual, o Grupo Somos, com projeção para todo o território nacional.

Em paralelo ao desenvolvimento das perspectivas feministas e o alargamento dos debates em torno dos problemas de gênero, o campo da história também passava por profundas transformações. Novos problemas foram postos em discussão pelo movimento da Nova História Cultural, o que possibilitou hoje estarmos desenvolvendo esta pesquisa. As mudanças no pensamento historiográfico irão permitir uma visão mais plural acerca do fato histórico, suas fontes e objetos, nos quais personagens antes marginalizados como os homossexuais poderão passar, então, a ocupar o centro da narrativa (Burke, 2005).

Perante a descontinuidade nos regimes discursivos da história, do jornalismo e da sexualidade, nos parece pertinente retomarmos a indagação feita por Foucault (2012, p.39) sobre "como é possível que se tenha em certos momentos e em certas ordens de saber, estas mudanças bruscas, estas precipitações de evolução, estas transformações que não correspondem à imagem tranquila e continuista que normalmente se faz?"

Seguindo o caminho proposto pelo autor momentos de rupturas como estes não devem ser analisados buscando entender se são rápidos ou de grande amplitude. Para Foucault (2012, p.39) "o que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como estes se regem entre si".

O pesquisador deve voltar sua atenção para quais efeitos de poder circulam entre os enunciados. Pois, cada sociedade possui regimes de verdade, responsáveis por naturalizar práticas sociais e instituir um sistema de regras segundo as quais se deve agir criando distinções perante este estatuto. Estes regimes de verdade, por sua vez, não existem sem o poder. "A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem" (FOUCAULT, 2012, p.54).

O conjunto das práticas sociais produz modos de vida e normas de convivência que estão permeadas por relações de poder, que são (re)produzidos nas produções culturais de seu tempo. A leitura dos jornais homossexuais nos permite uma reimersão ao passado. Por meio de sua narrativa, conseguimos perceber a "problemática do mundo como representação, moldada através das séries de discursos que o aprendem e o estruturam,

conduzindo obrigatoriamente a uma reflexão [...] que dão a ver e pensar o real” (CHARTIER,2002, p 23-24).

A narrativa jornalística assume nesse processo o papel de senhor da memória<sup>2</sup> em meio a uma sociedade cada vez mais midiaticizada. O jornalismo se torna um dos responsáveis por (re)produzir os discursos de uma dada comunidade no espaço e no tempo. Suas publicações irão colaborar para formar identidades e valores, por meio das estratégias presentes nos seus dispositivos de enunciação.

Nesse sentido, como aponta Barbosa (1994), os jornalistas se tornam responsáveis pelo rememorar da realidade social assim como por sua própria construção. Através dos critérios de noticiabilidade são definidos quais fatos se tornarão notícias e quais serão esquecidos, (re) construindo dessa maneira uma representação seletiva do presente que será responsável por auxiliar na formação das identidades de uma dada comunidade imaginada.

O jornalista, ao reconstruir o acontecimento, o faz por meio de determinados tipos de seleções e enquadramentos. O fato transcorrido é utilizado como fonte para validar as estruturas do presente e direcionar a comunidade ao que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido no futuro.

Dessa forma, as práticas sexuais visibilizadas positivamente no jogo memorável da mídia passam a ser reconhecidas como modelos ideais para experienciar as relações humanas. O olhar sobre o desejável foi, assim, durante décadas, direcionado compulsoriamente para os corpos heterossexuais e suas formas convencionais de afeto. Os enquadramentos da mídia perante aos corpos, aos sujeitos que amam e às formas de prazer renegaram as relações homoafetivas para a zona do interdito. O jornalismo seria uma engrenagem central no aparato da Comunicação para estabelecer verdades. A barreira entre o visível/invisível, desejável/indesejável é tão poderosa para produzir exclusões quanto qualquer outro poder coercitivo.

Ao pesquisar as relações de poder presentes no discurso jornalístico, levamos em consideração que suas páginas são permeadas pelo processo de significação social que delinea uma sociedade em determinada época. Cada edição é um campo de disputas das ideologias que pleiteiam a hegemonia discursiva. O campo de batalha midiático pode ser tão atroz e causar tantas vítimas como os campos de guerra (RIBEIRO, 1995, p. 34-35).

A imprensa não deve ser interpretada como um campo homogêneo de ideologias. O jornalismo, assim como toda luta por hegemonia, também é marcado por resistências aos

---

<sup>2</sup> Expressão foi cunhada originalmente por Le Goff(2012) sendo reapropriada por Barbosa (1994).

discursos dominantes. Até mesmo o contradiscurso do movimento gay e da imprensa homossexual é constituído por disputas internas.

O distanciamento temporal do contexto de insurgência do movimento gay e da imprensa homossexual nos permite perceber que não havia um discurso único. Existiam diversas matrizes discursivas. Cada uma buscava legitimar a homossexualidade por meio de um modelo, muitas vezes rígido, de práticas afetivas e sexuais.

A figura da Bicha, do Entendido, do Gay ou da Barbie consumidora assumiam em determinados períodos a hegemonia discursiva sobre a homossexualidade. Cada modelo vinha como uma resposta à conjuntura político-social que se formava. Estas identidades homossexuais essencialistas, são estabelecidas no campo do simbólico e a imprensa foi um agente social decisivo ao longo de todo esse processo de disputas a propósito de o que seria o homossexual.

Devemos frisar, que cada novo perfil identitário alçado para o topo da visibilidade não indica o apagamento dos anteriores, não se trata de um processo evolutivo. Todos eles coexistem na realidade. Os corpos que se identificam enquanto homossexuais são interpelados por essas ordens de saber de formas diversas. Por isso, a história da luta pelo reconhecimento pleno da cidadania homossexual não pode ser vista de forma linear.

O reconhecimento, destas múltiplas vozes em disputa, leva o pesquisador a questionar que homossexualidade é essa produzida pelo contradiscurso do movimento gay e da imprensa homossexual. Analisar a atuação desse tipo de imprensa nos parece um campo de observação ideal para encontrar pistas que nos possibilitem interpretar um dado momento da história.

Estabelecemos como objeto de pesquisa a imprensa homossexual brasileira e adotamos como pressuposto teórico de partida as considerações de Foucault (2012) de que, em momentos de ruptura, a atenção deve se voltar para quais os regimes de poder circulam no interior dos seus enunciados. Nosso objetivo geral seria assim, buscar entender como se constroem modelos de homossexualidade neste segmento do jornalismo.

O que buscamos ao longo desta dissertação é perceber as disputas entre variadas ordens discursivas, que se propõem a apresentar modelos ideais de homossexualidade. Nossa hipótese é de que a imprensa homossexual tem historicamente produzido padrões de homossexualidade através de perfis de subjetividade esquemáticos.

Ao estabelecermos como foco da pesquisa os discursos da comunidade LGBTs<sup>3</sup> na imprensa homossexual, levantamos questões como: De que modo é construída a noção de gênero? Quais representações são atribuídas aos homossexuais com maior frequência? Como a imprensa reitera e resiste a heteronormatividade? Quais pontos de vista são destacados e quais são silenciados? quais discursos amparam os modelos encontrados? Como esses processos estão inseridos em lógicas temporais e espaciais? Como as lutas e disputas se dinamizam nesses discursos jornalísticos através de jogos memoráveis?

Nosso principal desafio é perceber como as questões postas acima foram se configurando e reconfigurando no tempo. Buscar entender como a imprensa homossexual representa a homossexualidade, se atendo aos problemas levantados, e tendo como limite temporal de pesquisa os dois anos de mestrado, requer do pesquisador a delimitação de um recorte. Tendo em vista todos esses fatores, delimitamos as décadas de 1960, 1970 e 1980 como o foco da nossa pesquisa.

O que nos move ao estabelecer o recorte temporal definido acima é a possibilidade de perceber a imprensa homossexual dentro de um contexto de tramas mais amplas e, sobretudo, que permita analisar as rupturas e continuidades em sua prática. Ao longo das três décadas pesquisadas perpassamos pela origem da imprensa homossexual no Rio de Janeiro como porta voz das turmas de socialização gays que se formavam, pela expansão dos títulos no território nacional, pela profissionalização das práticas até o surgimento de publicações com um teor mais mercadológico.

O contexto sociopolítico do nosso recorte é também um fator instigante para a pesquisa. Nosso olhar se volta para o período em que o país viveu uma ditadura militar, com cerceamento da liberdade, perseguições e mortes. Este período, marcado pela repressão e conservadorismo, é, no entanto, caracterizado pela explosão do movimento homossexual nacional e pela fase de maior esplendor da sua imprensa.

A consulta aos jornais homossexuais do período da ditadura e as entrevistas com os seus redatores nos permitirá, por vez, falar sobre as perseguições sofridas por esse segmento da população e da sua imprensa. Os abusos cometidos pelo regime militar brasileiro contra os LGBTs são até hoje, em grande parte, silenciados. As narrativas sobre este período da história nacional focam em vítimas políticas e membros da classe artística.

Os jornais lançados entre as décadas de 1960 e 1980 tinham um caráter marginal, além de um sistema de produção e circulação amador. Estas características trouxeram

---

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis, Transexuais e Transgêneros.

dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa, pois não há no país um acervo centralizado que reúna seus títulos. Mesmo na Biblioteca Nacional, que possui o maior repositório do país referente a documentos da imprensa, não encontramos arquivos alusivos a esse recorte.

A dificuldade ao acesso a esses jornais deu início ao trabalho de garimpo em busca por fontes documentais. Nossas pesquisas nos levaram ao acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, que possui um grande número de jornais das primeiras décadas da imprensa homossexual. Outra coleção de jornais foi localizada entre os arquivos da imprensa alternativa no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Ainda foram consultados o Arquivo Público Estadual de Recife, o Acervo Bajuba, o arquivo da Turma Ok e a biblioteca do Grupo Dignidade.

A pesquisa nestes arquivos, assim como em acervos pessoais de alguns entrevistados, possibilitou o levantamento de trinta e três publicações assumidamente homossexuais que circularam entre o período analisado. Entre elas estão: *O Snob*, *Le Sophistique*, *Felinos*, *Gay Society*, *Le Femme*, *O Tiraninho*, *Baby*, *Boletim Informativo da Caixinha*, *Gente Gay*, *Mundo Gay: o jornal dos entendidos*, *Entender*, *Lampião da Esquina*, *Jornal do Gay- noticiário do mundo entendido*, *Gay News - Informativo mundial dos entendidos*, *Suruba*, *Jornal For Gays*, *Gatho - Grupo de atuação Homossexual*. *Leva e Traz*, *O Corpo*, *Journal Gay - Internacional*, *Gay News-Jornal Homossexual de Informação & Prazer*, *ChanacomChana*, *Nos Também*, *Facção Homossexual*, *Boletim do G.G.B.*, *Boletim Informativo Grupo Dialogay/se*, *Pleiguei - Jornal do Homo*, *Okzinho*, *Triangulo Rosa*, *Informativo Associação Galf*, *Jornal do Jatobá*, *Anjo*, *Boletim Informativo LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual*.

Os jornais que encontramos representam somente uma parcela da produção da imprensa homossexual que circulou no país entre as décadas de 1960 e 1980. Nos documentos históricos encontramos referência a diversos outros títulos como: *Terceira Força*, *Vagalume*, *Cinelândia*, *O Mito*, *Subúrbio à noite*, *O Bem*, *Edifício Avenida Central*, *O show*, *O estábulo*, *Mais*, *Fatos e Fofocas*, *Charme*, *O Pelicano*, *Le Carrilon*, *Chic*, *Felinos*, *Gay*, *Zéfiro*, *Centauro*, *O Vic*, *O Babado*, *O Grupo*, *O Taradinho*, *O Charme*, *O Truchê*, *Glamour*, *Mundo Gay*, *Entender*. Entretanto, não conseguimos localizar seus exemplares.

Trabalhar com processos históricos nos coloca como reféns das tiranias do tempo, que nos impõe lacunas. Ter consciência da natureza lacunar da nossa narrativa traz como benefício a certeza de que a história está em constante construção. Nossa pesquisa não vai



apresentar "A história" da imprensa homossexual brasileira, mas uma possível interpretação do passado.

O contato com os vestígios ainda existentes sobre essa parte da história nos colocou frente a uma infinidade de percursos de compreensão e análise o que nos obrigou, enquanto investigadores, a escolher lentes que possibilitaram vislumbrar caminhos a serem seguidos. Logo, na medida em que optamos por desenvolver uma investigação acerca da história da imprensa homossexual nacional, tivemos que definir parâmetros que nos guiamos durante o processo de pesquisa.

Esta pesquisa, desde a formação do seu problema inicial - de procurar entender como os homossexuais são enquadrados na imprensa gay - já nos indicava uma área de atuação transdisciplinar por ser uma investigação que transitaria entre os estudos jornalísticos e os históricos. Além disso, as categorias sociais analisadas requererem contribuições dos estudos vindos da sociologia, filosofia e antropologia, adentrando o universo das contribuições teóricas acerca da questão de gênero, oriundas dos debates feministas e *queer*.

A adoção desta perspectiva transmetodológica, como denomina Maldonado (2015), é feita, no entanto, a partir do lugar de fala da comunicação. Ao nos propormos trilhar um caminho atravessado por campos distintos do saber é necessário trazer à tona a sensibilidade para encontrar pontos de interseção que sejam capazes de dialogar com o objeto, além do "domínio da razão" para conhecer as características e as especificidades de cada lugar do conhecimento. Dessa forma, as teorias seriam, como diz Foucault (1990), ferramentas dispostas em uma caixa que o pesquisador se faz valer de acordo com as necessidades de cada momento, para assim dar conta da complexidade dos problemas reais enfrentados.

Aventurar-se no desenvolvimento de uma pesquisa no âmbito da história do jornalismo, requer produzir conhecimento a partir deste entre lugar marcado pelo tensionamento das perspectivas historiográficas e jornalísticas. Contudo, apesar das particularidades de cada segmento, destacamos que ambos os campos são marcados em suas práticas pelo uso de narrativas referenciadas na realidade e empregadas para a produção de sentido sobre o tempo (BARBOSA e RIBEIRO, 2005).

Compreender o jornalismo e a história enquanto narrativas, e não como representações fieis dos acontecimentos, possibilita também perceber um processo de circularidade na compreensão do real. As notícias jornalísticas e os fatos históricos ajudam

no processo de apreensão social sobre a realidade, ao mesmo tempo em que são constituídas por ela.

É importante destacar que a própria compreensão acerca da produção do conhecimento científico, enquanto um processo construcionista e interacional, perpassado por subjetividades - apesar de todo o suporte teórico-metodológico empregado - só é possível graças à superação dos paradigmas positivista e estruturalista.

A superação dos paradigmas positivista e estruturalista em virtude da perspectiva desconstrucionista, que possibilitou novas formas de perceber o jornalismo e a história, faz parte da viragem epistemológica que deslocou o pensamento ocidental possibilitando a relativização de fenômenos como o tempo (DOSSE, 2007).

O tempo, a partir da concepção metafísica de tradição newtoniana, era entendido como absoluto ou, então, inato à percepção sensorial como sugere Kant. O tempo social passa a ser compreendido “não como uma substância independente, mas uma forma de existência da matéria vinculada à mudança. E a forma pela qual se percebe a mudança, ou a ela se atribui significados, determina a maneira de percepção da temporalidade” (RIBEIRO, 1994, p. 20).

A compreensão da relação do tempo com a narrativa é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Se Bloch (2001, p.55) define a história como a ciência dos homens no tempo, Barbosa (2015) destaca que, a comunicação seria a ciência do tempo passando. O que está na centralidade das investigações são as formas de significação no tempo, a identificação das estratégias, dos jogos de poder e de seus efeitos.

A imprensa delineia seu lugar na medida em que mescla tempo e espaço por meio de uma narrativa contextual que visa um discurso de representação do real que é apresentando como sendo a própria realidade para o seu leitor. Ao tornar visível para o seu público alvo, segmentado um conjunto de acontecimentos, ela sugere então o que merece destaque reiterando "a relevância pública deste, que, convertido em matéria jornalística, assume o efeito de indispensável ao cotidiano do leitor, uma vez que esse mesmo tema advém das próprias demandas contemporâneas" (SCHWAAB, 2013, p.72).

Nesse sentido, após termos estabelecidos nossos pressupostos, iniciamos a pesquisa a partir do olhar pós-estruturalista marcado por um lugar de fala enquanto alguém com formação de jornalista e sujeito social que se autodefine enquanto gay em um país onde a cada vinte sete horas um homossexual é morto vítima de homofobia<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Segundo dados do Grupo Gay da Bahia, atualizados diariamente no site Quem a Homofobia Matou hoje, 318 LGBT foram assassinados no Brasil em 2015. Um crime de ódio a cada 27 horas: 52% gays, 37%

A homossexualidade nunca foi considerada crime pelo Código Penal Brasileiro, ao contrário de 73 países que atualmente ainda criminalizam a prática, dos quais, a pena de morte é prevista em 13. A não tipificação do delito no Brasil não assegurou a população LGBTs o status de cidadão. Parte dos seus direitos ainda é negada, enquanto, a manifestação pública de qualquer prática atribuída à homossexualidade pode provocar reações de extrema violência (MACRAE E FRY, 1985, p.66-67).

Devemos reconhecer que o sistema de poder normatizador vem sendo, porém, sistematicamente contestado. A luta por direitos plenos para os homossexuais tem ganhando cada vez mais projeção na sociedade. Nas últimas décadas, foram alcançados resultados positivos nas disputas por ressignificação com as três instituições que historicamente atribuíram aos LGBTs o papel de pecadores, anormais e delinquentes. O Papa Francisco tem defendido o acolhimento dos homossexuais na Igreja Católica, a Organização Mundial da Saúde não considera mais a homossexualidade como doença desde 1990 e o Supremo Tribunal Federal brasileiro autorizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Contudo, as conquistas recentes vêm acompanhadas com o aumento da intolerância por grupos radicais e por crimes de ódio. Líderes neopentecostais midiáticos e políticos da direita conservadora vêm sistematicamente promovendo o discurso de detração a todos os corpos que não se enquadram na heteronorma. Projetos para criminalizar a homofobia, como a PLC 122, são barrados pela bancada evangélica enquanto o Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais no mundo. Segundo pesquisa da organização não governamental (ONG) Transgender Europe (TGEU), entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes no país.

Assim como Le Goff (2012), acreditamos que toda investigação histórica ocorre em decorrência das necessidades vindas do tempo presente, que leva o pesquisador a voltar seu olhar para o passado buscando entender conjunturas que possuem reflexos ou ajudam na compreensão da atualidade. Logo, ao estudar os enquadramentos conferidos aos homossexuais na imprensa gay, buscamos perceber como os discursos disputam a hegemonia de sentido na tentativa de naturalizar uma imagem do que seria o homossexual, para assim lançar uma luz sobre a luta em torno das questões de gênero desenvolvidas no Brasil.

Ao versar acerca da relação mídia, gênero e cultura na luta pelo direito à cidadania da comunidade LGBTs buscamos mostrar como o discurso midiático é uma matriz produtora de sentidos que deve ser usada como forma de resignificação das normas culturais em vigor. O objeto proposto apresenta assim uma justificativa social, na medida em que pretende fornecer, com seus resultados, um mosaico dos modos de como a dominação vem sendo exercida, além de identificar quais os mecanismos de resistência conseguiram reposicionar a homossexualidade no país através do contra discurso presente na imprensa gay nas décadas de 1960 a 1980.

A pesquisa se justifica ainda por sua proposta teórica que busca transpor uma abordagem meramente memorialista e descritiva, que como aponta Ribeiro e Herschmann (2008), marcam os estudos históricos no campo da comunicação, que muitas vezes enfocam suas investigações em como surgiram e desapareceram os periódicos, sem apresentar uma análise crítica. Buscamos apresentar um trabalho de síntese sobre o surgimento e as práticas da imprensa homossexual, em que os jornais estudados não serão meras fontes, mas os objetos de pesquisa por meio dos quais iremos compreender o contexto social de formação do movimento homossexual de luta em prol de direitos igualitários.

Muitos trabalhos se propõem a apresentar a síntese da história da imprensa gay nacional, como Péret (2011), porém essas abordagens centradas na herança da história positivista baseiam suas narrativas em torno de grandes datas e personagens, o que leva também a uma vasta literatura sobre jornais de maior circulação, como o *Lampião da Esquina* e *O Snob*, como por exemplo as dissertações de Simões Junior (2006) e Costa (2010). A imprensa artesanal gay que circulava pelas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador aparecem pontualmente nessas análises.

Compreendemos, porém, assim como Veyne (2008), que a narrativa histórica deve ser constituída por rupturas representadas por uma sequência de tramas que possibilitam a transformação de pensamento ou mudança das estruturas sociais. Dessa forma, estudar as pequenas rupturas por meio dos jornais nanicos artesanais que possibilitaram o surgimento de periódicos e movimentos de maior projeção desse segmento é fundamental para compreender as forças que movem as transformações.

Nossa hipótese é de que por meio do estudo dos jornais homossexuais brasileiros, das décadas de 1960 e 1980, possamos perceber como as mudanças de mentalidade são o resultado de um lento processo de disputa entre as vozes que compõem os discursos sociais. Ao identificarmos as matrizes geradoras de cada discurso e as estratégias

utilizadas, tanto para a dominação quanto para a resignificação, se torna possível indicar caminhos para o combate à homofobia.

Para atingir os objetivos propostos, essa pesquisa foi dividida em três capítulos: no primeiro desenvolvemos uma reflexão crítica acerca do estado da arte dos estudos produzidos no Campo da Comunicação sobre a história da imprensa homossexual visando traçar um balanço dos principais impasses teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que lançamos proposições de caminhos a serem trilhados acerca desta temática da história da mídia.

Para o desenvolvimento deste capítulo alguns pontos se fazem centrais como: o que é história, a seleção da memória, o esquecimento e as relações desses enquadramentos com o poder. A partir das questões apresentadas acima pretendemos refletir sobre como os estudos históricos na comunicação podem ajudar a entender os processos midiáticos e seus imbricamentos na formação de uma cultura comum que baliza as concepções de gênero.

Com base no levantamento da produção nacional sobre a história da imprensa homossexual percebemos que a maior parte dos trabalhos foca na atuação do *Lampião da Esquina* ou constroem em torno do jornal um mito de origem do gênero no Brasil. Estes trabalhos são influenciados pelas obras que foram produzidas por intelectuais que participaram diretamente da emergência de uma militância gay organizada sob a influência do Lampião e a atuação do grupo Somos . Buscamos, no segundo capítulo, desconstruir o mito da origem que envolve o Lampião demonstrando que existem várias formas possíveis de se narrar a história da imprensa homossexual.

No terceiro capítulo identificamos quais os modelos de homossexualidade disputam a hegemonia da representação do que é ser homossexual nessa imprensa. Adotamos como ponto de partida a pesquisa realizada por Fry (1982) que identifica na década de 1980 duas matrizes discursivas da homossexualidade no Brasil, o modelo hierárquico e o modelo igualitário, e ampliamos para mais duas categorias, o modelo *queer* e o modelo *Pink Money*.

## Capítulo 1 - Por uma história cultural da imprensa homossexual

*"Essa história de outros (do passado) é também a nossa história: a história de uma humanidade que existe na duração. Somos tempo"*  
(Barbosa, 2009, p.17).

Falar sobre a história da imprensa homossexual brasileira é fazer referência a pesquisas marcadas por uma multiplicidade de perspectivas teóricas e metodológicas. Estes trabalhos tentam dar conta em suas narrativas da complexidade dos processos e das práticas de um fazer segmentado do jornalismo que está inserido nas dinâmicas do tempo e que se volta para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

As pesquisas que desenvolvem a relação entre mídia e história são marcadas, do ponto de vista teórico e metodológico, por um universo de possíveis, como denomina Barbosa (2007). A autora faz alusão às diversas formas de interpretar os vestígios memoráveis que chegam do passado e são reatualizados pelas perguntas feitas no presente. Ao conferir inteligibilidade e nexos aos rastros do passado o autor, por meio da narrativa, deixa marcas da sua voz e do eco do quadro das tradições culturais do mundo em que se inscreve. O que buscamos nesse capítulo é compreender os elementos dessa relação nos atendo às consequências dos efeitos de sentido aferidos pelas escolhas teóricas e metodológicas.

Aventurar-se no desenvolvimento de uma pesquisa no âmbito da história do jornalismo requer do pesquisador produzir conhecimento a partir de um entre lugar, marcado pelo tensionamento das perspectivas historiográficas e jornalísticas. Neste capítulo, questionamos como este diálogo vem sendo realizado na produção acadêmica nacional, do campo da Comunicação, que tem como centro de análise uma história da imprensa homossexual.

A partir deste problema central desenvolvemos uma reflexão crítica acerca do estado da arte dos estudos históricos sobre a imprensa homossexual. Fazer um balanço dos principais impasses teóricos e metodológicos é um dos objetivos, ao mesmo tempo em que lançamos proposições e caminhos possíveis de serem trilhados no que diz respeito a esta temática na história da mídia.

Tendo em vista, a dispersão dos artigos, capítulos de livros, livros, dissertações e teses que abordam aspectos relacionados à história da imprensa homossexual se fez necessário delimitar e recortar a temática ao realizar o levantamento bibliográfico da

produção brasileira. Consideramos para esse levantamento, as produções que de forma direta ou tangencial abordaram aspectos históricos da homossexualidade no Brasil.

Assim, neste capítulo privilegiamos a produção dos últimos 22 anos nos programas de pós-graduação de Comunicação<sup>5</sup> do país, incluindo dissertações e teses, e dos últimos 10 anos no que se refere aos artigos científicos publicados nos anais dos eventos nacionais, promovidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom<sup>6</sup> e pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia - Alcar<sup>7</sup>.

A escolha destas fontes ocorreu por suas contribuições teóricas para o campo da história da mídia. A Intercom é a associação de pesquisa em Comunicação mais antiga e com maior número de sócios no país e possui um Grupo de Pesquisa sobre a História do Jornalismo consolidado. Por sua vez, a Alcar, apesar de mais recente, já tem suas atividades reconhecidas na promoção da reflexão teórica e crítica sobre a história da mídia, atuando de forma integrada em todas as regiões do Brasil. Também não poderíamos deixar de considerar as contribuições advindas da Pós-Graduação, pois, elas são por excelência o local da produção de conhecimento no país.

Apesar de uma amostragem limitada frente à amplitude de pesquisas sobre a imprensa homossexual brasileira, consideramos que nosso recorte é representativo para a pesquisa, que procura perceber como as histórias dos processos e da prática da imprensa homossexual foram narradas a partir da perspectiva comunicacional. No levantamento, chegamos ao número de 12 artigos apresentados nos congressos nacionais da Intercom e 5 nos encontros nacionais de pesquisadores de história da mídia, promovido pela Alcar, totalizando 17 artigos, além de 10 teses e dissertações que versam sobre esta temática.

A primeira observação que podemos fazer a respeito deste levantamento é a pouca produção acadêmica, já que em 22 anos de pesquisa na área foram produzidas apenas uma dezena de pesquisas em Programas de Pós-Graduação, sendo três teses e sete dissertações.

O que esse número pode revelar? Em primeiro lugar a natureza “presentista” dos estudos de comunicação, enfatizada por alguns estudiosos da área (BARBOSA, 2016 e RIBEIRO e HERSCHMANN, 2008), bem como a reflexão ainda insipiente sobre a

---

<sup>5</sup> Para o levantamento das dissertações e teses de Comunicação nos valem das plataformas [Banco de Teses da Capes](#) e [Domínio Público](#), e complementamos as informações a partir do Banco de Teses dos 46 Programas de Pós-Graduação do país. Realizamos o levantamento buscando por palavras-chave e consultando os resumos.

<sup>6</sup> Os trabalhos completos apresentados nos congressos nacionais da Intercom podem ser acessados gratuitamente via o portal da instituição: <http://www.portalintercom.org.br>

<sup>7</sup> A Rede Alcar promovia inicialmente encontros nacionais anuais, entre os anos de 2003 e 2009, alterando então a periodicidade de seus congressos para bianuais. Os trabalhos completos dos trabalhos apresentados em seus eventos podem ser acessados pelo seu site institucional: <http://www.ufrgs.br/alcar>

questão de gênero, de maneira geral, e sobre a homossexualidade, de maneira mais específica, na pesquisa na área de Comunicação. Essa pouca amplitude dos estudos é sublinhada por autores que se dedicaram ao mapeamento dos estudos de gênero no que diz respeito à sua articulação com a pesquisa em comunicação no país, como por exemplo fizeram Ana Carolina Escosteguy e Márcia Rejane Messa (2008).

A partir desta produção acadêmica, procuramos compreender como o campo da comunicação lança um olhar histórico sobre a imprensa homossexual brasileira, nos atendo as especificidades que envolvem estes estudos. Buscamos, ao longo deste capítulo, responder algumas questões que consideramos centrais, tais como: que concepção de história refletem? Como estas pesquisas se relacionam com outros estudos referentes a história da mídia? Quais perspectivas teóricas e metodológicas balizam estes estudos? Quais os objetos empíricos destas pesquisas? Qual a potencial relevância desse campo de investigação?

As questões que procuramos responder neste capítulo, nos levaram, em um primeiro momento, a reflexão sobre a relação existente entre o campo da história, os corpos identificados como homossexuais e suas memórias. Parece, ainda, pertinente estabelecer o debate acerca das apropriações do saber histórico sobre as experiências homossexuais.

Após compreendermos, o discurso histórico como tecnologia de gênero e as dinâmicas de poder dos jogos memoráveis, na segunda parte desse capítulo analisaremos a produção nacional do campo comunicacional sobre a história da imprensa homossexual, para descortinar quais os efeitos de sentido incidem sobre essa produção do saber. Por fim, concluímos o capítulo indicando alguns caminhos teóricos metodológicos, que não devem ser interpretados como imperativos, mas possibilidades de percurso com potência para produzir reflexões que valorizem as experiências de vida dos personagens e possua "dever de justiça" (TODOROV, 2000).

### **1.1. Às margens da História, mas repletos de memórias**

Sob a categorização de homossexual, entendido, qualira, viado, gay, lésbica, sapatão, boneca, fancha, travesti e inúmeras outras formas de nomeação, classificação e guetificação diversos corpos tidos como desviantes foram postos à margem na história da sociedade ocidental. A historiografia tradicional - que se voltava para os grandes acontecimentos, datas e personagens com enfoque para questões políticas e econômicas -



lançava seu o olhar de cima para baixo, excluindo assim, de suas narrativas os corpos ordinários e marginalizados.

A história de viés positivista, que dominava as narrativas até os anos 20 do século passado, antes da revolução dos *Analles*, narrava os acontecimentos que representavam as elites do poder, da fortuna ou da cultura. Na sequência a chamada Nova História, ou terceira geração dos *Analles*, incluiu nas suas temáticas “novos problemas, novas abordagens e novos objetos” passando a considerar a questão do gênero como passível da análise histórica. Nas décadas de 1980/90, sob a influência de Foucault, os estudos nos programas de pós-graduação em História privilegiaram muitas vezes o cotidiano e as práticas da gente comum e dos grupos excluídos, incluindo-se aí os homossexuais.

Jean Claude Schmitt (1988) ao comentar a maioria das análises históricas, até meados do século XX, que se ocupavam das práticas dos grupos dominantes chama a atenção para o lugar das mentalidades na concepção da centralidade do "mundo civilizado", de onde se irradiava a verdade. Todos os demais processos históricos, eram, então, comparados a estes modelos sociais ideais, estipulados pela fé, pelo poder monárquico ou burguês. A história era assim, antes de tudo, obra de justificação dos "progressos". Tudo o que não fosse reconhecido sob a chancela do status de "civilizado" era tratado como desvio, erro, sobre o qual se evitava falar (SCHMITT, 1988).

Em nome do que se julgava o progresso da humanidade e os seus valores superiores, os prazeres ajuizados como anormais e os personagens tidos como sexualmente imorais se tornaram ruídos na grande história. A censura, que incidia perante estes desejos e corpos, funcionava por meio de uma cadeia de ações que negavam a suas existências. Suas práticas não eram permitidas, enquanto, taticamente era impedido de se falar sobre elas. Nesta lógica, princípio e efeito estão em constante retroalimentação na medida em que se reafirmava que: o que deve ser calado encontra-se banido do real.

Não existiu ao longo deste percurso um só silenciamento, foram muitos. Todos integrantes do mecanismo que apoia e atravessa o discurso sobre a sexualidade (FOUCAULT, 1988). A grande história da humanidade pretendia reforçar a coesão social por meio da construção de uma comunidade afetiva baseada nos bons costumes civilizados. No entanto, teve como consequência real a imposição de uma memória coletiva que acentuava as violências simbólicas aos grupos marginalizados na medida em que silenciava suas memórias.

A memória coletiva possibilita a continuidade temporal de determinados acontecimentos, personagens e costumes, que permitem a inteligibilidade do sujeito e o seu

reconhecimento a um determinado tempo e lugar (HALBWACHS, 2003). A estabilidade atribuída às identidades de gênero, às orientações sexuais e suas valorações estão diretamente relacionados ao processo que leva à estabilidade dos fatos sociais na memória e, por sua vez, na história e na cultura. A própria noção de sexualidade pode ser vista como uma invenção da memória coletiva institucionalizada na história oficial e narrada avassaladoramente por uma linguagem masculina. É preciso considerar, entretanto, outras dimensões de construção desse discurso dominante sobre o gênero, que podem estar contidos também na lógica do processo civilizador (ELIAS, 1994).

A memória e a história são dispositivos centrais na constituição das identidades, tanto individuais como sociosexuais, porque, ambas são capazes de outorgar o sentido de coerência de uma pessoa ou grupo na sua construção de si. O quadro de referências que elas fornecem, ajudam a produzir a autoimagem adotada pelos sujeitos e pelos grupos (POLLACK, 1992).

Questionar o papel da memória coletiva significa perceber o poder do social na constituição da consciência do eu e das memórias individuais. Halbwachs (2003), ao enaltecer a memória coletiva e sua exterioridade, destaca que precisamos sempre dos outros para lembrar e, nesse processo, partimos de lugares de referência que estruturam a nossa memória e nos fazem pertencer.

O "outro" ocupa lugar central no processo de construção das identidades, pois, o "eu" ou o "nós" só é estabelecido através da alteridade construída com um outro ideal, adotado como fronteira do não reconhecimento e muitas vezes da não aceitabilidade. A nação, por exemplo, que seria o conceito mais completo de grupo e memória coletiva é representada pelo imaginário tradicional como sendo construída por homens heterossexuais brancos com o apoio de suas esposas. Todos os corpos homossexuais ou até mesmo os sujeitos heterossexuais que não vivem segundo as normas do patriarcado foram estigmatizados por séculos como inimigos do progresso da nação.

A implementação de um projeto de nação levou a constituição, em termos foucaultianos, de um Estado biopolítico. O ideal de nação estabeleceu uma economia erótica brasileira a partir da vinculação do projeto político coletivo com o controle e disciplinamento da vida individual e íntima, segundo Miskolci (2013).

O agenciamento dos desejos ocorre por meio do uso da força física, mas, sobretudo, através da intersecção de discursos políticos, científicos, históricos, jornalísticos e literários, entre outros. Estes discursos sinalizam a emergência de uma esfera de violência simbólica que atuaria como forma de terror cultural. Essa rede de saberes hegemônicos cria

mecanismos para identificar, classificar e disciplinar as práticas consideradas indesejáveis, segundo os valores de cada época (MISKOLCI, 2013).

Foucault (1988), já havia alertado sobre as limitações do que ele denomina de hipótese repressiva. Para o autor, a sexualidade seria um marcador sensível das relações de poder, que seguem linhas de penetração infinitas e muito mais complexas do que a simples interdição. A modernidade inaugurou uma rede de mecanismos entrecruzados que permitiu ao poder agir em uma teia discursiva de controle.

O Ocidente instaurou ao longo de sua história uma rede discursiva de saberes, prazeres e poderes que foi responsável por produzir discursos de verdade sobre as práticas sexuais e as identidades de gênero. Os discursos legitimados atribuíram ao patriarcado o status de modelo sociossexual oficial, enquanto as experiências homossexuais se tornaram memórias subterrâneas (POLLACK, 1989). Este aparelho discursivo revela a existência de uma verdadeira tecnologia do sexo responsável por traçar a aceitabilidade social.

A rede multilinear de saberes, que compõe a biopolítica, não tem como efeito somente a dominação e o silenciamento. Preciado (2007) já alertava para as resistências como parte integrante dos discursos em circulação. Para a autora, os corpos subalternos não são totalmente calados, suas vozes estão presentes nas brechas dos discursos hegemônicos e nos saberes subalternos, tal como pode ser interpretada a imprensa homossexual.

A ponderação feita por Preciado (2007) expõe que a formação dos quadros de referência é fruto do contato fronteiro entre enunciados com valores semânticos distintos. A continuidade de uma lembrança ocorre por meio de uma batalha de memórias, na qual, se constrói a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável. Nestas disputas são estabelecidas as memórias com status de oficiais e as proibidas, as clandestinas (Pollack, 1989) e as erosões de memória, produzindo ruínas que se configuram como algo a ser escavado e descoberto.

Por isso, para Ricoeur (1995, p.170), a memória coletiva seria "o verdadeiro lugar da humilhação, da reivindicação, da culpabilidade, das celebrações, portanto, tanto da veneração como da execração". Os efeitos dualistas da memória coletiva, explicitados pelo autor, deixam transparecer os trabalhos de enquadramento pelo o qual passa a memória, tanto coletiva como pessoal.

A memória e a história possuem como uma de suas características constitutivas a seleção: a todo o momento, ambas são formadas pela interação da supressão e da conservação. É impossível se recordar de tudo. Portanto, não somente o seu caráter seletivo

que deve ser problematizado, mas também os usos feitos do passado, os seus enquadramentos (TODOROV, 2000).

Os resultados dos trabalhos de seleção da memória e da história não são definitivos, sofrendo flutuações. As memórias subterrâneas podem emergir no espaço público levando a revisões históricas, da mesma forma, que memórias consagradas na história oficial podem ser questionadas e abandonadas. A forma de recordar ocorre em função do contexto em que ela é articulada. Partimos do presente para dar sentido aos vestígios do passado e projetar caminhos para o futuro.

O passado só pode ser percebido por meio de indícios de seu tempo que chegam até o presente. Entretanto, nem todos esses indícios são percebidos como vestígios de mensagens que possam ser contadas. A consciência histórica que domina cada momento é que permitirá perceber ou não as ruínas que nos chegam. Cada época tem seu conhecimento considerado maldito, sobre o qual não se deve ou não se vislumbra a produção de saber (HELLER, 1993).

A influência, da consciência histórica no presente, na leitura das mensagens do passado pode ser sintetizada pela frase de Heller (1993, p.104), "a abertura e disponibilidade para a mensagem antecede ao próprio vestígio". Assim, os indícios sobre as experiências homossexuais, presentes nas brechas dos discursos hegemônicos e nos saberes subalternos, não foram por muitos séculos percebidos como vestígios de uma mensagem que poderia ser recontada.

A problematização do binômio presente - passado não deve privilegiar somente as releituras das mensagens do passado feitas por informações advindas do presente. Deve-se também ter cautela com o papel que o passado exerce no presente. A influência exacerbada do passado tende a estabelecer uma mentalidade engessada que enfrenta dificuldades para lidar com o diferente e com o novo.

A memória hiperativada faz o homem ficar preso ao seu passado, como já alertava Nietzsche (2008). Para o autor, a boa consciência e a capacidade de confiar no futuro depende da justa medida de saber esquecer no momento preciso e se lembrar quando necessário. Frente a esse problema uma pergunta se faz central: qual o bom uso da memória?

Uma possível resposta para essa pergunta pode ser encontrada na crítica sobre os usos do passado proposta por Todorov (2000). Para o autor, todos têm o direito de rememorar, mas não há razão para um culto da memória pela memória. Seguir por esse

caminho é condená-la a se tornar uma lembrança estéril. Logo, o critério para a seleção da memória deveria ser guiado por uma pergunta: para que aquela recordação pode servir?

A memória deve estar a serviço da vida. As experiências do passado devem ser úteis para estabelecer analogias que ajudem a compreender o presente e a lutar contra as injustiças produzidas, estando, assim, a favor de um projeto de futuro mais justo. Essa leitura do passado é denominada por Todorov (2000, p. 30) como exemplar. As memórias exemplares servem como lição para a humanidade. O passado, apesar de todas as suas particularidades, se converte em ação para o presente. As lembranças traumatizantes, em seu valor exemplar, transformam a memória em projeto de justiça.

A apropriação de duas categorias meta-históricas propostas por Koselleck (2014), o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, ajudam a perceber o entrelaçamento do passado e do futuro. A transposição da experiência para a expectativa é o que orienta as ações concretas visando que o erro não se repita.

O passado recente do Brasil é marcado por violências simbólicas e físicas e pelo não reconhecimento da cidadania para a população LGBTs. Os homossexuais já foram presos enquadrados no crime de vadiagem (GREEN; POLITO, 2006), perseguidos por uma política estatal coercitiva (OCANHA, 2014), internados a força e submetidos a tratamentos desumanos como choques e lobotomia (GREEN, 2000), além de assassinados em grande escala por crimes motivados pelo ódio de gênero.

Os acontecimentos mencionados são exemplos de memórias traumáticas que constituem a história da homossexualidade nacional. O Estado, no conjunto de suas instituições, possui responsabilidade perante a estes atos por vezes autorizados ou então negligenciados. Existe, para com os sujeitos homossexuais, um dever de reparação, uma dívida com essas vítimas da homofobia institucionalizada. O imperativo do dever de memória se faz assim presente.

No entanto, para que ideia de justiça estabeleça um dever de memória, algumas prerrogativas devem ser seguidas para evitar que o rememorar se constitua como um abuso da memória. Para Ricoeur (2007, p. 101) "o dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não a si".

A virtude da justiça, que rege o dever de memória, deve sempre estar, portanto, voltada para um outro, para os nossos antepassados e para os contemporâneos, bem como para os sucessores, a quem devemos (e deveremos) parte do que somos.

Contudo, é preciso ter cuidado para não se auto proclamar como porta-voz de vítimas. Devemos deixar que suas experiências falem, que na captação dos vestígios do

passado as suas vozes assumam papel ativo. No caso deste trabalho, historicizar a imprensa homossexual é relembrar uma trajetória de construção de um discurso de reconhecimento produzido por esses atores sociais.

Ricoeur (1995, p.172) enfatiza que os personagens do passado sempre têm esperanças e projetos que na maioria das vezes foram decepcionados. Cada período possui uma aura de esperança, a rememoração do seu espaço de experiência permite que essa aura seja retomada, mas para isso, segundo o autor, é preciso "a ideia de libertação de uma promessa não cumprida". A memória não deve se tornar uma obsessão ou ser utilizada para vingança.

Por isso, vislumbramos uma concepção de história a partir das margens, com dever de memória e justiça, o que eleva a sua narrativa "o dom de despertar no passado as centelhas da esperança" (BENJAMIN, 2012, p.244). A articulação do que fomos com o instante que se faz presente não deve pretender conhecer o passado tal como de fato foi, mas "fixar uma imagem do passado da maneira como ela se apresenta inesperadamente ao sujeito histórico, no momento do perigo". Somente assim, "os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer" (BENJAMIN, 2012, p. 243-244).

Este fazer da história, se aplicado às narrativas acerca das questões de gênero, tem potência capaz de possibilitar que o anjo da história, descrito por Benjamin (2012), possa parar de ser empurrado em direção ao futuro em nome do progresso e, finalmente, consiga se voltar para o passado, a qual encara fixamente, para enfim acordar os mortos e juntar os fragmentos das ruínas que se acumulam. Somente assim um futuro menos excludente e opressor pode emergir no horizonte de expectativas.

A partir das histórias que contamos, os personagens do passado, antes silenciados, passam a existir. Durante suas vidas muitos homossexuais enfrentaram batalhas para poder existir e modificar a consciência normativa, no entanto, morreram ou foram mortos de forma traumática sem alcançar as transformações almejadas. Com o retorno de suas memórias, os seus testemunhos passam a agir e a participar do presente.

Em função dessa relação "passado, presente e futuro", um dos caminhos centrais dessa dissertação, como veremos ainda neste capítulo, é, do ponto de vista metodológico, dar voz aos personagens que construíram diretamente essa história da imprensa homossexual. Assim, como procuramos fazer ao longo da dissertação ao experimentar um caminho metodológico possível para a apreensão dos sentidos do passado, é fundamental escutar o outro e fazer a sua voz se tornar audível e duradoura. As entrevistas que

realizamos, baseadas nos pressupostos da história de vida, contidas nas dimensões de uma história oral, e que constam, sobretudo do capítulo três, objetivam fazer ouvir os ecos que o passado produziu e que emergem das vozes narrativas como espécies de ruínas do dizer.

No item seguinte, como já enunciamos anteriormente, o objetivo é fazer uma leitura crítica do saber científico produzido, direta ou tangencialmente, sobre a história da imprensa homossexual no Brasil.

## 1.2. A história da imprensa homossexual brasileira em múltiplas perspectivas

A produção de saber científico sobre a homossexualidade, no Brasil, se iniciou em meados do século XX. As primeiras décadas de estudos sobre as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e as sociabilidades desses sujeitos foram realizadas por médicos e criminalistas como Almeida (1906), Ribeiro (1938) e Whitaker (1937).

O discurso médico-legal<sup>8</sup>, que balizava as primeiras obras nacionais sobre o tema, buscava colocar a homossexualidade como uma anomalia responsável por diversos desvios morais, desequilíbrios hormonais e psicopatias. O olhar lançando sobre a homossexualidade só ganha outros contornos a partir da década de 1960 com a produção dos trabalhos pioneiros de Silva (2005)<sup>9</sup>, Fry (1982), Guimarães (2004)<sup>10</sup>, Perlongher (1986;1987), Mott (1987), Parker (1991)<sup>11</sup> e Fry; McRae (1985).

As novas pesquisas se propunham a contar as tramas dos homossexuais nacionais a partir da ótica dos seus personagens. O status de anomalia, atribuída à homossexualidade, é finalmente abandonado. Estes trabalhos, apesar de seus diferentes objetos e perspectivas, compartilham matrizes institucionais e campos de conhecimento, sendo pesquisas ligadas ao Museu Nacional da UFRJ, à USP, à UNICAMP e ao Instituto de Medicina Social da UERJ e oriundas principalmente da Antropologia, da Sociologia e da História<sup>12</sup>.

<sup>8</sup> Green e Polito (2006) transcrevem trechos de diversas obras de cunho médico-legal, hoje de difícil acesso, produzidas no Brasil entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. A leitura crítica, o impacto dessa produção e sua relação com o contexto internacional podem ser obtidas em Green (2000) ou Fry e MacRae (1991, p. 60-80).

<sup>9</sup> Trata-se de um trabalho monográfico produzido em um curso de especialização da Universidade de São Paulo (USP), em 1960, que é considerado o primeiro realizado por um cientista social no Brasil sobre a temática da homossexualidade. O texto ficou fora de alcance do grande público por muitos anos até ser publicado em uma coletânea organizada por James Green, em 2005.

<sup>10</sup> Desenvolvida no âmbito do mestrado em Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1977, o trabalho de Carmen Guimarães é considerado pioneiro por utilizar a etnografia em seu *netwok* de amigos gays. A obra, porém foi publicada somente postumamente.

<sup>11</sup> O livro em referência é baseado na tese de doutorado desenvolvida na Universidade da Califórnia, entre os anos de 1981 e 1888, mas que somente foi traduzido e publicado em português em 1991.

<sup>12</sup> Para um estado da arte sobre os estudos sobre homossexualidade nas Ciências Sociais ler Soliva, *et al.* (2014) e na História, Green (2012). Um levantamento bibliográfico detalhado sobre a produção nacional até o início dos anos 2000 foi feito Green *et al.* (2003).

Contudo, a imprensa não assume a centralidade entre os novos estudos e pesquisas sobre a homossexualidade. Os meios de comunicação, quando utilizados, eram empregados como fontes ou objetos secundários. Somente com as publicações de MacRae (1990), Green (2000) e Trevisan (1986) teremos obras de projeção nacional que abordam aspectos relacionados às práticas e aos processos da imprensa homossexual.

No campo da Comunicação, no que concerne ao âmbito da pós-graduação, a homossexualidade não foi um tema abordado de forma direta ou tangencial até próximo aos anos 2000. Rodrigues e Lazarin (2014a; 2014b) realizaram um levantamento de todas as teses e dissertações produzidas em programas de Comunicação no país entre os anos de 1992 e 2008. Os autores constataram, por exemplo, que entre as 752 teses e dissertações produzidas entre o período de 1992 e 1996 nenhuma abordava aspectos relacionados à homossexualidade.

As primeiras pesquisas de pós-graduação na Comunicação sobre a homossexualidade, no período analisado, só ocorreram a partir de 1997 com os trabalhos de Patassini (1997) e Barbosa (1997). A abordagem, direta ou tangencial, de aspectos da história da imprensa homossexual só ocorreriam, por vez, a partir da virada do século, como podemos ver no quadro a seguir:



**QUADRO I**  
**Pesquisas sobre imprensa homossexual nas pós de Comunicação**  
**(1992-2015)**

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Tese/ Dissertação</b>	<b>Autor</b>	<b>Orientador</b>	<b>Temática Central</b>
2000	<i>Cor de Rosa e Carvão: o discurso positivo da diferença.</i>	Dissertação UFRJ	Antônio Carlos da Hora	Potiguara Mendes da Silveira Junior	A reconstrução da identidade do negro e do homossexual na imprensa segmentada ( <i>Raça e Sui Generis</i> ).
2000	<i>Estilo Sui Generis de Vida Gay</i>	Dissertação UFMG	Marcus Antônio Assis Lima	Rousiley Celi Moreira Maia	A construção da identidade na revista <i>Sui Generis</i> .
2001	<i>Repórter Eros. O sexo no jornalismo de revistas masculinas, femininas e gays.</i>	Dissertação USP	Valmir Costa	Dulcilia Helena Schroeder Buitoni	O tratamento dado ao sexo em revistas eróticas e pornográficas ( <i>Nova, Íntima, Sexy, Playboy, Sui Generis, G Magazine</i> )
2003	<i>Transgressão e felicidade: uma abordagem da temática homossexual a partir das cartas dos leitores enviadas à revista G Magazine.</i>	Dissertação UNB	Ellis Regina Araújo da Silva	Denilson Lopes	A identidade homossexual nas cartas do leitor da revista <i>G Magazine</i>
2006	<i>Nas páginas de eros: o jornalismo erótico em revistas brasileiras e norte-americanas</i>	Tese USP	Valmir Costa	Dulcilia Helena Schroeder Buitoni	A prática do jornalismo erótico na América do Norte ( <i>Cosmopolitan, Playboy, Men</i> ) e no Brasil ( <i>Nova, Playboy, G Magazine</i> ).
2007	<i>Corpos em evidência: um perspectiva sobre os ensaios fotográficos de G Magazine</i>	Dissertação USP	Gabriel de Oliveira Rodrigues	Dulcilia Helena Schroeder Buitoni	Análise semiótica do nu masculino nas fotografias publicadas na <i>G Magazine</i>
2007	<i>Jornal do Nuances: a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre-RS para o confronto político entre o "gay classe média" e a "bicha bafona"</i>	Tese UNISINOS	Fernando Luiz Alves Barroso	Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre	O perfil do <i>Jornal Nuances</i> e o seu posicionamento ideológico em relação ao movimento homossexual brasileiro.
2007	<i>Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays</i>	Tese UNB	Elis Regina Araújo da Silva	Denilson Lopes	A representação do corpo masculino nas revistas gays <i>G Magazine</i> e <i>Sex Boys</i>
2011	<i>O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião</i>	Dissertação Faculdade Cásper Líbero	José Augusto de Castro Heeren	Dulcilia Helena Schroeder Buitoni	A representação da homossexualidade no <i>Lampião da Esquina</i>

2013	<i>Representação do corpo masculino: relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no jornal Lampião da Esquina e na Revista Junior.</i>	Dissertação UNESP	Muriel Emídio Pessoa do Amaral	Cláudio Bertolli Filho	As representações do corpo masculino em veículos homoeróticos.
------	---	-------------------	--------------------------------	------------------------	--

Fonte: Banco de Teses da CAPES/Biblioteca online dos PPGCOMs da UFRJ, UFMG, USP, UNB, UNESP, UNISINOS e Cásper Líbero.

O panorama geral apresentado no Quadro 1, sobre as teses e dissertações produzidas no campo da Comunicação, nos últimos 22 anos, permite chegar a algumas conclusões preliminares sobre a produção de saber acerca da imprensa homossexual brasileira. As pesquisas nacionais não têm como objetivo principal perceber questões de natureza historiográficas. A análise das identidades e das representações dos homossexuais, em objetos empíricos então contemporâneos, é privilegiada em detrimento de pesquisas que se proponham a mapear ou questionar aspectos relacionados às práticas e aos processos históricos dessa imprensa.

A preponderância de revistas homoeróticas enquanto objeto empírico, em especial a *G Magazine*, também chama a atenção. A associação recorrente, em mais da metade das pesquisas, da imprensa voltada para homossexuais com questões eróticas mostra uma percepção sexualizada sobre a cultura homossexual.

O quadro da produção sobre a imprensa homossexual também reflete a trajetória das instituições de pesquisa do campo da Comunicação. As teses e dissertações se concentram em estados da Região Sudeste, local que concentra o maior número de programas de pós-graduação de Comunicação do país. As exceções são as pesquisas de Silva (2003; 2007), na UNB, e Barroso (2007), na UNISINOS.

A história da imprensa homossexual começa a ser contada na Comunicação com a dissertação de Hora (2000) que analisa as capas da revista *Sui Generis*<sup>13</sup>. A pesquisa de mestrado, orientada por Potiguara Mendes da Silveira Junior, busca compreender a reconstrução das identidades dos negros e de homossexuais e para isso analisou duas revistas segmentadas que estavam em circulação no período. Os aspectos históricos do texto se concentram na rememoração da síntese da trajetória dos nichos mercadológicos estudados.

<sup>13</sup> A *Sui Generis* foi uma revista gay brasileira de grande circulação na década de 1990. Idealizada por Nelson Feitosa, também seu editor-chefe, sua primeira edição foi lançada em 1995 e circulou até os anos 2000. Suas edições tinham uma tiragem média de 30 mil exemplares. O seu fim foi creditado a problemas financeiros.

A questão identitária na *Sui Generis* também é a problemática central para a dissertação de Marcus Lima (2000). Em sua discussão teórica, acerca da questão da homossexualidade e da cultura gay, o autor aborda, entre outros aspectos, a importância da memória coletiva e das tradições para a estabilização da identidade e a formação de comunidades. A trajetória da imprensa homossexual também é trabalhada por Silva (2000, p. 31-38), que foca nas contribuições políticas do *Lampião da Esquina*, o boom de mercado com o surgimento da *Sui Generis* e o sucesso das revistas eróticas com a *G Magazine*<sup>14</sup>.

O presentismo da abordagem e o uso de objetos que não focam somente na imprensa homossexual aproximam a dissertação de Hora (2000) com os trabalhos de Costa (2001; 2006). As pesquisas de mestrado e doutorado de Costa (2001; 2006) estão relacionadas à temática erótica na mídia impressa segmentada. Os trabalhos têm como objetos empíricos, entre outras publicações, as revistas gays brasileiras *Sui Generis* e *G Magazine*. A história da imprensa gay é utilizada apenas para a contextualização dos objetos. O autor narra o surgimento e o desaparecimento do *Lampião da Esquina* e de espaços gays na mídia tradicional, como a Coluna do Meio<sup>15</sup> de Celso Curi, além da trajetória dos seus próprios objetos.

O teor erótico da imprensa homossexual também permeia os estudos de Elis Regina Lima (2003; 2007) e Rodrigues (2007). A revista pornográfica *G Magazine* é analisada por ambos os pesquisadores. Elis Regina Lima, em sua dissertação, foca nas narrativas autobiográficas presentes nas cartas enviadas pelos leitores e na construção da identidade homossexual, enquanto, sua tese privilegia a representação do corpo masculino na revista *G* e na *Sexy Boys*. A autora também recorre a uma história síntese da imprensa homossexual, em especial das revistas homoeróticas nacionais, visando contextualizar o seu objeto.

As pesquisas de Silva (2007) e Rodrigues (2007) partilham, para além do suporte empírico, a problematização central lançada em relação à *G Magazine*. Ambos os textos problematizam a publicização do corpo nu nas fotografias publicadas da revista. O diferencial da análise está na escolha das perspectivas teóricas utilizadas. Silva (2007)

---

<sup>14</sup> A *G Magazine*, ou simplesmente *G*, foi a revista homoerótica nacional de maior projeção e visibilidade. Criada pela jornalista e empresária Ana Fadigas, em 1997, a revista circulou até junho de 2013 de forma regular e ininterrupta. Grande parte da visibilidade alcançada ocorreu pelas inúmeras capas com personalidades famosas.

<sup>15</sup> A Coluna do Meio escrita por Celso Curi era publicada diariamente no jornal *Última Hora*. O espaço é considerado a primeira experiência na grande mídia em que a homossexualidade é abordada de forma explícita e a partir da perspectiva dos gays. A coluna circulou durante três anos, a partir de fevereiro de 1976, quando foi, então, interrompida por pressões políticas.

emprega a teoria das representações sociais, os estudos de gênero e a teoria *queer*, enquanto, Rodrigues (2007) se apropria dos registros lacanianos e das categorias peirceanas para compreender a inserção discursiva dos corpos-signos..

A abordagem discursiva também foi utilizada por Heeren (2011). O autor procura compreender a produção discursiva do *Lampião da Esquina* e os compartilhamentos de sentido estabelecidos com os seus interlocutores. A identidade se faz, novamente, presente como um imperativo durante as ponderações. Como forma de apresentar o objeto, o autor conta a história do *Lampião*, tentando relacionar aspectos do seu contexto de produção com características do jornal. A perspectiva histórica também ganha corpo no trabalho quando coloca em evidência a publicação de jornais e obras literárias sobre a homossexualidade no país.

A tese de Barroso (2007) se destaca do ponto de vista do objeto escolhido. O autor trabalha com o *Jornal Nuances*, uma publicação vinculada a uma ONG de Porto Alegre, que ainda não havia sido estudado por nenhum trabalho sobre imprensa homossexual no campo da Comunicação. A tese se propõe a contar a história da publicação estabelecendo paralelos com o movimento homossexual e com suas questões políticas e sociais.

Além da centralidade do presente como característica emblema das teses e dissertações, bem como o uso da história apenas para ilustrar ou, no máximo, como uma tênue tentativa de contextualização, sobressai nas características da produção científica da área, a recorrência de alguns orientadores, que repetem durante o período a sua direção sobre a temática. Esse é o caso de Dulcília Buitoni e Denilson Lopes. Das nove teses e dissertações produzidas, seis (quatro de Buitoni e duas de Lopes) foram orientadas pelos dois pesquisadores.

**QUADRO II**  
**Pesquisas sobre história da imprensa homossexual na ALCAR e na INTERCOM**  
**(2005-2015)**

Ano	Título	Associação Científica	Autor	Nível	Temática
2007	De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil	ALCAR	Marcus Antônio Assis Lima	Doutorando	Mapeamento da produção jornalística homossexual brasileira, usando a linearidade como centro reflexivo histórico, referendando o pioneirismo do <i>Lampião da Esquina</i> e citando algumas publicações, estabelecendo marcos e modelos de jornalismo gay.
2008	Representações gays contemporâneas – da imprensa nanica à mídia de grande circulação	ALCAR	Almerindo Cardoso Simões Jr.	Mestre	Não se trata de um trabalho sobre a história da imprensa homossexual, limitando a analisar revistas gays ( <i>Junior</i> e <i>Dom</i> ) e jornais alternativos ( <i>O Sexo</i> , <i>Abalo.com.br</i> e <i>Giro G</i> ) contemporâneas e o estatuto de masculinidade proposto por elas. O autor propõe um tensionamento da visibilidade do gay hipermasculinizado com o afeminado.
2011	O <i>Lampião da Esquina</i> : discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 70.	ALCAR	Leonardo Schultz Patrícia Marcondes de Barros (orientadora)	Graduando	Trata-se de um artigo sobre o <i>Lampião da Esquina</i> , no qual o autor analisa apenas quatro dos 37 números do <i>Lampião da Esquina</i> . Enquadrando a imprensa homossexual como alternativa, o artigo se propõe a discutir questões gênero e sexualidade presentes no jornal <i>Lampião da Esquina</i> e mostrar sua relevância para a imprensa brasileira.
2013	A imprensa que não é mais alternativa: considerações sobre a imprensa homoerótica no Brasil	ALCAR	Muriel Emídio Pessoa do Amaral	Mestrando	O texto classifica o <i>Lampião da Esquina</i> como exemplo de imprensa homossexual em seu surgimento. Além disso, associa o surgimento da imprensa gay a um modelo da imprensa alternativa. Em síntese, o artigo conta a história do <i>Lampião da Esquina</i> como um jornal alternativo.
2015	Homossexuais: a nova força. Representações das capas do jornal <i>Lampião da Esquina</i> no período ditatorial brasileiro	ALCAR	Álvaro Daniel Costa e Dones Cláudio Janz Jr.	Graduando e Mestre	Artigo centra sua análise nas representações das capas do <i>Lampião da Esquina</i> . Parte do pressuposto que o jornal foi um dos principais veículos alternativos da imprensa a projetar o “universo do homossexual brasileiro”, destacando o cunho político e sarcástico do periódico.

2008	Guetos, mercado GLS e diluição de fronteiras: vivemos em uma sociedade de livre acesso?	INTERCOM	Roberto Alves Reis e Daniel Rezende Campos	Mestre e Mestrando	O trabalho não prioriza a imprensa homossexual, mas as socializações gays em um bairro de Belo Horizonte. No entanto, a história da imprensa gay aparece para compor o contexto que levou a atual conjuntura social da homossexualidade. Os autores destacam o papel do <i>Lampião da Esquina</i> .
2009	As representações da identidade gay na mídia gay: uma análise de duas revistas especializadas	INTERCOM	Julio César Marin e Liliane Dutra Brignol	Graduado e doutoranda	O artigo procura compreender a representação da identidade gay nas revistas <i>Junior</i> e <i>Dom</i> , utilizando a história da imprensa para contextualizar os objetos. O autor vincula o início da imprensa gay à imprensa alternativa e à contracultura. Cita o <i>Lampião da Esquina</i> , a <i>Sui Generis</i> , a <i>G Magazine</i> e <i>A Capa</i> . E mais uma vez o <i>Lampião</i> é apresentado como o modelo de imprensa alternativa e militante. <i>Sui Generis</i> e <i>G Magazine</i> são caracterizadas como exemplo de revistas segmentadas comerciais.
2009	Corpo e sentimento – 46 anos de imprensa gay no Brasil	INTERCOM	Joseylson Fagner dos Santos e Maria do Socorro Furtado Veloso	Graduando Doutora	O trabalho procura mapear as publicações voltadas para o público gay na imprensa brasileiro desde o seu surgimento até o momento de produção do trabalho. O artigo nomeia a imprensa homossexual com imprensa alternativa.
2009	Eles e nós: um estudo sobre a visão do jornal <i>Lampião da Esquina</i> sobre a grande imprensa brasileira	INTERCOM	Diógenes de Souza Santos, Victor Hugo de Souza Oliveira e Fernando Luz Alves Barroso	Graduandos Doutor	O trabalho procura analisar como o <i>Lampião da Esquina</i> retrata a visibilidade homossexual na grande imprensa. Para isso, analisa a primeira e a última edição do periódico.
2009	Jornalismo colorido: uma história da imprensa homossexual no Brasil.	INTERCOM	Leandro Oliveira e Marcelo Dias	Graduando Mestrando	O artigo procura mostrar “de forma resumida” um panorama da história da imprensa homossexual no Brasil, partindo do que os autores qualificam como imprensa alternativa até a chamada grande imprensa noticiosa.
2009	O discurso presente na revista <i>DOM</i> : pluralidade de um imprensa segmentada no público gay?	INTERCOM	Luiz Henrique Coletto e Márcio Franz Amaral	Graduando Doutora	Tendo como objeto central de análise a revista <i>DOM</i> , o autor por meio da análise do discurso procura identificar as “formações discursivas” presentes no editorial da primeira edição do periódico, para verificar os propósitos da

					revista e as temáticas mais recorrentes. Inicialmente faz o que denomina “pequeno resgate histórico da imprensa gay brasileira”, caracterizando os principais periódicos.
2009	O masculino Gay na Revista <i>DOM</i>	INTERCOM	Maria Paula Piotto da Silveira Guimarães	Doutoranda	O objetivo principal do artigo é perceber a construção identitária do homem nas revistas masculinas. Privilegiando uma abordagem semiótica, analisa o masculino presente na revista <i>DOM</i> , para observar como se articulam “os regimes de visibilidade e de interação”, que, segundo ela, “corroboram para o simulacro do masculino gay.
2011	<i>O Lâmpião da Esquina</i> : discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 70	INTERCOM	Gabriela Mesquita de Garcia e Leonardo Schultz	Graduandos	Trata-se de um artigo sobre o Lâmpião da Esquina, no qual o autor analisa apenas quatro dos 37 números do <i>Lâmpião da Esquina</i> . O mesmo artigo sem qualquer alteração foi apresentado por Leonardo Schultz com a professora orientadora no Congresso Nacional da ALCAR em 2011.
2012	Análise de conteúdo dos editoriais do jornal <i>Lâmpião da Esquina</i>	INTERCOM	Carolina Alves e Renata Rezende	Graduando Doutora	Analisando o conteúdo dos editoriais do primeiro ano do Lâmpião da Esquina, o objetivo é compreender a posição editorial do jornal. Contextualiza o jornal do contexto da ditadura militar.
2012	Homem e masculinidade em revista no Brasil	INTERCOM	Gustavo Boaventura	Mestrando	O artigo destaca e procura historicizar as publicações direcionadas para homens desde o século XIX. Nessa construção linear, o autor faz referência à imprensa homossexual através das revistas G Magazine, Sui Generis, Junior e DOM.
2012	O movimento homossexual no Brasil: construção da identidade, eventos e visibilidade midiática	INTERCOM	Elaine Cristina Gomes de Moraes e Murilo Cesar Soares	Mestranda Doutor	Analisa o movimento homossexual e eventos que produz, como estratégia de comunicação. Destaca a parada do orgulho gay de Bauru como estratégia comunicacional de visibilidade do discurso sobre o movimento homossexual. No transcurso do texto caracteriza o cenário da década de 60 e 70 e cita do <i>Lâmpião da Esquina</i> e <i>O Snob</i> como porta-vozes desses grupos.
2012	Publicações destinadas aos homossexuais no Brasil: <i>O Snob</i>	INTERCOM	Ana Kelma Gallas, Yakowenko Guerra de	Mestranda Graduado	Investiga “os primórdios” da imprensa gay, como alternativa, estabelecendo um estudo comparativo entre os jornais <i>O Snob</i>

	(1963-1969) e <i>Lampião da Esquina</i> (1978-1981).		Oliveira		e o <i>Lampião da Esquina</i> . Os autores destacam o caráter de colonismo social do primeiro periódico, enquanto enaltecem o posicionamento político do segundo.
--	--	--	----------	--	---

Fonte: Anais dos Congressos Nacional da INTERCOM e dos Congressos Nacionais da ALCAR (2005-2015).

Os *anais* dos congressos nacionais da INTERCOM e da ALCAR, por sua vez, permitem perceber outras características sobre a produção científica do campo da Comunicação. Em dez anos de levantamento bibliográfico dos artigos apresentados nestes congressos foram publicados quase o dobro se comparado ao número de teses e dissertações produzidas ao longo de 22 anos. Chama também a atenção o nível de formação dos autores desses artigos científicos. Os trabalhos são produzidos, em sua maioria, por alunos de graduação ou mestrado. Os doutores, em sua totalidade, assumem nessa produção o papel de orientador. Isso revela a abertura da nova geração de pesquisadores para a temática da imprensa homossexual.

O crescimento exponencial do número de trabalhos não é seguido, entretanto, pela variedade dos objetos empíricos escolhidos. O *Lampião da Esquina*, que é privilegiado pelas sínteses históricas das teses e dissertações, também domina o conteúdo dos artigos. Entre os dezessete trabalhos, seis têm como foco de pesquisa aspectos relacionados diretamente ao jornal, enquanto outros oito abordam a trajetória e a importância do *Lampião da Esquina*. Dessa forma, mais de 80% dos artigos publicados estão relacionados ao jornal.

A análise comparativa, entre as teses, dissertações e os artigos, permite perceber uma diferença de abordagem na escolha dos objetos empíricos elencados como centrais nas pesquisas. A imprensa homoerótica, principalmente a *G Magazine*, que se destacava nos trabalhos da pós-graduação passa a ser silenciada nos artigos. As revistas pornográficas, voltadas para o público homossexual, são inseridas na produção dos artigos analisados, principalmente, através das sínteses sobre a história da imprensa homossexual.

O cruzamento da produção das teses e dissertações com os artigos científicos também possibilita perceber a continuidade de características acerca da forma como a história da imprensa homossexual vem sendo contada pelo campo da comunicação. Aspectos historiográficos continuam quase não sendo considerados nessas produções.

O número de pesquisas que adota a história da imprensa homossexual como objetivo principal, no entanto, aumentou significativamente ao considerarmos como parâmetro as publicações de artigos científicos da área. Contudo, impera uma história



linear e evolucionista. Para Ricoeur (1997), essa opção pela linearidade da história, tem o seu domínio na ideia de mito fundador. A obsessão pela origem reduz a singularidade dos acontecimentos históricos a leis universais. A tirania da gênese imortaliza e inflexibiliza os momentos elencados como marcos da trajetória linear e evolutiva, no caso do nosso objeto, da imprensa homossexual. O fazer histórico assume uma abordagem reducionista, em que as dinâmicas do tempo estão mortas perante os olhos do pesquisador que baseia sua narrativa através de uma cadeia causal de feitos (DOSSE, 2013).

A história centrada sobre os nascimentos está, nessa perspectiva, a serviço da mania do julgamento e da apreciação de valores. Ao inquirir as origens o passado é utilizada para justificar ou condenar o presente. As origens estabelecidas passam a ser interpretadas como um começo que basta para explicar (BLOCH, 2001).

Na história da imprensa homossexual construiu, portanto, em torno do *Lampião da Esquina* o mito da origem fundadora, e isso é corroborado pela revisão bibliográfica das teses, dissertações e artigos que realizamos. Esta lógica da linearidade e da construção de uma seta em direção ao futuro, que, segundo alguns autores (DOSSE, 2013), seria influenciada pelo pensamento cristão, faz com que o *Lampião* seja percebido como o grande salvador da representação conferida à visibilidade homossexual. Os jornais que o antecederam são citados, mas não vale a pena descrevê-los ou pesquisá-los: suas histórias servem, apenas, para exemplificar um período anterior de incertezas e trevas. As publicações que sucedem o *Lampião* são constantemente comparadas a ele. E seu modelo jornalístico deve ser adotado como parâmetro de conduta.

A história construída no campo da comunicação, sobre a imprensa homossexual, privilegia também uma narrativa marcada pela ausência de multiplicidade. Os textos são unilineares, os objetos são apresentados de forma meramente descritiva e episódica. A continuidade temporal da história adapta-se à ideia de progresso. A sucessão dos acontecimentos visa demonstrar o percurso do espírito humano na marcha rumo à promessa de redenção localizada no futuro.

A ênfase na ruptura produzida por fatos considerados marcantes não é, evidentemente, uma característica somente dos estudos históricos sobre a imprensa homossexual. Segundo Ribeiro e Herschmann (2008), essa característica permeia os estudos em história da comunicação e da mídia de forma geral.

A chave para a superação de uma história causal/linear é a adoção de um fazer histórico que privilegie o processo (THOMPSON, 1987; 2001). A história narra a ação

humana que é permeada por conflitos, permanências e discontinuidades, e esses processos devem ser revelados pelo texto do pesquisador.

Há também nas dissertações, teses e artigos sobre a imprensa homossexual uma outra forma de uso da história: o histórico retrospectivo apresentado no corpo dos textos como introdução ou capítulo. A história aparece como mera ilustração, como se o passado fosse indispensável de ser visualizado, para produzir nexos quase que automáticos. Não há, enfim, uma preocupação historiográfica. A história funciona como uma espécie de pretexto para dizer que há um conhecimento maior sobre o assunto. Não há propriamente relação dos momentos históricos com a pesquisa que realizam. A história constitui-se, assim, numa espécie de iluminação. As duas abordagens identificadas não são excludentes, já que a maioria dos textos adota ambas as perspectivas.

A maioria das pesquisas sobre imprensa homossexual, sem suas retrospectivas históricas, utilizam quase sempre as mesmas referências bibliográficas, o que acaba reforçando uma visão linear e unidirecional da história. Os artigos, dissertações e teses, que realizam o mapeamento da história da imprensa homossexual, consultam, majoritariamente, as obras de Green (2000) e MacRae (1985) para referendar o debate de aspectos do movimento e da imprensa homossexual brasileira. Esses autores, como já alertava Facchini (2005), seguem, ambos, um viés evolucionista que enaltece a atuação do *Lampião da Esquina* e do grupo *Somos*, que tem seu surgimento atribuído à influência do jornal.

Ainda sobre a bibliografia, a obra de Kucinski (2001) aparece entre as mais citadas. O autor conceitua, analisa e descreve a imprensa alternativa brasileira que circulou no período da ditadura militar brasileira. O *Lampião*, segundo Kucinski (2001), teria sido um jornal que se enquadraria na produção da imprensa alternativa brasileira das décadas de 1960-1980. No entanto, não é possível aplicar de uma forma indiscriminada o conceito para todas as publicações homossexuais que circularam no período. Essa generalização é feita pela maioria dos estudos.

O *Snob*, por exemplo, que é citado pela maioria dos artigos, dissertações e teses como modelo dos jornais homossexuais que circularam na década de 1960, não pode ser categorizado como imprensa alternativa, pois, segundo os critérios estabelecidos pelo próprio Kucinski (2001, p.72) o associativismo, a ênfase das práticas realizadas no plano social e as ações que visam implicações nas mudanças dos hábitos no âmbito da família seriam características que diferem do jornalismo alternativo.

O *Snob* era produzido por uma turma de homossexuais, assim como outros vinte jornais com a mesma temática do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo entre os anos de 1960 e 1980. As turmas eram agremiações sociais que possuíam estruturas e hierarquias internas rígidas contando, muitas vezes, com estatuto, ata das reuniões, eleições e um grupo dirigente. Suas atividades se concentravam na promoção de atividades sociais nas esferas pública e privada. As práticas de socialização desses grupos foram responsáveis por iniciar uma verdadeira revolução de costumes, mesmo não estando ligadas a uma postura estritamente política e militante (COSTA, 2010). Essas características impossibilitam, portanto, a associação direta da prática do jornalismo homossexual com a imprensa alternativa.

A imprensa alternativa possuía jornais e revistas voltadas para o público homossexual, mas o jornalismo homossexual não é alternativo como um todo desde o seu surgimento. A imprensa homossexual é detentora de uma identidade própria, de um saber/fazer específico, que difere do fazer jornalístico da imprensa tradicional e da imprensa alternativa, como veremos no capítulo seguinte.

Como alguns autores sublinham (BRAGA, 1991) a imprensa alternativa, no que concerne as questões de gênero, tendiam a adotar uma postura heteronormativa, o que é passível de observação na análise do *Pasquim*, tido como principal símbolo dessa experiência alternativa nacional.

O levantamento bibliográfico realizado neste capítulo permite também perceber o uso recorrente de fontes secundárias em detrimento da análise documental. Os trabalhos reproduzem, assim, visões já cristalizadas de outras pesquisas que, muitas vezes, também não consultaram diretamente as revistas e os jornais. Entre os artigos que tinham como meta específica produzir uma síntese da trajetória da imprensa homossexual no país, apenas poucos trabalhos consultam diretamente parte dos objetos descritos.

Isso traz um problema para o universo da pesquisa histórica sobre a produção de periódicos homossexuais do Brasil, na medida em que solidificam o mito da origem do *Lampião da Esquina* e o caráter alternativo de toda essa imprensa, quando a rigor há diversas nuances para perceber esse universo, como veremos nos próximos capítulos. A não utilização dos jornais como fontes primárias – apesar de dezenas deles estarem depositados em arquivos públicos de acesso livre e gratuito – é problemático, ainda mais em pesquisas cuja dimensão histórica é o centro da reflexão.

A totalidade das pesquisas também não se vale do pressuposto de que muitos desses atores sociais que editaram, redigiram e participaram da organização desses periódicos

ainda estão vivos e poderiam, assim, possibilitar outro tipo de interpretação através de suas ruínas de memórias.

Dessa forma, no nosso entendimento, o cruzamento das entrevistas, tomadas como pressuposto metodológico de maneira bem específica, como veremos no item seguinte, com a pesquisa documental traria para as investigações outras dimensões interpretativas.

Assim, no próximo item, explicaremos os pressupostos metodológicos centrais que dominaram a reflexão presente nesse trabalho. O nosso objetivo é apresentar as duas ações metodológicas que realizamos – a entrevista, como história de vida, a partir dos pressupostos da história oral, e a consulta de 34 jornais da imprensa homossexual – e refletir sobre os limites e ganhos de se utilizar em convergência essas duas ferramentas metodológicas.

### **1.3. Entre novas veredas: apontamentos metodológicos**

A história da imprensa homossexual, como já havíamos dito, só pode ser contada a partir dos vestígios que nos chegam do passado. Ao pesquisador, cabe definir quais tipos de fontes serão utilizados, o estatuto a elas conferido e a forma de lidar com suas informações. Como chave metodológica, nessa dissertação, procuramos cruzar a análise documental com as histórias de vida, realizadas segundo os pressupostos da história oral.

Os exemplares ainda existentes dos jornais homossexuais do passado e o testemunho daqueles que atuaram nos jornais e nas revistas serão considerados documentos históricos, que não são detentores da verdade absoluta, mas que permitem contar uma história possível sobre os processos e práticas dessa imprensa.

A história não pode e não deve ser considerada a recuperação verdadeira e indelével do que aconteceu no passado. Há sempre trabalhos de reconstrução e reconfiguração em todas as análises que são feitas pelo historiador.

Há ainda que se considerar que o documento não é neutro e possuidor de uma verdade absoluta. Mesmo sendo um documento/monumento (LE GOFF, 2012), o documento não estabelece diálogos com o pesquisador a não ser a partir das perguntas que ele pode fazer a documentação. Ignorar os jornais significaria, no nosso entendimento, a cristalização de interpretações, a produção de silêncios e, o mais grave, a ação de referendar mitos que são reproduzidos sistematicamente em torno das mesmas interpretações históricas, como procuramos mostrar no item anterior.

Por outro lado, não se valer dos trabalhos da memória daqueles que foram personagens desse período histórico seria relegar a pesquisa a um outro tipo de silenciamento. O relato daqueles que viveram a produção desses periódicos e que, embora atravessados pelos limites de suas próprias lembranças (em memórias esquecidas, manipuladas, abusadas, subterrâneas e em disputa, entre outros processos da dimensão dos jogos memoráveis), são, antes de tudo, testemunhas desses processos históricos.

A fala desses personagens em suas memórias delírios, muitas vezes, revela experiências e vivências que não podem ser desprezadas. Nos dois movimentos, ou seja, tanto no uso das memórias dos personagens dessa história como testemunho do passado, como na análise dos documentos por eles produzidos estamos tentando caminhar do passado em direção ao presente, mas, sobretudo do presente em direção ao passado.

A dimensão do presente está, evidentemente, contida na análise não só porque a memória é do presente (HALBWACHS, 2003), isto é, constituída a partir das ações nos grupos hoje, que falam de um passado imerso no presente de suas vidas e, assim, são condicionados e influenciados por essa dimensão. A dimensão do presente também está contida na análise documental, na medida em que é do presente que olhamos a documentação e produzimos interpretações sobre o passado.

Ao trabalhar com um segmento social marginalizado, sentimos a necessidade de uma metodologia que privilegiasse a voz dos atores sociais do passado na narrativa histórica. Parecia contraditório que, ao pesquisar sobre a forma como os gays produziram seus discursos de representação, criticando o silenciamento ao qual os homossexuais foram relegados, não fossem utilizados com fonte os testemunhos dos personagens que vivenciariam esses acontecimentos. Por isso, também, optamos pelos pressupostos da história oral ao realizarmos as entrevistas (histórias de vida) como ferramenta de análise, pois, elas permitem que os personagens que participaram da criação da imprensa homossexual ajudem a contar essa história, as suas histórias.

A história oral, através do conceito de experiência, dá voz a personagens da História que, em tese, não tinham o direito de falar. Com isso, quebra o pressuposto monolítico da verdade positivista sacralizada no uso do documento escrito que tinha predominado na história tradicional.

As críticas realizadas, pela utilização de depoimentos, acreditavam que a subjetividade dos personagens tiraria a validade da narrativa histórica, e a insatisfação com os métodos em voga foi o que permitiu vislumbrar o potencial das entrevistas nos estudos sobre os acontecimentos do passado. A história oral possibilitou perceber que existem

verdades, que pode existir sempre mais de uma forma de narrar os acontecimentos, que existe, ao menos, a história do vencedor e do vencido, do dominador e do dominado (ROUCHOU, 2000).

O relato, presente na transcrição da entrevista, não se compromete a ser o passado “tal como efetivamente ocorreu”, mas uma representação do passado que se torna relevante pela valorização do sujeito como observador participante que carrega em si as marcas do tempo. Como destaca Alberti (2013, p. 26), “a entrevista adquiriu estatuto de documento, mas isso não quer dizer que a história oral tenha se ajustado aos ditames da história positivista”.

Para Alberti (2013, p.26), as falhas da memória e os erros do relato não têm a menor importância, já que as reflexões memoráveis devem ser incluídas em uma categoria mais ampla em que se deve perguntar as razões de o entrevistado conceber o passado dessa ou daquela forma incluindo aí os erros ou falhas presentes no seu relato memorável.

Na história oral, o pesquisador/entrevistador compartilha o seu lugar de produtor do discurso histórico com o entrevistado. A narrativa histórica passa a ser uma arte multivocal, como sugere Portelli (2010), por só tomar forma quando a memória é evocada verbalmente na pesquisa de campo, sendo organizada no diálogo entre entrevistado e entrevistador. A ideia de que existe o observado e um observador seria, assim, uma ilusão herdada que precisa ser abandonada.

A relação entre entrevistador e testemunha produz, como resultado da entrevista na história oral, um rico painel polifônico como sugere Barbosa (2016). Para a autora, a narrativa testemunhal é formada pela invasão do universo discursivo daquele que é o entrevistado, o qual utiliza de sua memória para explicar publicamente o que foi dito, ao mesmo tempo, em que o entrevistador, por meio de intervenções pontuais, o auxilia a lembrar.

Para que o resultado esperado seja alcançado, é necessário que haja cumplicidade e confiança entre os personagens envolvidos. Portanto, todo o processo deve ser marcado por uma ambiência que permita ao entrevistado se sentir à vontade. Isso requer do pesquisador a responsabilidade e o compromisso com a condução da entrevista e na maneira de lidar com as informações. Deve-se sempre levar em consideração as consequências das falas contidas no depoimento, pois, elas representam pedaços de histórias de vidas e o seu uso irresponsável pode trazer consequências para o depoente.

Entre as diversas abordagens possíveis de serem privilegiadas no uso da história oral optamos pelo uso das histórias de vida dos entrevistados. Esta abordagem vem sendo

desenvolvida no Brasil pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil-Cpdoc da Fundação Getúlio Vargas, que foi pioneiro na sua utilização. A instituição define a história oral como “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2013, p. 24).

A trajetória de vida, desde a infância até o momento presente, é considerada a partir dos atravessamentos da experiência pelas conjunturas políticas, econômicas, sociais e culturais nas quais o depoente estava inserido. O roteiro da entrevista deve promover, por meio das perguntas, o cruzamento do macrossocial com o individual e o institucional.

Para a aplicação do método da história oral em estudos sobre a mídia, especialmente o jornalismo, como é o caso desta pesquisa, recorreremos aos apontamentos teórico-metodológicos de Ribeiro (2015). A autora, a partir do diálogo da sua experiência profissional com o referencial teórico da história, destaca pontos importantes a serem seguidos pelos pesquisadores da comunicação na escolha do entrevistado, na produção, na realização da pesquisa, na elaboração do roteiro, na realização da entrevista e no tratamento dado aos depoimentos.

A escolha dos entrevistados, para essa dissertação, obedeceu ao critério de selecionar testemunhas que participaram de forma ativa da produção de jornais que marcaram fases da imprensa homossexual entre os anos 1960 e 1980. Alguns personagens de destaque dessa história já haviam concedido entrevistas a outros pesquisadores, e, assim, incluímos esses depoimentos entre as nossas fontes. São eles: a entrevista com Agildo Guimarães, realizada por Rogério Costa, os depoimentos de Anuar Farah e Paulo Fatal, concedidos a Thiago Soliva e as entrevistas feitas por Claudio Roberto da Silva com os colaboradores do *Lampião* João Silvério Trevisan, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascrenhas, Peter Fry, Roberto Piva, Edward MacRae, James Naylor Green, Glauco Mattoso, Celso Curi, Luiz Mott, Antônio Carlos Moreira, Dolores Rodrigues, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, José Fernando Bastos e Alexandre Ribondi.

Além disso, fizemos mais três entrevistas para completar esse painel já existente. Todas foram realizadas com personagens atuantes da imprensa homossexual que ainda não haviam falado de suas experiências. Assim, entrevistamos Alceste Pinheiro, Marisa Nunes e Helio Carvalho da Fonseca. Diversos outros encontros foram realizados em São Paulo e Rio de Janeiro, entre os anos de 2015 e 2017, com lésbicas e gays que participaram de jornais homossexuais, mas que não autorizaram gravar os encontros.

Os personagens da história da imprensa homossexual brasileira são, em sua maioria difíceis de serem localizados. Os produtores dos jornais e das revistas, em quase sua totalidade, atuaram na imprensa de forma pontual, o jornalismo não era sua principal fonte de renda ou profissão principal. Além disso, muitos morreram jovens, alguns por causa da AIDS nos anos 1990. Acrescenta-se também o fato de muitos assinarem seus textos com codinomes femininos, o que torna difícil a localização desses personagens no presente.

Aliada a essa fonte usamos também, como já destacamos, a pesquisa documental. Para isso usamos 33 jornais encontrados nos arquivos Edgar Leuenroth, na UNICAMP, no arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, no Arquivo Público Estadual de Recife, no Acervo Bajuba, no arquivo da Turma Ok e na biblioteca do Grupo Dignidade. Essa documentação, relativamente inédita, constituída de perto de 2 mil páginas de jornais e revistas nos permitiu traçar um rico painel dessa imprensa até então não realizada em profundidade

Sendo assim cabe uma breve reflexão sobre a forma como consideramos esses documentos. Não sendo transparentes neles mesmos podem, entretanto, revelar muito das práticas realizadas pelos seus realizadores no momento de sua produção e ao mesmo tempo deixar antever a polifonia de vozes contidas em seus discursos.

A histórica classifica o conjunto daquilo que remanesceu do passado intencionalmente ou não, em duas categorias: os documentos e os monumentos. Para Le Golf (2012) o monumento é um sinal do passado, é tudo aquilo que pode evocar a memória, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. Já os documentos seriam as provas, o fundamento do fato histórico.

Durante o período positivista o documento se tornou fundamental, não existindo histórica sem documento. Entretanto, até mesmo o documento precisa ser analisado e questionado, como já mencionamos. Ele não é isento de valores e/ou falas de emissores do poder do seu momento de produção, mas sim um produto da sociedade que o fabricou, em seu discurso esta presente a voz de quem o produziu, sua classe e sua finalidade. Nenhum documento se refere a uma verdade absoluta sobre o passado.

Cabe ressaltar também a emoção e a experiência singular vivenciadas diante desses arquivos tão ricos e pouco explorados e que não se resumiam a guarda de velhos jornais. Entre os documentos objetos pessoais dos produtores desses periódicos que foram doados pelos integrantes de suas famílias pós-morte, a maioria das vezes, deixava ver velhas cadernetas de anotações de telefones entre outros objetos produzindo nexos e sentidos sobre o passado. Ali, esses personagens, muitas vezes distantes, ganhavam vida e tornavam-se próximos de outras existências.



Para além desse aspecto mais emocional, os jornais e revistas ali depositados formam um painel multifacetado da imprensa homossexual brasileira em duas décadas do século XX que nos permitiu construir esse trabalho de pesquisa. É desse painel que se ocupam os próximos capítulos dessa dissertação. No segundo, o objetivo principal é caracterizar os jornais da imprensa homossexual destacando aspectos relacionados à construção desses periódicos, e, no último capítulo, o centro reflexivo recai sobre os modelos identitários e jornalísticos que podem ser aferidos a partir do conteúdo dessas publicações.

## Capítulo 2 - O cenário multifacetado da imprensa homossexual: processos de construção jornalística

*"Bonecas de todo o Brasil, uni-vos a la lucha. Somos mariconas pero somos muchas!"(Divina, 1984, p.20)*

Da maioria restou muito pouco. Poucos números, alguns bem conservados, outros em péssimo estado, revelando talvez o manuseio extensivo e a forma como foi guardado ao longo do tempo. Alguns chegaram a ser editados em até 50 páginas, mas a maioria ostentava as oito páginas tradicionais dos jornais de pequeno porte e feitura artesanal.

Vasculhando os arquivos Edgar Leuenroth, na UNICAMP, o arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, o Arquivo Público Estadual de Recife, o Acervo Bajuba, os arquivos da Turma Ok e da biblioteca do Grupo Dignidade<sup>16</sup> e arquivos pessoais conseguimos encontrar 33 jornais homossexuais que circularam entre 1963 e 1988.

O objetivo desse capítulo é traçar uma radiografia da imprensa homossexual brasileira a partir da análise dos próprios periódicos. Um olhar mais acurado sobre as publicações revelam muito da sua história. Olhando esses exemplares podemos desvendar não apenas dados mais gerais, tais como número de páginas, período de publicação, circulação e preço de capa, mas outros que estão, de certa forma, escondidos nas páginas desses veículos, alguns com nomes pomposos e outros muitas vezes estranhos.

Os próprios periódicos podem mostrar os processos tecnológicos de sua produção, a forma como eram distribuídos, como eram produzidos, quem eram os editores e redatores principais dessas publicações.

Para facilitar a análise dos dados, reunimos as informações em três quadros temáticos – que sintetizam os dados brutos da pesquisa. O primeiro caracteriza de maneira geral os 33 periódicos: do *Snob*, de 1963 ao *Anjo*, de 1988. Os outros foram divididos por aspectos referentes à sua produção tecnológica e às formas de financiamento das publicações.

---

<sup>16</sup> O Grupo Dignidade é uma organização não governamental fundada, em 1992, na cidade de Curitiba. A instituição é voltada para a promoção da cidadania LGBT, entre suas ações o grupo mantém um acervo de histórico. Uma de suas iniciativas foi a digitalização da coleção completa do *Lampião da Esquina*. As edições digitalizadas do *Lampião da Esquina* podem ser consultadas no endereço: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

O primeiro quadro (QUADRO III) lista os 33 periódicos por ordem cronológica tentando mapear suas características gerais. Analisando-o, podemos chegar a várias conclusões que iniciam o percurso da radiografia que queremos construir.

### **2.1. Do *Snob* ao *Anjo*: três décadas de imprensa homossexual**

Procuraremos neste item discorrer de maneira geral sobre as características da imprensa homossexual procurando agrupar e analisar os jornais a partir das décadas de seu surgimento. Dessa forma, o primeiro subitem se ocupa dos jornais surgidos na década de 1960. Além de apresentarmos os jornais, procuramos identificar os seus editores e as características que os aproximam de outros periódicos surgidos no mesmo período. No subitem seguinte o foco recairá sobre os jornais surgidos na década de 1970 e, por último, apresentaremos os periódicos que apareceram no decorrer da década de 1980.

**QUADRO III**  
**Jornais Homossexuais Brasileiros – 1963-1988**

Jornal	Período de Publicação	Exemplares encontrados	Editores principais	No. de Páginas	Cidade	Outras observações
O Snob	1963 - 1969	11 exemplares de 1963 3 exemplares (1, 2, 3) de 1964 7 exemplares de 1965 1 exemplar (n.º 10) de 1968	Grupo <i>Snob</i> Editor: Agildo Guimarães	Inicia com 2 e no último ano de circulação chega a ter edições com 60	Rio de Janeiro (RJ)	Foi encontrado ainda um Calendário para o ano de 1968.
Le Sophistique	1966	2	Diretora: Adriana de Gueiros; Fotografia: Tula Morgani; Colunistas: Elizabeth Gerard e Lia França Colaboradores: Lady Gilka Dantas, Shantang e Greta	12	Campos (RJ)	
Felinos	1967 - 1968	1, 3, 4, 5	Editor: Gato Preto Equipe: Leão Dourado	7	Niterói (RJ)	Inicialmente era um suplemento do <i>Snob</i> passando posteriormente ser uma publicação independente. Existe um segundo exemplar também editado como número 4.

Gay Society	1967	3 e 6 de 1968	Turma Vid's - Very Important Dolls	Entre 17-19	Salvador (BA)	
Le Femme	1968 - 1969	1 e 6	Bianca Marie du Martinelli	22 e 49	Niterói (RJ)	
O Tiraninho	1968		Turma Vid's - Very Important Dolls	5	Salvador (BA)	Foi encontrado um único número s/n
Baby	1969	1, 2 e 4	Paulette Godiva	Entre 8 - 11	Salvador (BA)	
Boletim Informativo da Caixinha	1976	3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e um S/N.	Turma Caixinha. depois chamada de Caixinha Zona Sul.	Média 8	Rio de Janeiro (RJ)	Na edição de 10 de novembro de 1976, n. °8, e acrescentado o nome "O Zona Sul" ao título do jornal
Gente Gay	1977.	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 15	Agildo Bezerra Guimarães	Média de 30	Rio de Janeiro (RJ)	Foi encontrada também uma Mini Enciclopédia Homossexual.
Mundo Gay: o jornal dos entendidos	1977	3	Editor: Antonio Massaro Kirihara; Diretor de Arte: Luiz Kozzo; Redatores: Aristides Penaforte	13	São Paulo (SP)	
Entender	1977	1, 2, 3, 4 e 5	Entender Produções. Editor : J.R.M, Consultor científico: Manoel Messias Bacco (psicanalista), Ilustração: Kreuder e Gilberto Duarte; Fotos: Mauro Moura	16	São Paulo (SP)	
Lampião da Esquina	1978 - 1981	37 edições, mais o número zero e três edições extras	Editor: Agnaldo Silva	Média 20	Rio de Janeiro e São Paulo	Foi encontrada a totalidade da coleção.

Jornal do Gay-noticiário do mundo entendido	1978 - 1980	2, 3, 7, 8	Circulo Corydon - Antonio Massaro Kirihara	Média 25	São Paulo (SP)	O Círculo Corydon editou três veículos entre o final da década de 1970 e os anos 1980.
Gay News - Informativo mundial dos entendidos	1979	1, 3, 4	Henry Tudor Bookshop David Wallace Brown	Média 20	São Paulo (SP)	O Gay News foi comprado pelo Circulo Corydon e passou a ter como subtítulo Jornal Homossexual de Informação & Prazer
Suruba	1979 - 1980	Número 0, 1	Grupo Somos		São Paulo (SP)	
Jornal For Gays	1980	1	Walfrido	4	São Paulo (SP)	O jornal está associado com o bar Drink's Thel's Bar.
Gatho - Grupo de atuação Homossexual	1980	1, 2, 3, 4	Gatho - Grupo de atuação Homossexual	4	Olinda (PE)	
Leva e Traz	1980	Número 0	Grupo Somos	2	São Paulo (SP)	
O Corpo	1980 - 1984	0, 3, 4, 5, 6 e dois S/N.	Grupo SOMOS- Grupo de Afirmação Homossexual.	Entre 5 e 16	São Paulo (SP)	
Journal Gay - Internacional	1980 - 1984	1, 3, 4, 5, 6, 12 e uma edição S/N	Liga Elenista - Editor: Antonio Emilio Teixeira Borges, Diretor: Daniel Franco, Jornalista Responsável: Vicente Roberto de Aquino, Redator Chefe: Italo Bruno, Redatores: Marlene W. Vieira e Pedro Rocha Nogueira	Entre 30 e 32	Guarulhos (SP)	A Liga Elenista, na edição nº6 do Journal, muda sua sede para São Paulo onde a publicação passa a ser editada

Gay News-Jornal Homossexual de Informação & Prazer	1980	1, 2, 3, 4 e 5	Circulo Corydon - Antonio Massaro Kirihara Redator: Marie José Eynard*	8 pgs.	São Paulo (SP)	Anteriormente (1979) foi editado com o subtítulo Informativo mundial dos entendidos
ChanacomChana	1981 - 1987	1, 8, 12, 4 e uma edição S/N	GALF - Grupo de Ação Lésbico Feminista. Conselho editorial: Fanny, Maria Serrath, Teca, Redação e Diagramação: Maria Serrath, Fotografia: Cristina, Fanny e Silvana, Colaboração: Maria Carneiro da Cunha e Nair Benedito	Entre 4 e 40	São Paulo (SP)	
Nos Também	1981	1 e 2	Grupo Nós Também	Entre 2 e 4	João Pessoa (PB)	
Facção Homossexual	1981	1 e 2	Convergência Socialista, grupo Facção Homossexual	4	Rio de Janeiro e São Paulo	
Boletim do G.G.B.	1982 - 1987	Edição de 1982 (S/N) e 2, 3, 6, 15.	Grupo Gay da Bahia - Luiz Mott	Média 12	Salvador (BA)	
Boletim Informativo Grupo Dialogay/se	1982 - 1983	3, 4, 5, 6	Grupo Dialogay. Direção: Wellington Esperança; Editor Geral: Wellington Andrade, Diagramação: Mara Lopes; Redação: "Vários".	Média 20	Aracajú (SE)	
Pleigui - Jornal do Homo	1982	1, 2, 3 e 4	Aguinaldo Silva	31	Rio de Janeiro (RJ)	O jornal editou quatro números.
Okzinho	1983 - 1987	49 edições	Turma Ok - editor Agildo Guimarães	Entre 15 e 35. Algumas	Rio de Janeiro (RJ)	O jornal ainda que com circulação irregular

				edições com mais de 50 páginas.		continua existindo até 2017.
Triangulo Rosa	1986 - 1988	1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15/16, 17.	Pertencia ao grupo Triangulo Rosa	Inicia com a média de 5 e termina entorno de 20	Rio de Janeiro (RJ)	Em outubro de 1986 é lançado uma edição profissional do Triângulo Rosa, em seu editorial a publicação revela que pretendia deixar de ser um boletim informativo para se tornar um jornal com maior circulação. O nova proposta é enumerada como nº1. Contudo os boletins continuam a circular
Informativo Associação Galf	1987	Jul, ago, set, nov. 1987.	GALF - Grupo de Ação Lésbico Feminista.	Media 2	São Paulo (SP)	
Jornal do Jatobá	1988	Número 0	ATOBA - Movimento de Emancipação Homossexual. Presidente: Rodolfo, Vice: Valmir Chuva, Secretario: Jorge; Tesoureiro: Garcia; 1ª Vogal: Lidia; 2º Vogal: Ivo; Relações Públicas: Paulo Cezar	4	Rio de Janeiro (RJ)	



Anjo	1988	2	Anjos's Club - Mirko Novich Editor	20	São Paulo (SP)	
Boletim Informativo LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual	1988	1, 2	LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual Presidente: Ubiratan da Costa e Silva	12	São Paulo (SP)	

Elaborado pelo autor, a partir de indicações presentes nos próprios periódicos.

### 2.1.1. A imprensa homossexual na década de 1960.

As fontes documentais mais antigas da imprensa homossexual localizadas datam de 1963 com o lançamento do jornal *O Snob*. Porém, ao que parece, o jornalismo homossexual teria se iniciado alguns anos antes. A Turma Ok havia lançado, em 1961, o jornal o *Taradinho* que se fundiria com o *Glamour*, dando origem ao jornal *Terceira Força*. Essas informações são descritas pelo primeiro jornal localizado. No *Snob* há referências aos seus predecessores. .

Há ainda um outro possível marco de origem, o jornal *Le Femme* faz referência a publicação *La Vedetta* como: o "primeiro jornal gay do estado do Rio" (*Le Femme*, Ano 2, n. 6, dez. jan. fev. 1969, p. 2). O periódico teria sido criado por Conchita, Adriana de Gueiros e Bianca Marie na cidade de Campos em 1958. Contudo, não encontramos nenhuma menção a esse jornal no restante da imprensa, enquanto os jornais da Turma Ok são mencionados em diversas ocasiões pelo *Snob* e *Okzinho*.

Os jornais semanais lançados pela Turma Ok seriam, assim, a gênese do projeto de criação de uma imprensa homossexual brasileira. A coluna da Gilka, Agildo Guimarães, publicado no jornal *Snob*, na página 3 da edição nº 1 de 1964, relata a ordem de surgimento dos primeiros jornais homossexuais no país:

O jornalismo entendido teve um desenvolvimento entusiástico. O jornal *Terceira Força*, o mais antigo deles, que é uma união de dois outros jornais (*Glamour* e *Taradinho*) tem sua redação na Turma Ok, espaço do *club* fechadíssimo. O *Snob* vem em 2º lugar, em antiguidade, ultimamente surgiu o *ZONA NORTE*, que tem novo nome, O *VAGALUME*. Agora temos notícias do *FOTOS E FOFOCAS*. É uma espécie de revista, e um dos mais bem feitos e cuidadosamente escrito<sup>17</sup> (*Snob*, n. 1, 1964, p. 3).

A co-referência, que permeia os discursos da imprensa homossexual, é o que nos permite saber da existência do *Taradinho*, do *Glamour* e da *Terceira Força*. Esses jornais, que não deixaram suas materialidades até o presente, passam a fazer parte da narrativa da história através dos relatos incluídos em outras publicações da imprensa homossexual.

O noticiar de acontecimentos da imprensa homossexual não é uma característica presente apenas em *O Snob*. Outras revistas e jornais também se referiam as práticas e aos processos produtivos de outras publicações. A quase totalidade dos periódicos analisados fazem alusões a outros jornais congêneres.

O jornalismo homossexual seria assim, apresentado como testemunha e ator indispensável no narrar dos acontecimentos desse universo. Os jornais e revistas

---

<sup>17</sup> Destaques originais do texto.

autocelebram suas práticas, o que pode ser compreendido como uma estratégia para legitimar a sua atuação e potencializar a visibilidade de sua produção.

O jornalismo, nessas publicações, abandona o papel de mero mediador. Essa característica é comum em periódicos em que antigos leitores negligenciados assumem a função de produtores da notícia, segundo Fausto Neto (2009). A imprensa homossexual que circulou entre as décadas de 1960 e 1980 falava, na maioria das vezes, para seus pares. Assim, a notabilização conferida a um jornal se dá no interior da própria imprensa, que fala muito sobre seus leitores e sobre si mesma.

O jornal *O Snob* e o seu editor Agildo Guimarães, são a publicação e o gay da imprensa mais co-referenciados no jornalismo homossexual da década de 1960. O jornal foi o primeiro de muitos lançados por Agildo e sua primeira edição circulou, como já assinalamos em 1963 e terminou em 1969. *O Snob*, que começou como um panfleto de duas páginas chegou a ser editado em formato revista com 60 páginas. A publicação, com o passar dos anos, ganhou força, forma e perenidade, se tornando o periódico mais duradouro lançado nos anos sessenta: durou cinco anos.

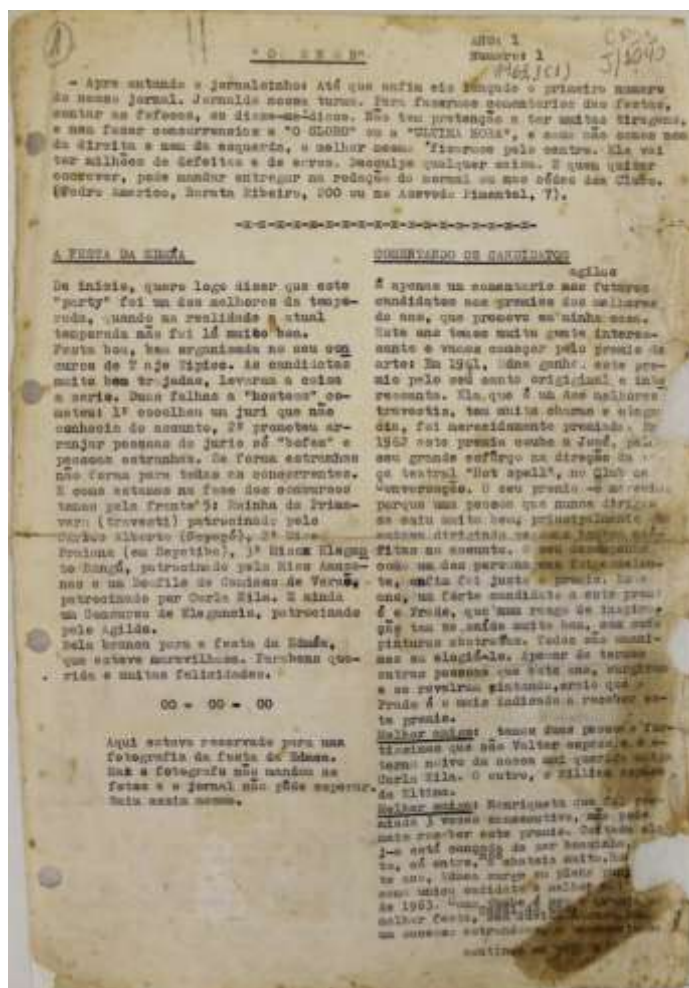


Figura 1- Primeira página do número 1 do *Snob*.

No primeiro número *O Snob* se apresenta como um “jornalzinho”. Em tom jocoso, mostra o seu lugar de fala, dizendo não querer fazer concorrências nem a *O Globo*, nem à *Última Hora*, ou seja, os dois jornais matutinos de maior circulação no Rio de Janeiro dos anos 1960.

Apresentando o jornalzinho: Até que enfim eis lançado o primeiro número do nosso jornal. Jornal da nossa turma. Para fazermos comentários das festas, contar as fofocas, os disse-me-disse. Não tem pretensão a ter muitas tiragens e nem fazer concorrências a “O GLOBO” ou a “ÚLTIMA HORA”, e como não somos nem da direita e nem da esquerda, o melhor mesmo ficarmos pelo centro. **Ela vai ter milhões de defeitos e de erros.** Desculpe qualquer coisa. E quem quiser escrever, pode mandar entregar na redação do nornal (*sic*) ou nas sedes dos Clubs (Pedro Américo, Barata Ribeiro, 200 ou no Azevedo Pimentel, 7). (*O Snob*. Ano 1, n. 1, 1963, p. 1. Grifos nossos).

O texto de apresentação é revelador do conteúdo que o jornal pretendia fornecer – “comentários sobre festas, contar as fofocas, os disse-me-disse” – mas revela também o desejo de se colocar numa posição política de neutralidade. A referência ao recebimento de colaborações deixa antever alguns dos processos produtivos do jornal: aqueles que se interessassem pela publicação poderiam vir a ser também colaboradores.

O texto datilografado, cujas características serão melhor analisadas ainda no decorrer deste capítulo, expõe as dificuldades de produção de um jornal a partir dessa tecnologia. Alguns erros de datilografia são visíveis na publicação: além de “nornal” ao invés de “jornal”, há no original algumas marcas textuais (tais como aspas simples aleatórias) que mostram a dificuldade de produzir um periódico inteiramente datilografado.

A década de 1960 produziu diversos outros jornais homossexuais que não chegaram a suas materialidades no presente, mas que podemos saber da sua existência pelas referências existentes nos jornais encontrados. São eles: *Zona Norte* (também chamado de *Vagalume*), *La Vedetta*, *O Cacho*, *Queridinho*, *Fotos e Fofocas*, *O Estábulo*, *O Mito*, *Subúrbio da Noite*, *Newsbook* (antigo *Terceira Força*), *La Saison*, *Cinelândia à Noite*, *O Bem*, *O Star*, *O Centro*, *O Show*, *O Estábulo*, *Mais*, *O Pelicano*, *O Grupo*, *O Núcleo*, *Le Carrilon*, *Chic*, *Zéfiro*, *O Centauro*, *Vinte de Abril*, *O Vic* e *O Babado*.

Os jornais *O Snob*, *Le Sophistique*, *Felinos*, *Gay Society*, *Le Femme*, *O Tiraninho* e *Baby* são, por vez, as ruínas da primeira década da imprensa homossexual que resistiram as tiranias do tempo. Esses jornais, raros, nos permitem ter uma visão geral sobre o surgimento dessa imprensa e dos seus fluxos de produção.

*O Snob* é um ponto de partida, dos vários possíveis, para estabelecer laços entre esses jornais. A abordagem comparativa possibilita perceber continuidades e rupturas entre as publicações. O primeiro aspecto que chama a atenção é a participação de redatores do

*Snob* em outros periódicos. O jornal *Felinos*, por exemplo, é lançado por Gato Preto, na cidade de Niterói em 1967. O Gato Preto, Helio Carvalho Fonseca, que inicialmente se autodenominava como Pantera Cor de Rosa, era um colunista famoso de *O Snob*.

Os jornais lançados na Bahia, *Gay Society*, *O Tiraninho* e *Baby*, também contavam com atuação de Gilka Dantas e Gato Preto. Os concursos e eleições produzidos pelo *O Snob*, como, por exemplo, a disputa pelo melhor poema, crônica ou os melhores do ano e os mais elegantes, também estampavam as páginas das publicações baianas.

As turmas de sociabilidade, assim como no Rio de Janeiro, impulsionaram a criação de pequenos folhetos para a divulgação das suas atividades. Existiam em Salvador dos anos 1960 as turmas os Carimbós, Os Intocáveis e Turma Vid's - Very Important Dolls. A *Vid's* era responsável pela edição do *Gay Society* e do *O Tiraninho*.



Figura 2 – Primeira página do *Gay Society*

O *Gay Society* começou como um pequeno jornal, ainda sem nome, em 1967. A publicação, ao longo de seu primeiro ano, passou por melhorias no seu conteúdo, porém continuou rudimentar em seus aspectos gráficos. A expectativa do retorno da revista *Fotos*

e *Fofocas*, de Waldeilton di Paula (Paulette Godiva), imprensa a cores e já famosa, levou ao fim da circulação do *Gay Society*, já que seus participantes passaram a trabalhar pela volta da revista.

O relançamento do *Fotos e Fofocas* demorou para acontecer. As "bonecas" de Salvador ficaram, assim, sem folhas noticiosas até o evento Miss Bahia 1968. O alvoroço provocado pelo concurso estimulou o lançamento do *Tiraninho*, um pequeno panfleto que logo ganhou o público homossexual baiano. O sucesso dos seus dois primeiros números levou a retomada das atividades do *Gay Society*.



Figura 3 - Capa do primeiro número do *Tiraninho*.

O *Fotos e Fofocas* não seria mais relançado. O *Zéfiro* passou a circular em seu lugar. Contudo, o novo jornal não teve longa duração, Paulette o substituiu pelo *Baby* em 1969. Paralelo às edições dos seus jornais, Waldeilton di Paula ainda colaborava como colunista do *Snob* e participava dos demais jornais lançados em Salvador.

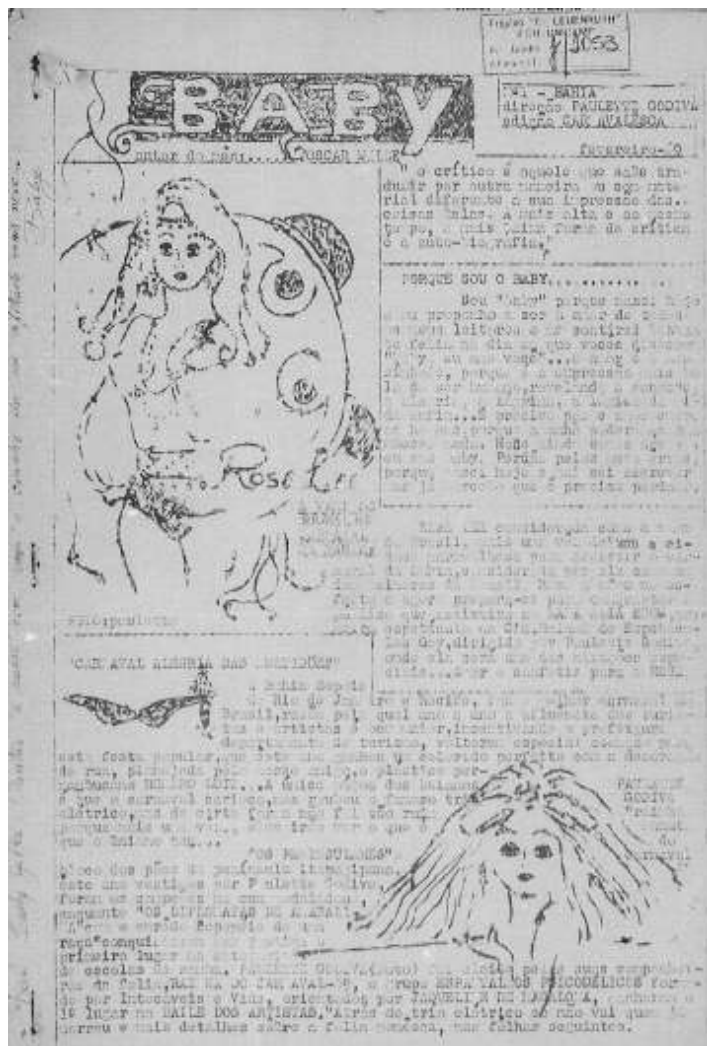


Figura 4 – Primeira página do jornal *Baby* – n. 1, fev. 1969

Num texto mais singelo, o *Baby*, jornal editado por Paulette Godiva, no seu número 1, de fevereiro de 1969, explicava para os leitores o título da própria publicação.

Por que sou o Baby

Sou 'baby' porque nasci hoje e me proponho a ser o amor de todos os meus leitores e me sentirei bastante felis (*sic*) no dia em que vocês disserem 'baby eu amo você'... o amor é o seu símbolo, porque é a expressão mais bela do ser humano, revelando a saudade, a alegria, a lágrima, a lógica da vida enfim... É preciso para o amor entre os homens, porque amanhã poderemos amanhecer nada. Hoje ainda somos nós e eu sou baby. Perdão pelos meus erros, **porque nasci hoje e mal sei escrever** mas já percebo que é preciso perdoar (*Baby*, fev. 1969, p. 1. Grifos nossos).

Tal como *O Snob*, sobressai no texto o pedido de desculpas antecipado pelos erros que a publicação poderia conter ou produzir. Reafirmando suas próprias limitações, o editor destacava no texto os afetos possíveis e laços a serem construídos entre o jornal e seus leitores.

No interior e na antiga capital do Estado do Rio de Janeiro, existiam no mesmo período o *Le Sophistique* e o *Le Femme*. O primeiro, lançado em Campos, em 1966, tinha como editora Adriana de Gueiros e contava com a colaboração de Lady Gilka Dantas, que editava no jornal a coluna Bilhete Cor de Rosa. O segundo jornal, *Le Femme*, lançado na cidade de Niterói, em 1968, tinha como editora Bianca Marie du Martinelli (Anuar Farah), que havia saído de *O Snob* para lançar seu próprio jornal. O editor de *O Snob* também participava dessa publicação.



Figura 5- Capas do segundo número do *Le Sophistique* e do primeiro número do *Le Femme*

Ao contrário de *O Snob*, o primeiro número de *Le Femme*, de julho 1968, não traz um texto de apresentação. Na capa, uma reprodução xerografada da Miss Gay de 1968, Sumaya Kanhz, qualificada como “um dos mais lindos rostos de nossa sociedade e uma das mais laureadas da temporada”, é também referida como “jornalista das mais lidas, é um grande nome da nossa imprensa”. Há ainda uma referência clara da filiação do periódico à ABIG (Associação Brasileira de Imprensa Gay) (*Le Femme*, jul. 1968, capa).

A ABIG foi fundada no Rio de Janeiro, então Estado da Guanabara, em maio de 1968. A Associação era constituída por dois poderes: o legislativo e o executivo. O Poder Executivo era eleito pelos acionistas que escolhiam uma chapa formada pelo presidente e



mais cinco secretários que ocupavam cargos de confiança. O Poder Legislativo era a cúpula da instituição, formada pelos patronos da imprensa homossexual.

A associação também possuía um regimento, que foi elaborado no ato da sua criação. Sua primeira presidente e idealizadora foi Bianca Marie du Martinelli e sua gestão tinha como secretária geral Bety Taylor, secretária de imprensa Katherine Wood, secretária de sociedade Lolita du Bermudas e como tesoureira Dalisa Davi.

As funções desempenhadas por Anuar Farah como editor do *Le Femme*, criador e presidente da ABIG e agitador cultural da cena gay o colocaram, no final da década de 1960, como uma das personalidades de destaque do universo homossexual. O *Baby* o apresentava como estando "ao lado de Lady Gilka Dantas na disputa pela liderança do jornalismo gay do Brasil" (*BABY*. n. 4, 1969, p. 1.).

A proliferação de jornais homossexuais provocou, na segunda metade da década de 1960, uma disputa envolvendo seus editores e colaboradores. A detração a personagens de destaque de outros jornais passou a ser pauta recorrente, se estabelecendo uma luta por prestígio. Por isso, o objetivo básico da associação, segundo seu idealizador, era "a união de todos os jornais 'gay' em todo território brasileiro" (*Baby*. n. 4, 1969, p. 10.).

O jornalista Joaquim Ferreira dos Santos publicou no *Jornal da ABI - Associação Brasileira de Imprensa* - uma reportagem especial sobre a ABIG. No texto, republicado na íntegra pelo *Pasquim*, o jornalista relata que o clima tenso e as brigas constantes também marcavam as reuniões da Associação Brasileira de Imprensa Gay.

Conta-se que as reuniões da Associação Brasileira de Imprensa Gay, presidida pelos dois (Anuar Farah e Thula Morgani) em momentos diferentes ao final dos anos 60, tinham em geral um certo clima tenso, dramático até. As dificuldades se avolumavam e brigava-se muito entre os representantes da imprensa entendida ou rosa-choque, como também gostavam de se rotular os jornais (*Pasquim*, ano IX, n.436 nov. 1977, p.4).

As brigas e a publicação de injúrias e de fofocas maliciosas começavam a minar os laços e o caráter colaborativo da imprensa homossexual. Os conflitos instauraram uma crise no segmento que, entre outros reflexos negativos, levou ao fechamento do jornal *Subúrbio da Noite*. O seu editor, Hilmar Alvarenga, durante uma reunião da ABIG se debulhou em lágrimas e acusou os demais representantes da imprensa homossexual de "falta de união, de consideração e respeito".

A paz só voltou a reinar, segundo Costa (2010, p.38), quando *O Snob* se filiou a ABIG em 1969. Nessa ocasião, Agildo Guimarães, criador de *O Snob*, assume a secretaria geral na segunda gestão da associação, que tinha como presidente e tesoureira Tula

Morgani, secretária de imprensa Jéssica Shelley e secretária de relações públicas Christine Caorarolly.

A nova presidente da Associação Brasileira de Imprensa Gay, Tula Morgani, deixa claro em seu discurso, proferido na festa "Noite das Celebridades" e transcrito pelo jornal *Le Femme*, o desafio de unir a imprensa homossexual e, sobretudo, promover a renovação desses jornais. Para ela, sua eleição representava o reconhecimento dos associados de que era necessário mudar.

Quando da minha recente eleição à presidência da A.B.I.G creio que fui clara, na exposição de minhas opiniões a respeito dos meus objetivos. Particularmente considero a ideia como mais nobre impulso que poderemos empreender. Entretanto nada será efetivado diante da inércia de certos jornalistas considerados pela maioria da crítica como portadores de alto nível de inteligência que insistem em manter uma posição divorciada de toda espécie de renovação. A eles, na qualidade de presidenta da Associação Brasileira de Imprensa Gay, devo dizer no ensejo de mais uma noite vitoriosa da A.B.I.G., que continuem parados no tempo, porque nos prosseguiremos, mesmo enfrentando possíveis dificuldades, em busca do futuro feliz que nos aguarda (*Le Femme*, ano 2, n.6 dez. jan. fev. 1969, p.7).

As transformações se baseavam, principalmente, na adoção de um código de ética que balizasse as ações dos periódicos e que inibisse a publicação de injúrias e mentiras que estavam levando a rachas e ao enfraquecimento da imprensa homossexual e de seus grupos.

O enrijecimento do regime militar, com o lançamento do Ai-5 em 13 de dezembro de 1968, levou a extinção da ABIG. O receio de represália, que poderia considerar as reuniões ou as publicações como subversivas, enfraqueceu as turmas e fez com que diversos jornais parassem de circular.

O regime militar não tinha como foco de atuação a perseguição aos homossexuais, contudo, ao longo do período ditatorial houve, de forma sistemática por parte de representantes do governo, ações discriminatórias e de violência contra a população LGBTs. O Estado se demonstrou negligente e utilizou, por vezes, do seu aparato repressor. Anuar Farah relembra a falta de liberdade e a insegurança de estar sujeito aos desmandos da força armada como algumas das dificuldades enfrentadas por ser um gay assumido na ditadura, para ele:

Tinha que ter muito cuidado na rua, ao sair, com quem falar. Não tinha essa liberdade de, por exemplo, filmes gays. Não tinha nada disso. Se você saísse com uma calcinha mais justa a polícia prendia você, pegava você. Tinha um

chefe de polícia que colocava um limão, se o limão caísse lá em baixo mandava embora se ficasse na calça tava preso<sup>18</sup>

Durante o período do regime militar eram habituais, nas grandes metrópoles, as rondas policiais nos espaços reconhecidos como de sociabilidade homossexual. Gays, lésbicas e travestis eram revistados e comumente presos por crime de vadiagem. A polícia, respaldada pela falta de direitos garantidos, utilizava diversas práticas de coerção, tanto simbólicas como físicas, para disciplinar os corpos que publicamente fugissem do padrão heterossexual. Figari (2007) relata, por exemplo, que os delegados cariocas tinham o costume de mandar prender gays afeminados quando era necessário fazer a limpeza dos banheiros da delegacia.

A conjuntura nacional estava cada vez menos amistosa à circulação de periódicos homossexuais. Ainda na década de 1960 foram presos por 22 dias no DOPS - Departamento de Ordem Política e Social - dois colaboradores do *Snob* por estarem vendendo o jornal. Esse episódio foi decisivo no processo de desmobilização da cena homossexual, em especial no que se refere a produção jornalística. Agildo Guimarães relata o acontecimento para a reportagem de Joaquim Ferreira dos Santos publicada no *Pasquim*. Segundo Agildo: "Dois dos nossos colaboradores foram presos. Vendiam o jornal na porta de uma boate quando a polícia passava. Até que mostrassem que não era material subversivo ficaram alguns dias na cadeia" (*Pasquim*, ano IX, n.436 nov. 1977, p.4).

O impacto dos anos de chumbo da ditadura pode ser percebido na ausência de publicações homossexuais entre os anos de 1969 e 1976. O início da fase mais "branda" e de abertura do regime possibilitou que alguns antigos editores retomassem a publicação de jornais homossexuais. O *Boletim Informativo da Caixinha* (1976) e o *Gente Gay* (1977) são exemplos.

### **2.1.2. Os anos 1970: *Gente Gay*, *Lampião da Esquina*, *Jornal do Gay* entre outros**

Oito periódicos formam o grupo dos jornais que foram editados após o interregno das produções de veículos homossexuais que durou até 1976. Nesse ano foi lançado o *Boletim Informativo da Caixinha*. Observa-se no período a concentração de veículos editados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Há também, pela primeira vez, a circulação de periódicos que pretendem alcançar um público mais amplo, alguns possuem até mesmo a pretensão de serem veículos nacionais.

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Anuar Farah para Thiago Soliva em 26/01/2011.

O papel das turmas e das associações homossexuais enquanto nucleadoras da produção dos jornais é uma característica da década de 1960 que continua marcante. Os jornais *Boletim Informativo da Caixinha*, *Jornal do Gay*, *Gay News* e *Suruba* são vinculados a organizações como a Turma da Caixinha, o Circulo Corydon e Somos. Esses jornais correspondem a metade dos periódicos da década.

O que ocorre, ao longo da década de 1970, é a transformação das associações que passam do caráter de agremiação social, com promoção de festas e concurso, para o enfoque na atuação política por meio de um discurso militante. As propostas da ABIG, no final da década de 1960, já demonstrava a tendência crítica aos produtores do jornalismo homossexual que privilegiavam as fofocas e as trivialidades.

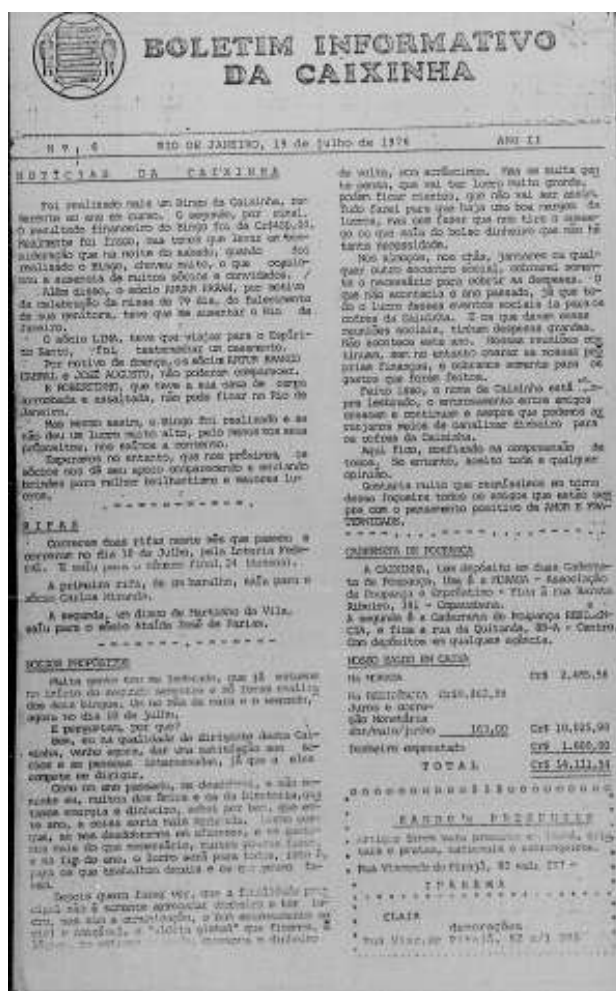


Figura 6 - Primeira página do número 6 do *Boletim Informativo da Caixinha*

A Turma da Caixinha e o seu boletim informativo ainda adotava o formato jornalístico que vigorava na década anterior, suas atividades visavam à socialização homossexual e seu periódico noticiava, majoritariamente, os acontecimentos ordinários dos seus membros. Os redatores e as personalidades ilustres são personagens que já eram

conhecidas do universo gay, a exemplo de Agildo Guimarães, Anuar Farah, Tula Morgani e Jéssica Shelley.

O *Gente Gay*, que começa a circular em 1976, é filho do *Boletim Informativo da Caixinha*, como anuncia o próprio jornal em sua apresentação no primeiro número. Nas palavras da redação: "Porque de 'Gente Gay?' da necessidade de ser, já que estávamos sendo gerado dentro do ventre do *Boletim Informativo da Caixinha*, apareceu *Gente Gay*. Hoje estamos aqui para vocês, pois é chegada a hora de existir" (*Gente Gay*, ano 1, n.1 dez. 1976, p.2).

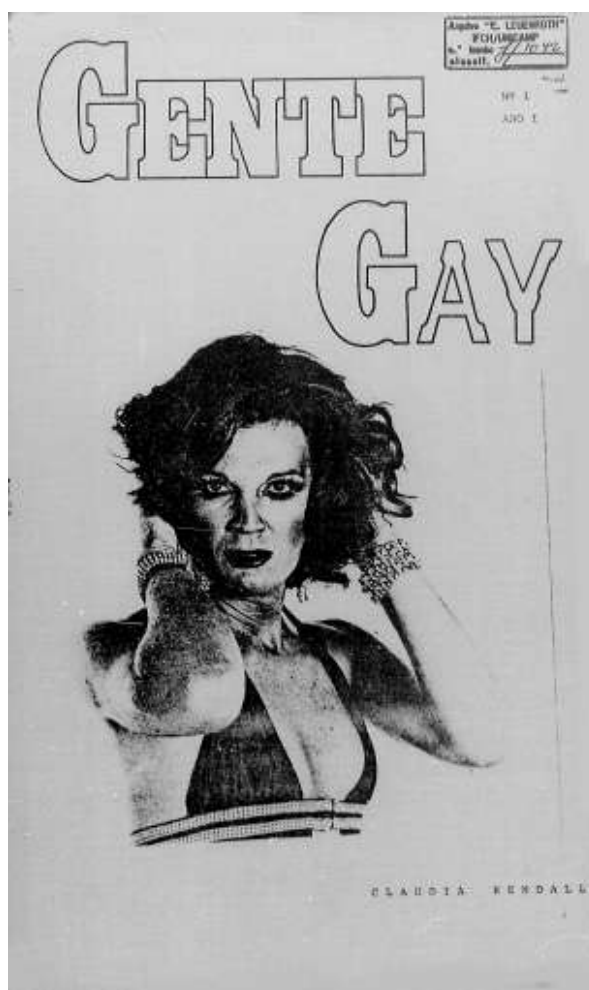


Figura 7 - Capa do número 1 do *Gente Gay*

O jornal tinha como editor responsável Agildo Guimarães e contava na sua criação com a colaboração de Bianca Marie, José Rodrigues, José Roberto, De Paula, Jackie Magalona, Larry e Angelo de Marco. A nova publicação de Lady Gilka Dantas apresentava melhorias no aspecto gráfico, mas mantinha o conteúdo do *Snob*, privilegiando, porém uma abordagem mais informativa. O *Gente Gay* tinha como objetivo "fazer acima de tudo, jornalismo informativo, comunicativo, abarcando sobretudo toda

aldeia homossexual e todo aquele que crê em nós como gente" (*Gente Gay*, ano 1, n.4, 1976, p.18).

Outra transformação importante do *Gente Gay* é o início do hábito de assinar os textos ou se referir a personagens sem a utilização do pseudônimo, o que pode significar uma nova forma de lidar com a homossexualidade que estava começando a emergir.

O surgimento da "Coluna do Meio" de Celso Curi, no jornal *Ultima Hora* em 1976, influenciou o editor de *Gente Gay* a retomar a publicação de jornais entendidos. O sucesso da coluna ainda levou, no período, a criação de diversas outras colunas homossexuais em jornais tradicionais, tais como a "Guei"<sup>19</sup>, de Glorinha Pereira, no jornal *Correio de Copacabana* e "Tudo Entendido"<sup>20</sup>, de Fernando Antônio Moreno, no diário carioca *Gazeta de Notícias*. (GREEN, 2000, p.420).

Paralelamente a circulação de *Gente Gay*, eram produzidas outras publicações como o *Gay Press*, no Rio de Janeiro, o *Little Darling*, em Salvador e o *Tiraninho* em São Paulo. A coluna "Gente que faz notícia" publicada por Agildo Guimarães no *Gente Gay* descreve as características desses outros periódicos congêneres:

O *Gay Press* - com suas capas maravilhosas e sua grande equipe: Jéssica, Chris e Claude. Este é carioca também. Os outros dois, bahianos, também de gente experimentada de muitos anos de jornalismo: O *Little Darling*, dirigida por De Paula, com seu humor sofisticado e toda a verve e profundidade de palavras seja poética ou prosa. E o *Tiraninho*, irreverente, malicioso, maldoso, venenoso, com muita verdade e envolvendo tudo isso, o carinho com que faz e de quem escreve. É isso aí gente, nós fazemos comunicação entendida, gay, homossexual, o nome fica no seu critério (*Gente Gay*, ano 1, n.4, 1976, p.18).

As editoras do *Gay Press*, Jéssica Shelley e Claudia Kendall, são identificadas pelo *Gente Gay* (ano 1, n.3, 1976, p.11), na lista de personalidades elegantes de 1976, como sendo, respectivamente, "travesti, jornalista do jornal *Gay Press*" e "travesti e diretora do jornal *Gay Press*". Uma nova forma de nomear é empregada para definir os produtores da imprensa homossexual. Para além das "bonecas", que reinavam, as travestis passam a ter destaque na cena.

<sup>19</sup> A editora da coluna, Glorinha Pereira, era uma ex-modelo e dona da Termas do Flamengo. Ela não se identificava enquanto lésbica e alegava que ficava sabendo das notícias do mundo homossexual por meio de envelopes anônimos que recebia em casa, assim como, através do que ficava sabendo na Termas. A coluna era publicada no jornal de bairro semanal *Correio de Copacabana* e Glorinha não recebia nenhuma remuneração pela coluna. A publicação tinha uma tiragem de 15 mil exemplares e era vendida por dois cruzeiros. A coluna impulsionou as vendas do jornal, um exemplo, é a que a vendagem na banca situada na Rua Fernando Mendes, caminho para a Bolsa de Valores, que passou de 40 exemplares para 120 (*Pasquim*, ano IX, n.436 nov. 1977, p.4).

<sup>20</sup> A coluna era publicada três vezes por semana, nas terças, quartas e domingos. O seu editor, Fernando Moreno, ganhava um salário de 800 cruzeiros mensais pela publicação da coluna. A *Gazeta de Notícias* possuía na época uma tiragem de 40 mil exemplares (*Pasquim*, ano IX, n.436 nov. 1977, p.4).

O *Little Darling*, segundo entrevista concedida por seu editor para Peter Fry no *Lampião* (ano1, n.4 ago-set. 1978, p.4), recebeu esse nome porque Di Paula namorava um garoto na aula de inglês que havia recebido esse apelido do professor. Contudo, o nome do jornal seria modificado após a visita de Winston Leyland, editor do jornal gay norte-americano *Gay Sunshine*, que considerou o título da publicação baiana cafona.

O *Little Darling* se torna, assim, *Ello*. Entretanto, o novo título não agradou os leitores. Di Paula pondera sobre a resistência ao novo título: “Andei fazendo pesquisas com alguns leitores e achei que mudar para *Ello* era uma boa: como um saldo médio entre ele e ela. Mas estou arrependido. Todo mundo está me cobrando *Little Darling*” (*Lampião da Esquina*. ano1, n.4 ago-set. 1978, p.4).

O modelo de jornalismo homossexual, de perfil identitário gay e as formas de sociabilidade em gueto praticadas nos Estados Unidos passam, a partir da década de 1970, a influenciar de maneira mais contundente a homossexualidade brasileira e seus processos comunicativos.

O movimento de libertação homossexual americano, que tem como marco de origem a rebelião de Stonewall, iniciou a internacionalização do movimento LGBTs organizado ao redor do mundo. A imprensa homossexual foi adotada nesse processo como uma ferramenta indispensável para promover a luta pela cidadania e a união dos homossexuais (FRY, 1988; GONTIJO, 2009).

A influência do movimento homossexual internacional e das suas publicações podem ser percebida nos jornais lançados por Antonio Massaro Kirihara, *Mundo Gay*, *Jornal do Gay e Gay News* e no *Lampião da Esquina*. Os rumos editoriais dessas publicações, entretanto, assumem posições diversas. Enquanto o *Mundo Gay*, *Jornal do Gay e Gay News* apresentam características congêneres, o *Lampião da Esquina* segue uma outra tendência, como mostraremos no último capítulo desta dissertação.

No que concerne à imprensa brasileira, além do fator de importação de modelos americanos, outros aspectos devem ser considerados e incluem a participação de jornalistas profissionais nas práticas do jornalismo homossexual, levando a uma profissionalização no final da década e ao longo dos anos 1980. Outros aspectos podem ser considerados como, por exemplo, a própria abertura política, a explosão de práticas artísticas e culturais por atores do movimento homossexual etc.

### **2.1.3. A explosão dos anos 1980**

A década de 1980 pode ser considerada o período de explosão do jornalismo gay em São Paulo. Dos 18 periódicos a que tivemos acesso, e que surgiram nessa fase, nove circulavam em São Paulo. No Rio de Janeiro, no mesmo período, apareceram cinco novos títulos. Observa-se também a expansão dessa imprensa em outras cidades do Nordeste além de Salvador, como João Pessoa, Aracaju e Olinda.

Analisando as publicações, destaca-se a coexistência dos processos de produção da década de 1960 com novos métodos que possibilitavam algumas publicações a editarem números com até 50 páginas. Ao lado dos velhos modelos mimeografados a que, ainda iremos nos referir no próximo item deste capítulo, revistas editadas pelos modernos processos gráficos da década de 1980 começaram a fazer parte da imprensa homossexual.

No grupo dos jornais paulistas merece destaque o *Journal Gay – Internacional*, o *Gay News*, que tinha como subtítulo *Jornal Homossexual de Informação & Prazer*, e o *Chanacomchana*. No Rio de Janeiro, há que se fazer referência ao segundo jornal homossexual editado por Agnaldo Silva: o *Pleigui*. Enquanto os dois primeiros periódicos paulistas tinham a pretensão de se referir a temáticas que ultrapassavam o espaço homossexual brasileiro, o último desse grupo editado em São Paulo tem a especificidade de ser o primeiro jornal voltado para um público lésbico.

A intenção de ser um jornal internacional aparece já mesmo no título em inglês do *Journal Gay – Internacional*. Na página 2 do seu primeiro número, de fevereiro de 1980, ao lado da mensagem do editor, Antônio Emílio, uma nota em três línguas explicitava desde o início a tentativa de vínculo da publicação a um público mais vasto. Um texto em inglês, francês e alemão, incentivava os possíveis leitores a trocarem correspondência, naquilo que denominavam “International Club of Gay Correspondence”, e que deveriam ser encaminhadas a Caixa Postal do periódico em Guarulhos.

If you want to correspond with Brazilian friends (either masculine or feminine), please send us your photo (3 x4) the description of all your personal characteristics and the description of the personal characteristics of the person (or persons) with whom you would like to Exchange letters (*Journal Gay-Internacional*, Ano 1, n. 1, fev-1980, p. 2).

Fica claro também o que podemos qualificar como invasão do conteúdo internacional, não apenas no *Journal Gay-Internacional*, como também no *Gay News* (1980) e no *Jornal For Gays* (1980).



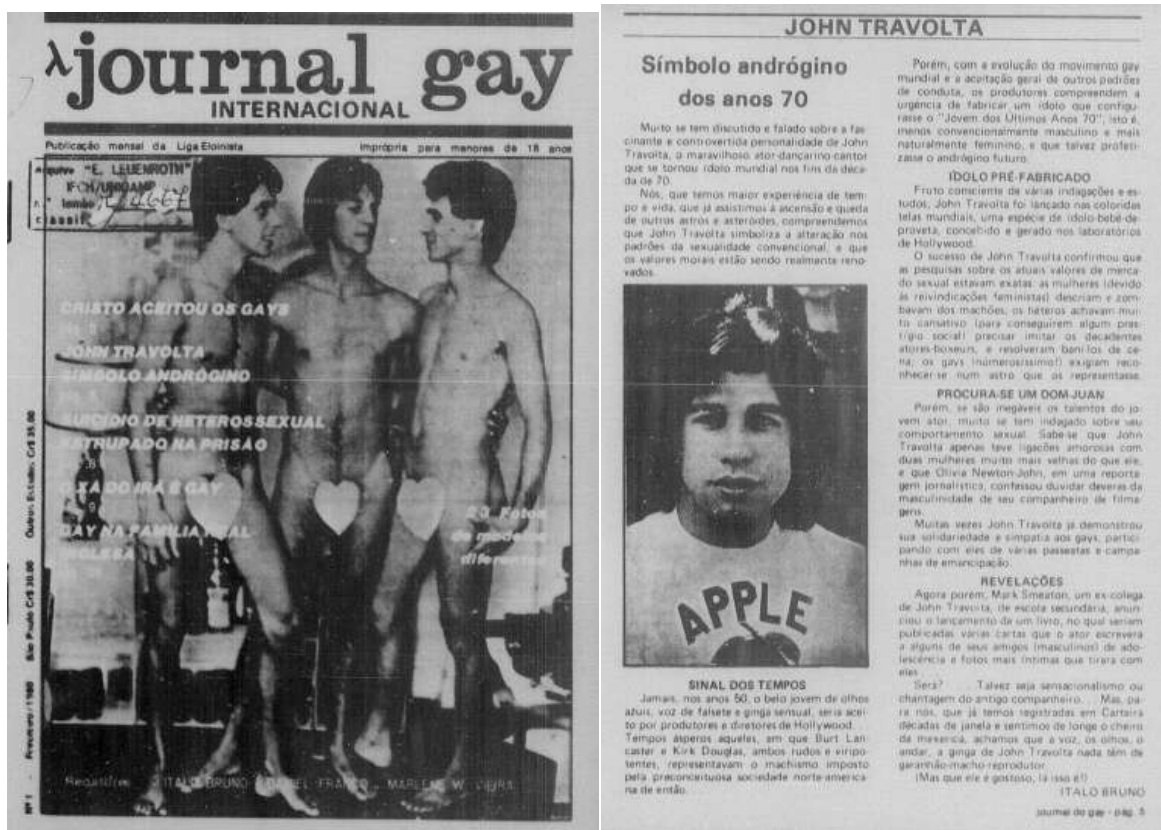


Figura 8 - Capa da edição número 1 do *Journal Gay* e página interna com matéria de página inteira sobre John Travolta

No número 1 do *Journal Gay-Internacional*, por exemplo, uma matéria de página inteira apresenta John Travolta como “Símbolo andrógino dos anos 70”. Depois de apresentar brevemente a discussão, Ítalo Bruno, que assina a matéria, fazendo menção ao movimento gay mundial, insere a compreensão das performances do ator como uma espécie de prenúncio de um androginismo futuro.

Porém, com a evolução do movimento gay mundial e a aceitação geral de outros padrões de conduta, os produtores compreenderam a urgência de fabricar um ídolo que configurasse o ‘jovem dos últimos anos 70’. Isto é, menos convencionalmente masculino e mais naturalmente feminino, e que talvez profetizasse o androginismo futuro (*Journal Gay-Internacional*, Ano 1, n. 1, fev-1980, p. 5).

Espelhando a profissionalização dessa imprensa nos anos 1980, o jornal lista no seu expediente a divisão de tarefas que começa a existir na imprensa homossexual. Além do editor, Antônio Emílio Teixeira Borges, aparece no expediente do jornal, o diretor Daniel Franco; Ítalo Bruno, como redator chefe e Marlene W. Vieira e Pedro Rocha Nogueira, como redatores. O secretário-geral da publicação era Yuri Ivanov e o jornal ainda tinha mais dois colaboradores: Jota Mentos e Alexandre José Macedo. No expediente do

primeiro número, um carimbo, postado sobre a impressão revela o jornalista responsável pela publicação: Vicente Roberto Saloti de Aquino.

A informação de que a parte de diagramação e impressão era feita por uma gráfica – Graphis Programação Visual S.C. Ltda. – e que o fotolito também era responsabilidade de uma impressa especializada – Fotolito S.R – deixa evidente os novos processos de produção desses periódicos, que podem assim ostentar grandes fotos, uma diagramação mais bem cuidada e, sobretudo, uma impressão em maior escala produzida por gráficas profissionais.

Analisando outros números do jornal, pode-se perceber também a transformação nos processos de produção do jornal, o que podia significar troca nos postos ocupados pelos jornalistas. No número 3, Antônio Teixeira Borges, que até então era o editor, passa ser redator-chefe da publicação e J. Q. Sales passa a ser o editor. O quadro de colaboradores também aumenta. A parte gráfica, além das empresas que já participavam desse processo, tem uma nova inclusão: a composição passa a ser feita no Centro Heliográfico Paulista Ltda. revelando uma divisão maior do trabalho na parte industrial.

Dificuldades enfrentadas para editar os dois primeiros números são apresentadas também como justificativa para a maior profissionalização da publicação. A partir do número 3, toda a parte de edição e comercialização e a ampliação da distribuição ficavam a cargo da Editora e Gráfica Popular, ficando a Liga Eloinista responsável pela parte de conteúdo.

Ao rodar o segundo número do Journal Gay Internacional, ficamos envolvidos num impasse com o pessoal da área financeira. Nesse momento, a direção da Liga Eloinista, na pessoa do respeitável presidente, Dr. Antonio Emílio Teixeira Borges, homem de muito tato e cultura maravilhosa, parou para pensar, e achou por bem entregar para uma Editora as responsabilidades de edição do Journal Gay Internacional, ficando com o encargo de redator, que realmente é o objetivo da Liga Eloinista, pois só com este veículo conseguiremos aumentar a família eloinista (*Journal Gay-Internacional*, Ano 1, n. 3, s/d, p. 2).

O jornal que circula pelo menos até 1984 se propunha a ser mensal, mas sua periodicidade apresentava irregularidades. Chegou a editar números com até 32 páginas.

O *Gay News* – que será analisado em maior profundidade no último capítulo dessa dissertação – era editado pelo Círculo Corydon, que fazia parte da Liga Eloinista, surgiu em 1980, em São Paulo, e tinha como subtítulo “Jornal Homossexual de Informação & Prazer”. O jornal era editado por Antonio Massaro Kirihara, que também editava *Mundo Gay* e *Jornal do Gay*.



Figura 9 - Capas do *Mundo Gay* e *Jornal do Gay*, publicações também lançadas pelo editor de *Gay News*

Com suas oito páginas fixas, o *Gay News* tinha periodicidade quinzenal, mas tal como quase a totalidade dos periódicos da imprensa homossexual, não conseguia atingir o objetivo de publicar uma edição a cada mês. A irregularidade das publicações é uma espécie de marca que indica as dificuldades nos processos produtivos.

Propondo-se a ser, sobretudo, um boletim informativo sobre o mundo gay, o *Gay News*, em seu artigo de apresentação na edição número 1, se qualifica como uma publicação “que pretende preencher os espaços deixados pelas publicações periódicas”. Dessa forma, prometiam trazer sempre “as notícias mais recentes” e acrescentavam: “quem ganhará com isso serão os leitores” (*Gay News*, Ano 1, n. 1, s/d, p. 1).

No mesmo texto, que ocupava toda a coluna superior da primeira página, revelavam as formas de distribuição e a necessidade de esconder o conteúdo para os prováveis assinantes.

E mais: este informativo é totalmente gratuito, e pode ser encontrado nos melhores estabelecimentos gays de São Paulo. Quem quiser receber o jornal em sua casa, basta escrever-nos pedindo, que quinzenalmente lhe enviaremos sem cobrar nada. Observação importante: O jornal vai totalmente lacrado em envelopes pardos para a não identificação do conteúdo, e no remetente assinalamos apenas a nossa caixa postal. Nosso endereço: Círculo Corydon – Caixa Postal 3125 – 01000 – São Paulo – Capital. E boa leitura! (*Gay News*, Ano 1, n. 1, s/d, p. 1).

A partir do segundo número o texto de apresentação do jornal, ocupando sempre o alto da página 1, podia se referir a acontecimentos ou eventos de natureza política envolvendo diretamente o mundo gay. Exemplo disso é o texto, assinado pelo editor, com que abrem a edição 4, de 20 de junho de 1980. Sob o título “A noite do protesto gay”, descrevia a manifestação de grupos minoritários nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo contra o delegado Richetti<sup>21</sup>. No final do texto, solidarizavam-se com os grupos participantes do protesto.

Não soubemos de nenhum caso de prisão ou violência, e pode-se dizer que tudo transcorreu na mais perfeita ordem e organização. Felizmente, o grupo Convergência Socialista, também presente no ato, e conhecidos como anarquistas, se portaram muito bem. O jornal Gay News Brasil solidariza-se com todos os grupos participantes do protesto e coloca suas páginas à disposição, já que a grande imprensa calou-se (*Gay News*, Ano 1, n. 4, 20 jun. 1980, p.1).

A profissionalização da imprensa homossexual também pode ser percebida na organização produtiva do jornal *Pleigui*. O sucessor do *Lampião da Esquina* pertencia a A. S. Produções Artísticas Ltda. e era distribuído no Rio de Janeiro e em São Paulo por Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. e por Paulino Cercangetti. A composição gráfica era feita pela Editora Jornal do Comercio S.A. e sua impressão na Clip Produções Gráficas e Jornalísticas.

O *Pleigui*, possuía ainda, uma divisão interna de setores que englobavam aspectos que iam além da produção do seu conteúdo. Outros jornais homossexuais já delimitavam a função de redator, editor-chefe, diretor, setor de artes, porém o *Pleigui* inova com a implementação de setores internos para Circulação e Gerência, sob a responsabilidade de João Reis, e de Administração, com Maurício Spiegel. A imprensa homossexual passa definitivamente a ganhar cara de empresa.

O novo jornal de Agnaldo Silva, que começou a circular em novembro de 1981, tinha uma periodicidade mensal regular e era publicado com 31 páginas. O periódico de diagramação profissional e conteúdo informativo, produzido por uma equipe composta por jornalistas profissionais, não se tornou um projeto editorial lucrativo. Sem recursos

---

<sup>21</sup> O delegado José Wilson Richetti foi o principal nome da campanha de perseguição aos homossexuais que aconteceu na cidade de São Paulo durante o período da ditadura militar. Ao assumir a Delegacia Seccional Centro, responsável por todas as delegacias da área central da cidade (principal reduto de sociabilidade homossexual da cidade), ele passou a realizar operações de "rondão" com o objetivo de limpar a cidade de corpos considerados perigosos - travestis, gays e lésbicas. Para saber mais sobre a atuação de Richetti ler Ocanha (2014).

suficientes para custear seus custos e gerar lucro, o *Pleigui* chega ao fim em seu quarto número.

Outro jornal da década de 1980 que merece destaque, por ser o primeiro jornal lésbico do país, é o *Chanacomchana*. Publicado em São Paulo era, assim como *Journal Gay-Internacional* e *Gay News*, de responsabilidade de uma associação, o GALF – Grupo de Ação Lésbico Feminista. No seu primeiro número além de exortar a necessidade de divulgação do movimento lésbico, explicavam o que era o feminismo e detalhavam as ações do GALF. “O GALF se reúne semanalmente para a discussão de temas relacionados com as vivências lésbicas a partir de textos lésbicos e feministas”. (*Chanacomchana*, Ano 1, n. 8, ago. 1985, p. 5).



Figura 10 - Capa do primeiro número do *Chanacomchana*

O primeiro número de janeiro de 1981, não circulou em fevereiro, e voltaria no mês seguinte, em março de 1981. O editorial, ao lado do expediente, ocupava espaço na página 4, destacava a visibilidade das lésbicas no ano de 1980 nos meios de comunicação. Quase

todo o conteúdo do número era ocupado por uma entrevista exclusiva com a cantora Ângela Ro Ro (*Chanacomchana*, Ano 1, n. 1, jan. 1981).

No número 2 do jornal, então denominado *Boletim Chanacomchana*, explicitavam a razão da criação do jornal.

O *Boletim Chanacomchana* é um espaço criado por mulheres lésbicas para mulheres lésbicas e todas as pessoas que queiram debater, conversar e se divertir conosco. Queremos que ele seja um veículo de informação, discussão, humor, namoro, poesia e sonho para todas que o fizerem e para quem for lê-lo também (*Chanacomchana*, Ano 1, n. 2, mar. 1981, p. 2).

Em seguida explicitavam a ligação direta entre a publicação e o GALF. No mesmo artigo de apresentação, destacam as dificuldades de fazer um jornal e, ao mesmo tempo, vivenciar a realidade do movimento homossexual feminino.

Ele é um dos frutos dos quase 4 anos de atividades do GALF, Grupo de Ação Lésbico-Feminista, e representa a continuação do jornal de mesmo nome que lançamos em fevereiro de 1981. Ele é produto de nosso trabalho que, embora, às vezes, difícil e árduo, tem sempre muito amor e paixão, a mesma paixão que esperamos ver transbordar de todos os nossos textos (*Chanacomchana*, Ano 1, n. 2, mar. 1981, p. 2).

Editado de maneira rudimentar – datilografado em duas colunas –, o *Chanacomchana* chegou a ter alguns números com até 40 páginas. A sua periodicidade inicialmente mensal, chegou a ser quadrimestral, como está expresso na apresentação do número 12 de fevereiro/maio de 1987.

Para além da explosão de jornais eixo Rio - São Paulo, a década de 1980 também foi marcada pela expansão de publicações homossexuais no Nordeste. Foi lançado em Olinda o *Gathó*, em João Pessoa o *Nos Também*, em Salvador o *Boletim do Grupo Gay da Bahia* (GGB) e em Aracajú o *Boletim Informativo do Grupo Dilogay*. Todas essas publicações são editadas por associações homossexuais que dão o nome aos títulos dos periódicos.



Figura 11 - Capas do *Gatho*, *Nos Também* e *Boletim Informativo do Grupo Dilogy*

As publicações do Nordeste noticiam, majoritariamente, acontecimentos cotidianos das agremiações e promovem o debate em torno de questões políticas dos grupos que representam. Com poucas páginas e um caráter acentuadamente artesanal, elas lembram o formato das publicações da década de 1960, mas agora revestidas de um outro tom. Assim, se sobressai, do ponto de vista do conteúdo, o caráter militante.

## 2.2. Processos de produção e tecnológicos

Neste item, vamos falar sobre os processos, tecnologias de impressão e formas de financiamento dos jornais e revistas homossexuais. Os próprios periódicos são uma rica fonte sobre os bastidores desse fazer jornalístico. No Quadro IV, sobre as tecnologias e formatos, sintetizamos as informações referentes à circulação, diagramação, o uso de imagens, a estrutura de equipe e os processos de produção e reprodução empregados pela imprensa homossexual nas suas primeiras décadas.

O quadro, sobre as tecnologias e os formatos, nos permite perceber que cada década é marcada por maneiras específicas de formatar, produzir e distribuir as publicações homossexuais. A constatação de um espírito produtivo mutável demonstra as adaptações pelas quais os jornais e revistas passaram para tentar melhor atender às necessidades do seu público e o interesse vislumbrado pelos seus dirigentes.

**Quadro IV**  
**Jornais Homossexuais Brasileiros - Tecnologias e Formatos**

Jornal	Processo de Produção/Reprodução	Circulação	Diagramação	Estrutura da Equipe	Imagens
O Snob	Datilografado, manuscrito e mimeografado	O jornal não explicita sua circulação mas da indícios de que era distribuído para algumas capitais brasileiras e enviado ocasionalmente para o exterior. Também existem referências indiretas sobre a comercialização em banca. Em 1964 a tiragem era de 30 exemplares.	Diagramação artesanal com duas colunas verticais ou colunas de página inteira com divisões das informações por linhas horizontais	Diretoria de Honra tinha como Presidente: Gilka Dantas; Diretores: Henriët, Karla Marie, Ceeme, Althea Gibson, Tina Antonela. Diretoria interia: Claudia Renoir; secretaria: Andrea Kuler; Finanças: Gato Preto; Publicidade: Schartzé Maniquim; Relações Publicas: Ana Paula; Materil: Gigi D'Mason. Contava Ainda com colaboradores de outros Estados.	Desenhos a bico de pena
Le Sophistique	Datilografado e manuscrito		Diagramação artesanal com duas colunas verticais ou colunas de página	Diretora: Adriana Gueiros; Fotografa: Tula Morgani; Colunistas: Elizabeth	Desenhos a bico de pena



			inteira	Gerard e Liz França; Colaboradores: Lady Gilka Dantas e Shanturge Greta	
Felinos	Datilografado, manuscrito e mimeografado		Diagramação artesanal sem divisão por colunas.	Editor: Gato Preto Equipe: Leão Dourado	Desenho a bico de pena. O jornal contem charges
Gay Society	Datilografado e manuscrito		Diagramação artesanal com duas colunas verticais ou colunas de página inteira com divisões das informações por linhas horizontais	Diretora Presidente: Jaqueline de Magalona; Diretora Secretária: Margareth Schimidt; Diretoria Tesoureira: Lady Agan de Paula; Relações Publicas: Lady Paulette Godiva; Redatora: Ertha Kitty. Contava ainda com colaboradores de outros Estados.	Desenho a bico de pena.
Le Femme	Datilografado, manuscrito e xerocado		Diagramação artesanal com texto corrido e divisão por seções.	Direção: Bianca Marie du Martinelli e Veruscke Donayelle; diagramação: Betty Taylor e Thula Morgani; Desenhos: Tula Morgani; Colunistas: Bianca Marie, Paquette Paola, Melina Taylor,	Fotografia e Desenho a bico de pena.

				Suamaya Kanhz, Leão Dourado, Lolita du Bermudas, Casandra Paranhos. Contava ainda com colaboradores.	
O Tiraninho	Datilografado manuscrito e		Diagramação artesanal com texto corrido e divisão por seções.	Colunistas: Jackie de Maga e Margareth Schmidt	Desenho a bico de pena.
Baby	Datilografado, manuscrito e xerocado	Tiragem de 50 exemplares.	Diagramação artesanal rudimentar com texto corrido e divisão por seções. A divisão de seções é feita usualmente na horizontal	Editor; Paulette Godiva. Colunistas;; Colunistas de regiões Estados: Gilka Dantas (RJ) e Gato Preto (RJ) e Socila (SE) e Curley de Itabuna no interior da Bahia.	Desenhos a bico de pena.
Boletim Informativo da Caixinha	Datilografado	Distribuição Gratuita	Diagramação privilegia o texto. As páginas intercalam texto corrido e divisão em duas colunas.	Agildo Guimarães, K. Offenbach, Sando, Mauírico Eloy, Madame Tchavaska	Fotografias, figuras, desenhos a bico de pena e charge.
Gente Gay	Datilografado, xerocado e impresso em gráfica	A publicação em algumas de suas capas indicava: "Circulação Interna" para escapar de eventuais problemas com o regime militar.	Diagramação simples com texto, majoritariamente corrido.	Editor: Agildo Guimarães. O jornal contava com uma extensa relação de editores que oscilavam conforme as edições. A	Fotografias, figuras, charge e desenhos a bico de pena

		<p>Iniciou gratuito. Para os leitores que recebiam o jornal em casa era cobrado, no primeiro momento, somente os custos de eventuais postagem no valor de CR\$3,00. Já na edição de 30 de agosto de 1977 passou a se cobrar CR\$ 10,00 pelo envio do exemplar. No final de 1978 o jornal se apresentava como de "Circulação Direta" e cobrava CR\$20,00 pela venda avulsa. Chegou a publicar duas edições com tiragem de mil exemplares</p>		<p>colaboração de correspondentes dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco eram recorrentes.</p>	
<p>Mundo Gay: o jornal dos entendidos</p>	<p>Produção e reprodução gráfica.</p>	<p>Jornal era distribuído em São Paulo, Santos, Campinas, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Minas Gerais. O valor de capa era de Cr\$ 15,00. As assinaturas tinham</p>	<p>Diagramação do texto em colunas verticais, em média quatro por página. As fotografias e imagens ganham destaque na composição das páginas, ocupando grande espaço. Em</p>	<p>Editor: Antonio Massaro Kirihara; Diretor de Arte: Luiz Kozzo; Redatores: Aristides Penaforte</p>	<p>Fotografias e figuras.</p>

		valor diferenciado para o Estado de São Paulo e as demais regiões brasileiras. A edição anual, com 24 edições, para São Paulo custava Cr\$ 300,00 e para outros estados Cr\$400,00. A assinatura semestral, 12 edições, custaria para SP Cr\$160,00 e para demais regiões Cr\$220,00.	cada página são publicadas no mínimo duas imagens.		
Entender	Produção e reprodução gráfica.	A capa informa que o jornal é de Circulação interna. Contudo ele apresenta um valor de comercialização, custando Cr\$10,00. Em sua segunda edição a publicação já passa a se apresentar como "circulação dirigida" e mantém o mesmo valor de capa. O leitor também podia fazer a assinatura anual pelo valor de Cr\$100,00. Sua tiragem é de 5	Diagramação do texto em colunas verticais, sem um número padrão de colunas. O jornal privilegia aspectos textuais em sua composição.	Editor : J.R.M, Consultor científico: Manoel Messias Bacco (psicanalista), Ilustração: Kreuder e Gilberto Duarte; Fotos: Mauro Moura	Fotografias, figuras e charges

		mil exemplares. O jornal, segundo seu editorial do nº1, é "distribuído gratuitamente em todos os hotéis do Brasil".				
Lampião da Esquina	Produção e reprodução gráfica.	em	O jornal era circulava para todo o Brasil. No Rio de Janeiro era distribuído pela Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente, em São Paulo pela Paulino Carcanhetti, em Recife pela Livraria Reler, Salvador na Literarte, Florianópolis na Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda, em Belo Horizonte pela Sociedade Distribuidora de Jornal e Revistas Ltda, Porto Alegre pelo Coojornal, Teresina na Livraria	Diagramação do texto em quatro colunas verticais. O jornal possui elementos impressos coloridos. A composição das páginas privilegia o texto.	Conselho editorial: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadado, Francisco Bitencourt, Gasparino Damata, Jen-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. Editor: Aguinaldo Silva. Membros da Redação: Antônio Carlos Moreira, Alceste Pinheiro e Dolores Rodriguez	Fotografias, figuras, charge e desenhos a bico de pena

		<p>Conosco, em Curitiba pela Chignone, Manaus pelo Stanley White e em Vitória por Angelo V. Zurlo. O valor da assinatura anual muda com no decorrer das edições, inicialmente custava CR\$160,00, depois, Cr\$180,00 chegando a custar Cr\$250,00. Existia ainda a opção de assinatura para o exterior, nesse caso o valor era US\$15,00. A edição avulsa que era vendida por Cr\$15,00 passa a ser vendida por Cr\$25,00. As edições antigas podiam ser compradas por Cr\$30,00.</p>			
Jornal do Gay-noticiário do mundo entendido	Produção e reprodução gráfica.	Jornal Circulava por todas as capitais Brasileiras. A assinatura anual custava inicialmente Cr\$ 200,00 passando para Cr\$400,00 e a	O jornal é dividido por blocos de informação. Cada Noticia possui sua formato próprio. Os textos são diagramados, usualmente, em	Editor e Diretor: Antonio Massaro Kirihara, Jornalistas responsáveis: Jaime Kameyama. Redator Chefe: Daniel Franco, Redatores: Italo	Fotografias, figuras, charge e desenhos a bico de pena

		edição avulsa começa a ser vendida por Cr\$ 20,00 e chega a ser comercializada por Cr\$30,00.	colunas e há destaque para imagens.	Bruno e Jota Mendes. Diretor de Arte: Akira Hirata e Ezio Beto. Secretario Geral: José Carlos Clemente.	
Gay News - Informativo mundial dos entendidos	Produção e reprodução gráfica.	Distribuído em todas as capitais brasileiras. Sua assinatura anual custava Cr\$220,00 e o exemplar Cr\$20,00.	O jornal privilegia o texto, que é diagramado em duas colunas ou ocupa página inteira. Fotografia somente na capa, no corpo do texto algumas figuras.	Editor: David Wallace Brown. Diretor: Hiroshi Nogami. Jornalista responsável: Regina Aparecida Siguemoto. Redator Chefe: Otávio Schneemann. Redotres: Pedro Rocha Nogueira, Júlia Teresa d' Avila e Renato Lopes de Moura.	Fotografia, figuras e charge.
Suruba	Datilografado, manuscrito e colagem.	O jornal era enviado a todos os homossexuais organizados do país e circulava no meio homossexual de forma informal.	Jornal composto, majoritariamente, por textos que ocupavam a página inteira, com exceção de poemas literários que eram dispostos em duas colunas. As imagens só estão presentes na capa.	Luzenário, Alan, Hilário, Fran, Mauro Cesar, Edward, Ricardo I, Sydney, Cacá,	Figura

Jornal For Gays	Produção e reprodução gráfica.	em	Distribuição Gratuita.	Jornal é exclusivamente composto por texto diagramado em duas colunas.	Walfrido	
Gatho - Grupo de atuação Homossexual	Datilografado manuscrito	e	Enviado para outros grupos homossexuais organizados no Brasil e Internacionalmente.	Jornal composto, majoritariamente, por textos diagramado em duas colunas. Os desenhos se concentram na capa, nas páginas internas as figuras estão relacionados com anúncios e propagandas.		Desenhos a bico de pena
Leva e Traz	Datilografado manuscrito	e	Circula de mão em mão.	Jornal artesanal composto exclusivamente por textos.	Julio e Boaventura	
O Corpo			Circulação "mano a mano" com tiragem de mil exemplares, como indica o expediente do nº 5. Assinatura anual Cr\$380,00. Assinatura Permanente C\$ 3.000,00. Assinatura Solidária:	O jornal inicia preponderantemente composto por textos diagramados em duas colunas. A partir do final de 1983 as páginas passam a contar com um número maior de imagens e deixa de apresentar um padrão	Redação: Pedro, Ivan, Gabriel, Ed e Pedro. Diagramação do Texto: Elmi. Ilustração Toninho	Fotografias, figuras e desenhos a bico de pena



		Cr\$1.000,00. Valor do exemplar avulso Cr\$ 50,00 no nº3, Cr\$ 100,00 no nº 4 e Cr\$ 200,00 no nº5.	para o número de colunas.		
Journal Gay - Internacional	Produção e reprodução em gráfica.	Circulava em todas as capitais brasileiras e nas cidades mais importantes. A distribuição em Florianópolis era feita por Amo, em Curitiba por J. Ghignone, em Porto Alegre por Salvador La Porta, em Vitória por Norbim Distribuidor e em Campos (RJ) por Eduardo Santana. Preço do exemplar avulso era vendida no nº2 por C\$35,00 na edição seguinte por Cr\$ 60,00 e no nº 5 o valor era Cr\$ 80,00. Venda para o exterior US\$ 15,00. Assinatura anual custava Cr\$ 400,00 e a trimestral Cr\$180,00.	Jornal composto, majoritariamente, por textos diagramados em duas colunas. A fotos ganham destaque na composição do impreso, ocupando, por vezes, uma página inteira.	Editor: Antonio Emilio Teixeira Borges, Diretor: Daniel Franco, Jornalista Responsável: Vicente Roberto de Aquino, Redator Chefe: Italo Bruno, Redatores: Marlene W. Vieira e Pedro Rocha Nogueira	Fotografias, figuras e charge

Gay News-Jornal Homossexual de Informação & Prazer	Produção e reprodução gráfica.	Distribuição gratuita nos espaços gays da cidade de São Paulo e com possibilidade do envio das edições por correio. Tiragem de 5 mil exemplares.	O jornal privilegia o texto, diagramado usualmente em três colunas. As imagens aparecem, geralmente, em anúncios.	Diretor e Editor: Antonio Massaro Kirihara. Redator: Marie José Eynard	Fotografia e Figuras.
ChanacomChana	Produção e reprodução gráfica.	Assinatura Anual, com cinco números, Cr\$ 18.000,00. Edições antigas tinham um valor promocional e assinatura para o exterior Cr\$14.000,00. Valor do exemplar avulso Cr\$3.500,00. Em 1987, no nº 12, ele passa a custar Cz\$25,00.	O jornal contém textos longos que se estendem por várias páginas. A diagramação é usualmente em três ou duas colunas.	Conselho editorial: Fanny, Maria Serrath, Teca, Redação e Diagramação: Maria Serrath, Fotografia: Cristina, Fanny e Silvana, Colaboração: Maria Carneiro da Cunha e Nair Benedito	Fotografias, figuras, desenhos a bico de pena e charge.
Nos Também	Datilografado, manuscrito e mimeografado	Circulação entre os grupos homossexuais organizados.	Diagramação artesanal com texto corrido e divisão por notícias com linhas horizontais.		Desenho a caneta esferográfica
Facção Homossexual	Manuscrito		O jornal era uma <i>fanzine</i> impressa em papel colorido na dimensão A4. Com quatro páginas, todas		Fotografias e desenhos a bico de pena

			com imagens, e textos diagramados em duas colunas.		
Boletim do G.G.B.	Datilografado	Distribuição nacional com envio aos grupos militantes organizados. O valor de capa no nº 3 era de Cr\$50,00 já no nº 6 Cr\$ 100,00. Venda avulsa para remesa internacional US\$ 5. A assinatura anual iniciou custando Cr\$ 300,00.	Boletim composto por texto diagramado em duas colunas.	Aroldo, Dilton, Ermeval, Carlos Quebec, Luiz Mott, Roque, Audebi, Huides, Élio, Davi, Renato,	
Boletim Informativo Grupo Dialogay/se	Datilografado		Boletim composto majoritariamente por texto corrido. As divisões são feitas por seções e linhas horizontais	Direção Wellington Esperança. Editor Geral: Wellington Gomes Andrade. Diagramação: Mana Lopes.	Figuras
Pleigui - Jornal do Homo	Produção e reprodução gráfica.	Distribuído em doze Estados brasileiros. O jornal começa custando, o exemplar avulso, Cr\$150,00 passando depois do terceiro número para Cr\$200,00. O envio da edição avulsa para o exterior custav US\$	Diagramação profissional com os textos em três colunas. As fotografias ganham destaque na revista, ocupando páginas inteiras.	Editor Responsável: Agnaldo Silva. Redação: Franciso Bittencourt, Aristides Nunes, Eddy Starr, Fernando Melo, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues, Luis Carlos Lacerda, Zeca	Fotografias, figuras e charges.

		45,00. As assinaturas anuais custavam inicialmente Cr\$1.500,00 passando posteriormente para Cr\$2.200,00.		Barata, Regina Nóbrega, Alexandre Ribondi, Carlos Mota Filho, José Salles, Maria Lucia, Alceste Pinheiro. Fotos: Errepê Maia e John Borsseau. Arte: Jurandir, Mem de Sá, Nelson Souto, e Levi.	
Okzinho	Datilografado e manuscrito.	Distribuição Interna.	Jornal de diagramação amadora. Os textos são privilegiados na composição, sua disposição é feita, predominantemente, por meio de colunas temáticas assinadas que se estendem por mais de uma página. Outro destaque são as colagens de reportagens de outros jornais que abordam aspectos relacionados a homossexualidade ou a AIDS.	Helio Fonseca (Gato Preto), Agildo Bezerra Guimarães (Gilka Dantas), Mimososa Kerr, Paulo Fatal, José Antonio, Cler, Diane Finsk, Gaby Monclair, Setella Guimarães, Yolanda Pratinni, Luanda Guerpe, Dom Carlos, Flavio, Gaby Monclair, Gerlido Cesar, José Rodrigues, Lili Bombom, Paulo Flores, Scarlett Montezi, Ricardo Forrador, Anur Farah, Representante nos Estados: Campinas	Fotografia, figura, charge e desenhos a bico de pena

				(SP): Fernando Antônio, São Paulo: José Roberto; Natal: Norma Nolan; João Pessoa: Nalvinho; Recife: Caal; Salvador: Orlando Andrade; Belém: Heli Pinto Barros.	
Triangulo Rosa	Datilografado, manuscrito, xerocado, mimeografado. Assim como, chegou a ser produzido e reproduzido em gráfica.	A publicação inicia como um boletim informativo artesanal com circulação interna, destinada a seus sócios e aos grupos homossexuais organizados parceiros. Em outubro de 1986 passa a circular, paralelamente, outra versão da publicação, em formato de jornal, com produção profissional e de distribuição gratuita.	A primeira edição do boletim é toda manuscrita. A partir do segundo número ele passa a ser datilografado, privilegiado os textos. No final do no de 1986 começa a circular, paralelamente, uma nova versão da publicação, diagramada e impressa de forma profissional. Outro destaque são as colagens de reportagens que abordam aspectos relacionados a homossexualidade e	Paulo Silva, Paulo Faltal, João Antônio Mascarenhas, Caio Benévolo, Amílton Montenegro, Rita Colaço, Cláudio Mesquita. Nívia Maria Souto Sgarbi, Antonio Jorge Souza, Luiz Roberto Cruz, Luciano Sampaio, Artur Nunes Gomes.	Figuras, desenhos a bico de pena e fotografias.

			Aids que haviam sido produzidos por outros periódicos.			
Informativo Associação Galf	Datilografado		Boletim composto exclusivamente por textos diagramados em três colunas. A única imagem publicada é na capa ao lado do título.		desenhos a bico de pena	
Jornal do Jatobá	Datilografado manuscrito	e	Jornal artesanal composto exclusivamente por textos corridos divididos por seções e linha horizontais.			
Anjo	Produção reprodução gráfica.	e em	Circulava no Rio de Janeiro e São Paulo. A distribuição para o restante do país era mediante a assinatura.	Jornal de diagramação profissional. As imagens ganham destaque nas composições das páginas ocupando, por vezes, a página inteira. Os textos são diagramados, usualmente, em três ou duas colunas.	Editor: Mirko Ivanovich; Redator Chefe: Marcus Lawrence; Convidado: Ozawa Kenzo; EUA: R. Forrest; Paris: J. Claude; Japão: T. Sakawa	Fotografia, figura, desenhos a bico de pena e charge.

Boletim Informativo LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual	Produção e reprodução gráfica	O primeiro número teve uma Tiram de 3 mil exemplares e o segundo de 5 mil exemplares.	O jornal privilegiava o texto em sua composição, diagramado em duas colunas verticais.	Presidente: Ubiratam da Costa e Silva; Secretário Geral: Oswaldo Stockler; Tesoureiro: Antonio Busnardo Filho; Secretário Internacional: João Antonio Mascarenhas.	Fotografia, figura e desenho a bico de pena
---	-------------------------------	---	--	---	---

Elaborado pelo autor, a partir de indicações presentes nos próprios periódicos.

Os periódicos da década de 1960, em geral, se guiavam pela improvisação. Os jornais, no que competia a suas diagramações, por exemplo, não apresentavam entre suas edições uma uniformidade na lógica da hierarquia de disposição dos elementos nas páginas. Datilografados e com elementos manuscritos, em sua totalidade, as publicações eram compostas, majoritariamente, por colunas sociais repletas de pequenas notas.

Os elementos textuais, que narravam o universo de acontecimento das "bonecas", dividiam o espaço das páginas com desenhos a bico de pena que ilustravam as personagens que se destacavam entre as notas. Os traços feitos à mão ainda eram utilizados para estilizar os títulos das colunas e para conferir elementos visuais diversos, tais como, desenhos de modelos femininos, figuras de bichos, arcos, flores e charges.

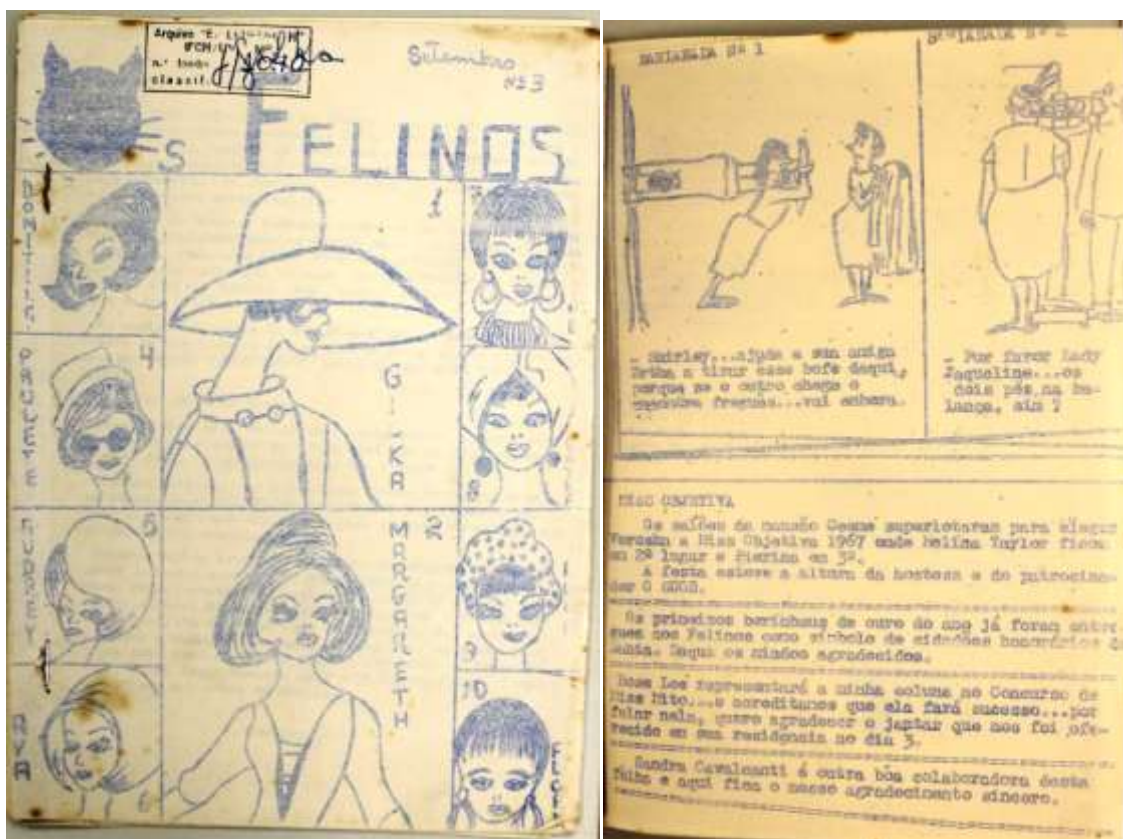


Figura 12 - Capa do *Felinos* com desenhos a bico de pena e texto manuscrito e página interna do jornal com texto datilografado e charges a bico de pena.

Os elementos manuscritos, presentes nos jornais da década de 1960, evidenciam a dificuldade de acesso às tecnologias necessárias para a produção dos jornais. As restrições técnicas eram superadas através da mistura de ordens comunicacionais no processo produtivo. A combinação, da letra impressa com os traços feitos à mão, demonstra que o desejo por visibilidade era maior do que os entraves para o acesso ao mundo da imprensa.



O intrincado processo de produção da imprensa homossexual, em sua primeira década, tornava possível a circulação de apenas poucas dezenas de cópias. Duas técnicas de reprodução dominam essa década: a mimeografada e a xerox. O mimeógrafo foi a primeira utilizada, marcando as folhas das publicações pelo seu característico tom azul. A utilização da xerox, que veio em seguida, permitiu inovações gráficas como, por exemplo, a utilização de fotografias nas capas do *Le Femme*.



Figura 13 - Capa mimeografada do *Snob* composta por desenho a bico de pena, título manuscrito e texto datilografado e capa xerocada do *Le Femme* com fotografia, texto datilografado e manuscrito.

As técnicas de reprodução empregadas inviabilizavam grandes tiragens. O mimeografado *O Snob* e o xerocado *Baby* possuíam, por exemplo, uma tiragem de 30 exemplares em 1964 e de 50 exemplares em 1969, respectivamente. O número limitado de edições, a primeira vista, faria com que esses periódicos tivessem um pequeno impacto e se restringissem a uma esfera local. No entanto, existia em torno desses jornais e revistas uma rede de sociabilidade que ampliava o seu alcance.

As limitadas edições eram compartilhadas, havia uma rede de leitura que permitia um único exemplar alcançar várias pessoas. As edições, depois de lidas, passavam a circular de mão em mão. A revista baiana *Fotos e Fofocas*, por exemplo, apesar de possuir

um único exemplar, conseguia circular na cidade de Salvador passando de leitor a leitor até retornar as mãos do seu criador Di Paula.

Entre os processos de sociabilidade que potencializavam o alcance dos jornais, vale ainda destacar a leitura em voz alta durante as festas promovidas nas residências dos integrantes das Turmas. Helio Fonseca, o Gato Preto, ao relembrar durante sua entrevista o seu primeiro contato com *O Snob*, descreve a figura do leitor e a prática da leitura coletiva, conforme podemos observar no trecho que segue:

Tinha uma festa lá em Copacabana na casa do Carlos Miranda, que é da Turma Ok. Lá nesse dia o jornal chamado *O Snob* era lido. Era feito um só, todo mundo se reunia e tinha um eleito para ser o leitor. Ali eu conheci o jornal.<sup>22</sup>

As limitações impostas pelas tecnologias empregadas eram também minimizadas pelo circuito de informação que existia em torno dos periódicos. Os jornais instauraram uma rede de informação que funcionava por meio dos boatos vindos dos representantes de outros Estados e pelas notícias que chegavam através das outras publicações. A rede estabelecida conseguia cobrir todas as regiões brasileiras. O *Snob*, por exemplo, tinha como colunistas estaduais: da Bahia, Jaqueline Magalona, Paulette Godiva e Audrey Da Pedra Azul; do Amazonas, La Bell e Angélica Hoffmann; de Sergipe, Tatiana Kiskiuskio e do Espirito Santo, Babette. O jornal contava ainda com correspondentes espalhados por diversas cidades, eles eram denominados de "representantes nos estados", sendo eles: Carmelia de Recife (PE), Ada Portugal de São Paulo (SP), Taissa de São Fidelis (RJ), Zeze Garcia de Juiz de Fora (MG), Igoja de Barbacena (MG), Ely de Brasília (DF), Bibi de Estancia (SE), Gigi Bryant de São Luiz Gonzaga (RS) e Nora Kovak de Nova York (EUA).

Os textos publicados por esses jornais eram lidos, relidos e eventualmente sintetizados e reproduzidos pelos outros jornais. Por meio dessa rede de oralidade e escrita os acontecimentos sobre o universo homossexual de Manaus podiam chegar ao interior do Rio Grande do Sul ou ainda em qualquer outra cidade. Os boatos seriam, dessa forma, uma fonte privilegiada de informação. Uma fofoca emitida por um colunista do *Snob*, por exemplo, passava a circular na "sociedade bichal"<sup>23</sup> carioca e entre os colaboradores do jornal nas demais regiões. Em cada nova cidade, aquela informação percorria novas redes de sociabilidade que, por sua vez, também poderiam possuir um jornal que ao republicar a informação ampliaria novamente o alcance do fato.

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Helio Fonseca a Vinicius Ferreira em 19 de maio de 2017.

<sup>23</sup> Fazemos alusão a expressão utilizada pelo jornal *Snob* para se referir a comunidade que se formava no Rio de Janeiro de homens que mantinham relações sociossexuais com outros homens.

Esses jornais evidenciam e iniciam, por meio da materialidade da escrita, uma nova fase do sistema comunicacional homossexual brasileiro que vinha se desenvolvendo de forma clandestina desde, ao menos, os tempos coloniais. Para Pollak (1985, p.57), a proibição da homossexualidade produziu, entre outras características, o desenvolvimento de um sistema de comunicação com sutilezas próprias, visando minimizar os riscos e elevar ao máximo os rendimentos orgásticos. Para que isso ocorresse códigos que permitissem o reconhecimento de outro homossexual e as suas intenções sexuais foram desenvolvidas e partilhadas entre as pessoas que buscavam esse tipo de interação sociossexual.

No Brasil, desde o século XVII, a indumentária, trejeitos, sinais corporais, gírias próprias e formas de olhar eram empregados para comunicar o desejo entre pessoas do mesmo sexo (GREEN, 2000, 2006; FIGARI, 2007). Esse sistema comunicacional complexo colaborou para formar uma cultura comum perante aos homossexuais.

Os jornais provocaram uma ruptura nesse sistema ao privilegiarem uma outra materialidade, a escrita. Com isso, a circulação dos códigos partilhados pelo sistema homossexual passou a ganhar visibilidade, possibilidade de circulação e de decodificação para além do submundo dos espaços de pegação. A década seguinte à do surgimento dessas publicações será importantíssima para o ampliar da ressonância dos discursos homossexuais. O crescimento dos jornais, das suas tiragens e a utilização de novas tecnologias de produção e reprodução serão fundamentais nesse processo.

A década de 1970 é marcada pela profissionalização da imprensa homossexual. O caráter amador guiado pelo improviso, com estruturas de produção e distribuição baseadas nos laços interpessoais, passa a ser paulatinamente substituído por uma estrutura organizacional interna com a distribuição mais racional de cargos de gerência e pela terceirização de serviços relacionados a parte gráfica e a distribuição. Os jornais tentam, muitas vezes, se estabelecer enquanto empresas.

O mimeografo deixa de ser utilizado e os jornais começam a ser reproduzidos em gráficas, o que permite uma melhor qualidade do material e a impressão de um número maior de cópias. O *Gente Gay* chegou a ter duas tiragens com mil exemplares, o *Entender* era publicado mensalmente com 5 mil exemplares e o *Lampião da Esquina* imprimia entre 10 e 20 mil jornais por edição.

O projeto gráfico dos jornais incorporou novos elementos, como, o uso de chamadas e manchetes utilizadas nas capas do *Mundo Gay*, *Entender*, *Lampião da Esquina*, *Jornal do Gay* e *Gay News*. A fotografia e a charge passam a estar presentes em,

praticamente, todas as publicações. No entanto, a diagramação dos periódicos da década de 1970 privilegia, na composição das páginas, elementos textuais dispostos, usualmente, em colunas verticais.



Figura 14 - Capas do *Mundo Gay* e do *Entender* compostas por novos elementos como chamadas, manchetes e o uso da fotografia com melhor qualidade técnica

Rodrigues (2005), ao traçar um paralelo do *design* da imprensa homossexual brasileira com a imprensa alternativa e a imprensa gay publicada nos Estados Unidos, chega à conclusão de que os jornais homossexuais brasileiros não valorizavam o papel do *design* gráfico. O autor analisa, na década de 1970, o *Lampião da Esquina*, o qual considera: "com manchas gráficas pesadas, pouco claro, uma diagramação dura e de pouca inventividade, o jornal tinha como preocupação maior o discurso verbal" (RODRIGUES, 2005, p.80).

A hipótese, levantada por Rodrigues (2005, p.80), é de que os editores da imprensa homossexual nacional acreditariam que "a severidade da forma respaldava a seriedade do conteúdo". Os jornais e revistas homossexuais, lançados entre as décadas de 1960 e 1980, de fato não primavam pela inventividade ou buscavam a transgressão por meio do seu projeto gráfico. Contudo, o autor ao afirmar que a imprensa homossexual brasileira não valorizava o *design* gráfico desconsidera elementos importantes.

Os editores dos jornais homossexuais, mesmo com escassos recursos tecnológicos, buscavam, desde a década de 1960, oferecer ao seu leitor publicações que combinavam elementos textuais e gráficos. Nota-se, ao folhear os jornais e as revistas, uma preocupação estética e semântica com a disposição dos elementos para a composição das páginas. Cada publicação tenta, por meio do seu projeto gráfico, estabelecer uma identidade. A contratação, a partir da década de 1970, de empresas e profissionais especializados para realizar a diagramação das publicações demonstra a preocupação e o empenho dos editores para com o *design* dos periódicos.

Assim como a diagramação, a distribuição, na década de 1970, também abandona o amadorismo e deixa de ser, na maioria dos casos, de responsabilidade do editor chefe ou da redação. O serviço é terceirizado e passa a ser feito por empresas especializadas, o que permite a comercialização das edições em um número maior de cidades. Alguns jornais chegam a ser distribuídos em todas as capitais brasileiras como, por exemplo, o *Lampião da Esquina*, o *Jornal do Gay* e o *Gay News*.

A profissionalização da prática jornalista e as novas configurações do sistema de produção, diagramação e distribuição, que marcam a década de 1970, não são características presentes em todas as publicações lançadas no período, dois jornais são exceções: o *Boletim Informativo da Turma da Caixinha* e o *Suruba*. Estes periódicos são, respectivamente, a primeira e a última produção listada entre os jornais da década. O primeiro carrega traços do sistema produtivo em voga na década anterior enquanto o segundo apresenta indícios de tendências futuras.

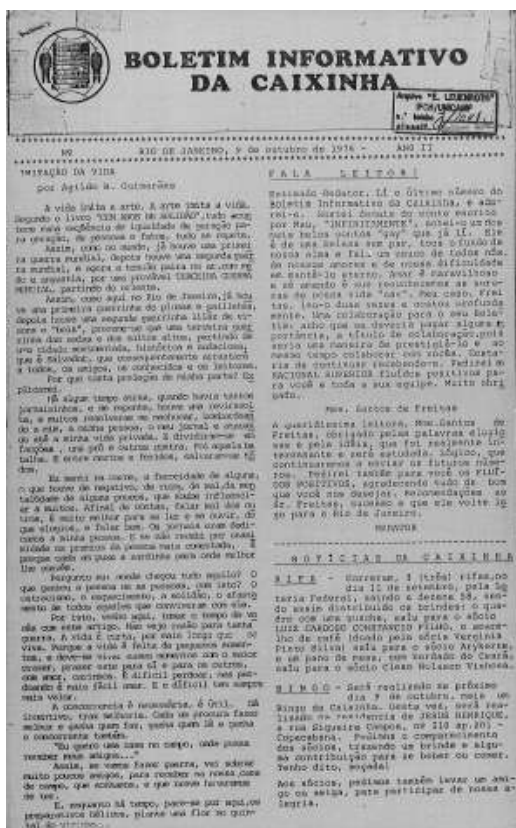


Figura 15 - Capa dos jornais associativos *Boletim Informativo da Turma da Caixinha* e o *Suruba*

O *Boletim Informativo da Turma da Caixinha*, datilografado e de distribuição gratuita, era produzido por uma Turma da Zona Sul do Rio de Janeiro e sua estrutura de produção se assemelhava a dos jornais da década de 1960. O *Suruba*, por sua vez, continha elementos datilografados, manuscritos, colagens e uma distribuição informal. Editado pelo Grupo Somos de São Paulo o *Suruba* inicia, entre os jornais ligados a grupos ou associações, um novo modelo de estrutura organizacional.

Nos jornais associativos da década de 1960 os colaboradores das publicações produziam suas colunas, matérias, crônicas, poemas, desenhos e charges de forma isolada e enviavam para o editor chefe, que era responsável por montar a publicação. O conteúdo das edições não era planejado ou discutido em uma reunião de pauta, por exemplo. Com o surgimento e a explosão, entre o final da década de 1970 e a década de 1980, de grupos organizados de militância homossexual, os jornais associativos passaram a ter um planejamento coletivo.

O jornal *O Corpo*, por exemplo, que também era ligado ao Grupo Somos, realizava reuniões entre os membros do grupo para que fossem decididos as pautas, as colaborações, a montagem do jornal e o planejar/encaminhar a distribuição. Na Figura 3, com o quadro de programação do Somos para fevereiro de 1982, é possível observar que as reuniões para

a produção do boletim *O Corpo* ocorriam uma vez por semana e era uma atividade de destaque entre as ações promovidas pela entidade.

PROGRAMAÇÃO 88		SOMOS FEVEREIRO/82					
SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO	DOMINGO	
1	20:00 DEXT		20:00 ESTUDOS 16:00 Boletim		22:00 FESTA BANHO & ESTRELAS	15:00 RECEPÇÃO 15:00 PLANTÃO	
8	20:00 DEXT		20:00 Estudos 20:00 Boletim <u>O CORPO</u>	20:00 Reunião de <u>Fatos</u>		15:00 REUNIÃO	
15	20:00 DEXT	20:00h Reunião Boletim <u>CORPO</u>	20:00 Grupo de ESTUDOS		20:00h Reunião Boletim	15:00 PLANTÃO 15:00 REUNIÃO	
22	<del>20:00 DEXT</del> 16:00 Encolche ← CARNAVAL		<del>20:00 DEXT</del> 20:00hs	20:00h Reunião Boletim		15:00 FILME: "Eu de amor em te matar"	
1 mar	2 mar	3 mar	4 mar	5 mar	6 mar		

Figura 16 - Cronograma com a programação de atividades do Grupo Somos.

O quadro, utilizado para informar os membros sobre as atividades planejadas para o mês, era feito com os recursos disponíveis em seu momento de produção. Em uma folha de cartolina escrita à caneta e a pincel eram demarcadas as atividades do grupo com riscos em cima das reuniões e ações canceladas. O durex nas pontas indica que ele era fixado em alguma parede, o que demonstra, possivelmente, a intenção em publicizar as atividades com o objetivo de incentivar a presença dos membros e frequentadores do Grupo Somos.

A programação, composta por no mínimo quatro atividades semanais em um mês tradicionalmente relacionado a férias, demonstra o ritmo intenso vivenciado pelo grupo em seu surgimento. As reuniões para a produção do boletim *O Corpo* não são adiadas nem mesmo na semana do carnaval, maior festa popular brasileira e momento em que historicamente a homossexualidade poderia ser vivida nos bailes e blocos de forma mais fluida e visível.

O Grupo Somos é tido como o primeiro grupo organizado de militância homossexual do país, sua atuação e a forma de organização inspirava o surgimento de diversos outros grupos. Apesar da sua importância e do reconhecimento social, a entidade

funcionava, assim como as outras que surgiriam, de forma entusiástica e sem muitos recursos.



Figura 17 - Capa do número 4 do jornal *O Corpo*

*O Corpo* foi entre as publicações do Grupo Somos de São Paulo a que teve maior duração e estrutura, ainda assim, não chegou a ser um jornal de grande projeção nacional. Edward MacRae (1990, p.234), que fez parte do Somos, em sua pesquisa sobre a entidade, reafirma o caráter amador da publicação. Segundo o autor, o jornal "nunca conseguiu superar o nível artesanal, com uma periodicidade irregular e uma distribuição precária".

O amadorismo e a produção artesanal serão características comuns a praticamente todos os jornais lançados por grupos de militância homossexual. Durante a década de 1980 10 grupos ligados ao movimento homossexual brasileiro lançaram publicações, sendo elas: o *Gatho* do Grupo de Atuação Homossexual, o *Leva e Traz* e *O Corpo* do Somos, o *ChanacomChana* e o *Informativo Associação Galf* do Grupo de Ação Lésbico Feminista, o *Nos Também* do Grupo Nós Também, o *Facção Homossexual* do grupo Facção Homossexual ligado a Convergência Socialista, *Boletim do G.G.B* do Grupo Gay da Bahia,



o *Boletim Informativo do Grupo Dialogay* do Grupo Dialogay, o *Triângulo Rosa* do Triângulo Rosa, o *Jornal do Jatobá* do Movimento de Emancipação Homossexual e o *Boletim Informativo LAMBDA* do Movimento pela Livre Orientação Sexual.

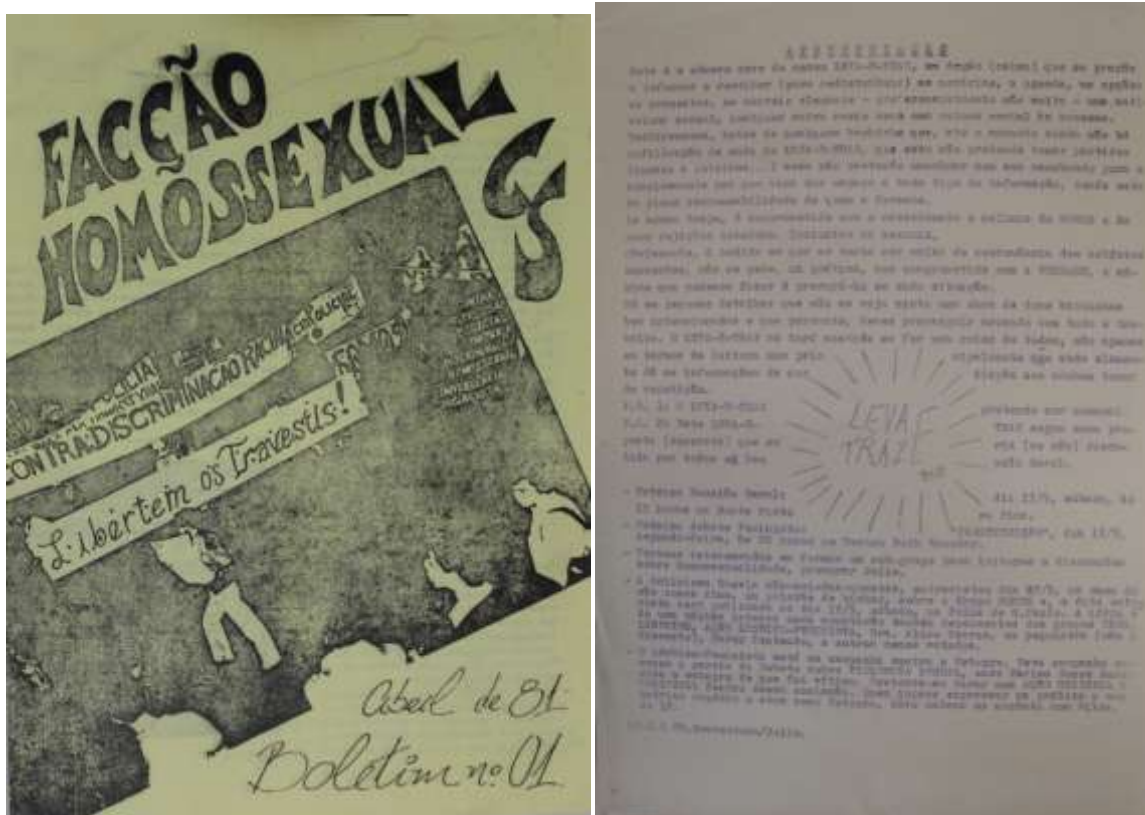


Figura 18 - Primeira página do nº 0 do *Leva e Traz* e capa do nº 1 do *Facção Homossexual*

Esses periódicos eram, majoritariamente, datilografados e com elementos manuscritos. Os textos ganham, definitivamente, a centralidade das publicações. Matérias longas que, por muitas vezes, ocupavam várias páginas são o destaque na composição dos jornais. Os desenhos a bico de pena, que tinham perdido força na década de 1970, voltam a ter destaque.

No que se refere à presença do manuscrito, é nesse período que circula o primeiro jornal homossexual a qual tivemos acesso, inteiramente feito à mão. Trata-se do primeiro exemplar do *Triângulo Rosa*, lançado em janeiro de 1986. Redigido por Paulo Silva e contando com a colaboração de Paulo Fatal, o jornal tinha, apenas, duas páginas e era composto exclusivamente por texto.

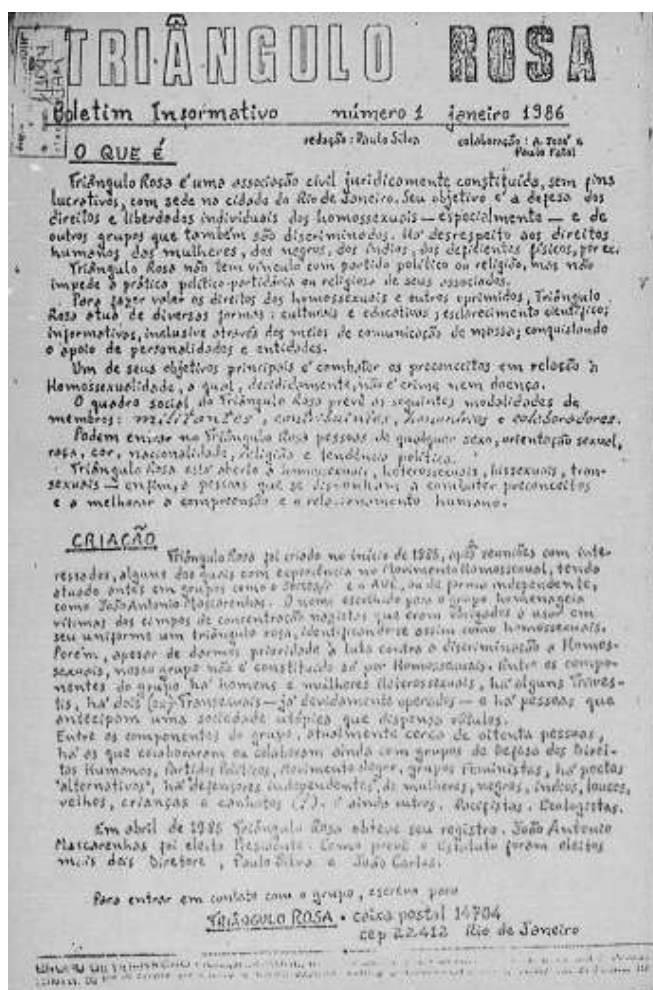


Figura 19 - Primeira página do número 1 do *Triângulo Rosa*

Os jornais e boletins informativos dos grupos de militância circulavam entre os membros do grupo, entre possíveis assinantes que apoiavam as ações das entidades e nos demais grupos parceiros. As instituições estabeleciam entre si uma rede de informação, com a troca de correspondências e o envio das suas publicações. Alguns dos jornais também eram distribuídos em panfletagens que, eventualmente, as entidades realizavam.

Entre os periódicos do movimento homossexual organizado também existiram publicações que fugiam do feito amador como, por exemplo, o *ChanacomChana*, o *Boletim Informativo LAMBDA* e o *Triângulo Rosa*, no seu formato jornal. Estas publicações eram produzidas e reproduzidas em gráfica e tinham um projeto visual mais elaborado, embora, também privilegiassem o texto na composição das páginas.



Figura 20 - Boletim Informativo LAMBDA e do Triângulo Rosa

A década de 1980 é marcada por um quadro mais diverso de tipos de publicação. Alguns dos jornais dos anos 70 como o *Lampião da Esquina* e o *Jornal do Gay* chegam até o início dos 80, trazendo como marca o formato de empresa jornalística. Ao longo da década surgem ainda novas publicações com características semelhantes como, por exemplo, o *Jornal For Gays*, o *Journal Gay - Internacional*, o *PleiGuei* e o *Anjo*.

Para compreender os processos produtivos dos jornais, tanto os amadores quanto os profissionais, é também necessário ter em vista os recursos disponíveis para as suas produções. Fazer um jornal, por mais simples que ele possa ser, é uma atividade cara e os editores das publicações homossexuais enfrentavam a falta de recursos como uma barreira difícil de ser superada.

Os custos operacionais das publicações exigiam a ampliação das fontes de renda dos jornais. Na década de 1960 os periódicos eram mantidos, basicamente, com recursos próprios dos editores ou com o valor das mensalidades pagas pelos membros das Turmas. Nos anos 70, com o encarecimento da produção, devido aos novos processos empregados, os jornais passam a contar com publicidade, assinaturas e a venda avulsa dos exemplares.

O Quadro V, sobre as formas de financiamento da imprensa homossexual brasileira, permite perceber a proximidade que os jornais da década de 1970 buscam estabelecer com o mercado. As publicações lançadas nesse período são as que empregam,

de forma integrada, o maior número de estratégias para a captação recursos, contando com serviço de assinatura para brasileiros e estrangeiros, venda de espaços publicitários e a comercialização das edições avulsas.

**Quadro V**  
**Jornais Homossexuais Brasileiros - Formas de Financiamento**

Jornal	Venda Avulsa	Assinatura	Publicidade
O Snob	x		x
Le Sophistique			
Felinos			
Gay Society			
Le Femme	x		
O Tiraninho			
Baby			
Boletim Informativo da Caixinha			x
Gente Gay	x	X	x
Mundo Gay: o jornal dos entendidos	x	X	x
Entender	x	X	x
Lampião da Esquina	x	X	x
Jornal do Gay- noticiário do mundo entendido	x	X	x
Gay News - Informativo mundial dos entendidos	x	X	x
Suruba			
Jornal For Gays			x
Gatho - Grupo de atuação Homossexual			x
Leva e Traz			
O Corpo	x	X	x
Journal Gay - Internacional	x	X	x
Gay News-Jornal Homossexual de Informação & Prazer		X	x
ChanacomChana	x	X	x
Nos Também			
Facção Homossexual			
Boletim do G.G.B.	x	X	
Boletim Informativo Grupo Dialogay/se			x
Pleigui - Jornal do Homo	x	X	x
Okzinho			x
Triangulo Rosa			x
Informativo Associação Galf			
Jornal do Jatobá			
Anjo	x	X	
Boletim Informativo LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual			

Elaborado pelo autor, a partir de indicações presentes nos próprios periódicos.

O surgimento e a expansão de redutos homossexuais nas grandes cidades foram fatores importantes para possibilitar as novas configurações produtivas da imprensa e suas formas de financiamento. Os acontecimentos noticiáveis sobre o novo universo homossexual, seus roteiros, resistências e conquistas eram cada vez mais abundantes. O gueto homossexual,<sup>24</sup> em formação, também passou a movimentar um mercado. As boates, saunas, bares, lojas, restaurantes e editoras se tornaram potenciais anunciantes para os jornais. Esses espaços de encontro ainda facilitavam a circulação e comercialização das publicações.

Os homossexuais, com o aumento da circulação de dinheiro em serviços destinados ao segmento, passaram a serem vistos como um nicho mercadológico importante e ainda não explorado. Os jornais se valiam desse argumento para conseguir atrair anunciantes embora, grandes empresas e empresários que não tinham como público específico a população LGBTs ainda resistissem à ideia de anunciar em publicações homossexuais.

O jornal *Lampião da Esquina* publica uma nota, convidando possíveis anunciantes a publicar no jornal, onde é possível perceber a vinculação da imagem do homossexual como um consumidor com alto poder aquisitivo. A publicação se apresenta, nesse contexto, como um meio através do qual as empresas podem alcançar esse segmento.

A sobrevivência do nosso jornal depende também de anúncios. Se você é um possível anunciante, de mentalidade avançada e sem preconceitos, dê-nos o seu apoio lembrando que também consumimos tudo o que os demais consomem. É verdade que somos uma parcela da população do país que é considerada minoria, mas que, apesar disso, chega a ser alguns milhões (você sabia?). Portanto, aqui está um potencial de energia (e de consumo) que ainda não foi inteligentemente aproveitado. Mande-nos a sua sugestão na forma de um anúncio da sua firma ou produto (*Lampião da Esquina*, Ano 1, n. 0, abr. 1978, p. 14).

A década de 1980 permite perceber, de forma ainda mais clara, a influência que o comércio do gueto homossexual passa a exercer no mercado das publicações homossexuais. Estabelecimentos voltados ao público LGBTs começam a editar jornais, como é o caso do *Jornal For Gays* associado ao bar Drink's Thel's Bar e a financiar a circulação gratuita de jornais com o *Gay News - Jornal Homossexual de Informação & Prazer*.

---

<sup>24</sup> Para uma leitura aprofundada sobre o surgimento, o funcionamento e as implicações sociais do gueto homossexual nas metrópoles brasileiras consultar MacRae (2005) e Simões; França (2005).



Figura 21 - Primeira página do *Jornal For Gays*

Para além da ascensão de um "mercado cor de rosa"<sup>25</sup> o gueto homossexual proporciona o surgimento de circuitos sociais em que a estigmatização da homossexualidade é momentaneamente atenuada. Para MacRae (2005), isso facilitaria a autoaceitação e a "saída do armário". Munidos da sensação de segurança e da noção de pertencimento a uma comunidade os sujeitos que frequentam esses espaços passariam, segundo o autor, a conferir maior visibilidade pública e a apoiar abertamente a homossexualidade.

Apesar do crescente número de frequentadores dos espaços homossexuais e da conquista de maior visibilidade pública, os jornais ainda enfrentavam dificuldades para conquistar assinantes. Dolores Rodriguez, membro da redação do *Lampião da Esquina*, relembra a resistência das pessoas em se tornar assinantes de uma publicação gay. Segundo seu depoimento:

<sup>25</sup> A expressão passou a ser utilizada pra se referir ao mercado movimento pelo segmento LGBTs. Falaremos mais sobre a influência do *pink money* na imprensa homossexual no Capítulo 3 dessa dissertação.

Nos anos setenta e oitenta, um jornal alternativo voltado para o público gay era muito difícil de ser mantido. Alguns assinantes foram progressistas, mas havia dificuldade em conseguir assinaturas, pois as pessoas têm medo de assinar uma publicação gay. Elas não sabiam como o jornal chegaria na casa delas, não queriam que os outros soubessem sua preferência sexual, ou às vezes nem eram gays.<sup>26</sup>

O medo de ser flagrado lendo um periódico homossexual e as possíveis consequências de passar a ser identificado como gay ou lésbica afugentava uma parcela dos homossexuais e simpatizantes, que deixavam de apoiar os jornais publicamente e não se tornavam assinantes.

Ainda sobre as assinaturas, as publicações também enfrentavam um outro problema, esse já conhecido da grande imprensa: a não assiduidade de pagamento entre os assinantes. Helio Fonseca, o Gato Preto, que durante a década de 1970 era colunista do *Gente Gay* escreve uma carta, para os editores do recém criado *Lampião da Esquina*, em que relata as dificuldades de se produzir um jornal homossexual. Entre os problemas enfrentados ele destaca os constantes atrasos no pagamento feito pelos leitores. Na carta, publicada pelo *Lampião da Esquina*, o Gato Preto desabafa:

Escrevo no *Gente Gay* sob o pseudônimo de Gato Preto (mais por apelido que por tentar me esconder) e sinto como a "classe" é volúvel inclusive em apoiar boas intenções. Todos querem ler *Gente Gay*, mas poucos gostam de pagar e isto está onerando os colaboradores, tanto que o número de março ainda não saiu por que alguns estão desanimados, sem contar com os aborrecimentos e pressões diversas. (*Lampião da Esquina*, Ano 1, n. 0, abr. 1978, p. 14).

Na carta, Gato Preto relata que as dificuldades geradas pelo atraso no pagamento das assinaturas e a falta de apoio, de forma geral, provocava um desânimo entre os editores, o que levava ao fim de muitos jornais homossexuais. As publicações, visando superar essas dificuldades, realizavam entre as décadas de 1970 e 1980 campanhas de assinatura com promoções e a entrega de brindes para os assinantes.

O *Journal Gay Internacional*, por exemplo, para tornar o periódico mais acessível e atrativo para os assinantes, criou uma campanha de assinatura trimestral em que cada renovação o leitor ganhava um brinde. Os assinantes tinham ainda direito a serviços exclusivos, como, colocar seu anúncio pessoal no Clube Internacional de Correspondência Gay ou ainda ganhar uma foto, sem censura, no tamanho 13 X 18 de qualquer um dos modelos do jornal. Os assinantes que indicassem amigos receberiam uma nova foto erótica por cada nome indicado que se tornasse também assinante.

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida por Dolores Rodriguez a Claudio Roberto da Silva em 23 de outubro de 1995. O depoimento está disponível na dissertação de Silva (1998, p. 533-555)

Apesar do empenho dos jornais e revistas em captar recursos, as dificuldades financeiras eram um problema comum a todas as publicações. Os contratemplos enfrentados diariamente eram muitos, os editores lidavam com a falta de capital, os obstáculos no acesso às tecnologias produtivas necessárias, os preconceitos ainda existentes, as pressões e cobranças do público e do movimento homossexual organizado. A essas demandas somava-se a inexperiência dos editores e redatores em comandar uma empresa jornalística.

A imprensa homossexual era feita por entusiastas que tinham a necessidade de dar visibilidade as suas práticas e que acreditavam no poder de transformação do jornalismo. Os editores desses periódicos, com a exceção do *Lampião da Esquina*, não trabalhavam como jornalistas ou tinham experiência com o mercado editorial. Para Green (2000, p.423), as falhas que levavam ao fim dessas publicações ocorriam, entre outros fatores, pela falta de habilidade jornalística e administrativa necessária.

Os editores da imprensa homossexual tinham o sonho de poder falar sobre suas conquistas, dificuldades e desejos. A vontade de tornar visíveis os acontecimentos sobre a homossexualidade era o que guiava essas publicações. As questões financeiras, os aparatos de produção e a estrutura organizacional eram, na maioria das vezes, elementos de segunda, terceira e quarta ordem. Os conteúdos e a potência de afeto parecem ser o grande ponto dessas publicações. No próximo subitem, vamos falar sobre esse aspecto central, os conteúdos, os personagens e suas relações afetivas com os jornais e revistas por eles produzidos.



### Capítulo 3 - As múltiplas formas de ser na mídia

Os jornais homossexuais lançados entre as décadas de 1960 e 1980, como pudemos perceber no capítulo anterior, enquadravam a homossexualidade de formas distintas. As publicações, por meio de seus conteúdos, conferiam visibilidade a modos específicos de ser homossexual. É possível notar que, de modo geral, os jornais se aglutinavam em torno de modelos ideais de homossexualidade. O que objetivamos neste capítulo é identificar e demonstrar quais seriam esses modelos, suas características e estratégias discursivas. Este percurso perpassa pelo debate em torno do jornalismo enquanto tecnologia de gênero e as suas formas de narrar o diverso.

Durante o período analisado, a partir dos anos 1960, grupos de homossexuais começaram a tomar o espaço público de forma organizada, criar grupos, espaços de socialização e bandeiras de luta política. Nesse processo de transformação social, os jornais foram privilegiados enquanto plataforma de comunicação, sendo utilizados para além do seu mero caráter informacional e noticioso. O jornalismo servia para fazer ecoar vozes, criar uma cultura comum e tentar modificar as perspectivas sociais negativas sobre a homossexualidade. Para isso, diversas estratégias de ressemantização da imagem do homossexual foram adotadas, tendo sempre em vista as demandas exigidas pelo contexto em que eram produzidas.

O jornalismo concedia legitimidade para os grupos e os movimentos. Em meio a uma sociedade imersa em uma cultura do espetáculo e da midiaticização, em que só o que é visto parece ter valor, criar um circuito comunicacional midiaticizado parecia ser a melhor alternativa para alcançar algum empoderamento. As publicações permitiam que os fatos cotidianos de grupos de homossexuais se tornassem acontecimentos visíveis e ganhassem, assim, alguma legitimidade. Os personagens que ganhavam as páginas dos jornais e revistas eram alçados a notoriedade e seus discursos envoltos por uma áurea de verdade, adquirida pela credibilidade conferida à instituição jornalística frente à sociedade.

As configurações da imprensa homossexual, durante suas três primeiras décadas, passaram por grandes transformações movidas pelas reconfigurações sociais, que modificaram as práticas da imprensa e a própria compreensão do que é “ser homossexual”. Como nos lembra Foucault (1988), a sexualidade também é um dispositivo que foi historicamente construída por meio de atos de poder, não existindo, assim, um discurso

inato sobre o que é ser homossexual. Essa compreensão ocorreria por meio das práticas discursivas em constante disputa, sendo o jornalismo um campo de batalha privilegiado.

A sexualidade é o produto de uma complexa tecnologia do sexo que é muito mais eficaz no controle exercido pelo poder sobre os corpos do que qualquer proibição. A tecnologia do sexo atuaria por meio de uma rede multilinear de dispositivos discursivos que, baseados em uma ordem de poder - saber - prazer, interpelariam os sujeitos fixando certas diferenças como supostamente orgânicas. Assim, certos desejos e prazeres parecem derivar de predisposições naturais (FOUCAULT, 1988, p. 101).

A teórica feminista Lauretis (1994), influenciada pelas contribuições de Foucault com relação a sexualidade, propõe o tensionamento das reflexões do autor para pensar também as relações de gênero. Para a autora (1994, p.208), "assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos". O gênero, o sexo e a sexualidade seriam, assim, efeitos produzidos por meio de complexas tecnologias sociais que estariam a serviço do imperativo heterossexual. (Butler, 2013).

A heteronorma estabelece uma coerência entre sexo, gênero e desejo de forma que quando um corpo é identificado como sendo masculino, por exemplo, ele passa a ser interpelado pelos discursos reguladores para assumir a identidade do homem viril, provedor, reprodutor e sentir atração pelo sexo oposto. Essa relação causal seria responsável por conferir inteligibilidade aos sujeitos no interior do domínio cultural. Os corpos que não se enquadram nesse modelo são considerados não naturais e deveriam ter a suas identificações negadas, como no caso dos homossexuais.

Compreender a sistema sexo-gênero como um constructo cultural, estabilizado através do tempo, leva a perceber que não há uma verdade natural ou trans-histórica sobre a homossexualidade. Isso significa que é necessário se desfazer da ilusão de uma identidade homossexual estável e definida. O entendimento do que é ser homossexual está em um processo constante de reinvenção individual e coletiva. Entre os anos 1960 e 1980, por exemplo, existiram uma multiplicidade de discursos que tentavam regular, aplicar e reforçar uma determinada identidade homossexual visando conferir uma espécie de repouso existencial que fosse capaz de assegurar reconforto pessoal e direitos sociais a diferentes homossexuais (ERIBON, 2008).

Entre os mecanismos sociais que produzem, promovem e aplicam o sistema sexo-gênero estão, por exemplo, o sistema educacional com sua produção de saber e a mídia (Lauretis, 1990). No primeiro capítulo demonstramos como os estudos históricos produzidos no campo comunicacional colaboravam para estabelecer mitos sobre a

homossexualidade, enquanto neste capítulo o foco recai sobre o papel do jornalismo como uma tecnologia de gênero.

Em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, a imprensa é um campo fértil e central na disputa pelo estabelecimento das identidades hegemônicas, que se tornam sinônimo de recompensa ou exclusão social de acordo com as aproximações ou distanciamentos dos sujeitos para com os modelos acordados como ideais. A formulação saber-poder elaborada por Foucault (2014, p.177) demonstra a lógica perversa de se fazer aparecer e dizer dos dispositivos, por meio dos quais a disciplina atua através do olhar normatizador que, por sua vez, examina, classifica e hierarquiza práticas baseando-se nas dicotomias bom/mal, normal/anormal.

O jornalismo tradicional, neste quadro, funciona como uma forma de controle social. Sua mediação revela e oculta operações de poder, mecanismos disciplinares e produzem efeitos de verdade. A notícia e outros gêneros jornalísticos desenvolvem as temáticas através de uma pedagogia dos costumes que pretende normalizar os comportamentos. A imprensa, por exemplo, ao indicar a homossexualidade e suas relações enquanto promíscuas e perigosas, configura uma alteridade que dá vazão à qualificação destas condutas como anormais, sugerindo castigos e classificações. Dessa forma, a produção noticiosa atua com um instrumento capaz de gerar a coesão social em torno da norma, enquanto simultaneamente coage os corpos marginalizados (MAROCCO; BERGER, 2006).

Todas as sociedades produziram narrativas visando contar sua presença no mundo. Em nosso contexto, o jornalismo passou a assumir o lugar de formulador da narrativa universal. A enunciação jornalística foi munida socialmente de poderes aglutinadores, reguladores e normatizadores. Os seus textos passaram a ocupar o lugar da mediação social. Os fatos narrados, para além de suas histórias, transportam enredos marcados por projetos e angústias sociais. Vale destacar que o jornalismo comercial/industrial se fechou em torno de uma ordem concentracionista que exclui a diversidade humana (Sodré, 2014).

A luta por direitos que possibilitassem uma inserção social igualitária levou os movimentos homossexuais a reivindicarem a ressignificação da visibilidade conferida tradicionalmente à homossexualidade. A teórica e militante feminista Adrienne Rich (2010), por exemplo, destacava a necessidade de se produzir e fazer circular conteúdos acerca da existência lésbica<sup>27</sup> com a finalidade de superar a invisibilidade que as práticas

---

<sup>27</sup> Rich (2010) opta por empregar as expressões existência lésbica ou *continuum* lésbico em detrimento ao termo lesbianismo por achar que essa denominação usual afere uma unidade com feições clínicas as

associadas a esse modelo são renegadas, tornando assim possível fornecer novos parâmetros de vivenciar o gênero.

A suposição de que "a maioria das mulheres são heterossexuais de modo inato" coloca-se como um obstáculo teórico e político para o feminismo. Permanece como uma suposição defensável, em parte porque a existência lésbica tem sido apagada da história ou catalogada como doença, em parte porque tem sido tratada como algo excepcional, mais do que intrínseco (RICH, 2010, p.35).

A principal contribuição das críticas elaboradas por Rich (2010) é demonstrar que a heterossexualidade foi estabelecida historicamente enquanto prática compulsória<sup>28</sup> e sustentada por uma ampla rede discursiva. A autora enfatiza, que a destituição histórica da existência de formas não heterocentradas baseada na destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser seriamente considerada (RICH, 2010, p.36). As observações feitas por Rich, acerca do silenciamento da existência lésbica, podem ser expandidas para todas as demais formas não normatizadas de vivenciar a sexualidade. É preciso ressaltar, entretanto, que entre os corpos subalternos, ligados aos prazeres dissidentes, também existe uma hierarquia de graus de invisibilidade e, por sua vez, de rechaçamento social.

Movidos pelo ímpeto da mudança dessa situação de invisibilidade, surgem os jornais homossexuais. Seus editores pretendiam superar a linha abissal que separava suas existências das formas reconhecidas e perpetuadas de experienciar a sexualidade. Entre seus produtores era partilhado o sentimento de uma árdua batalha simbólica a ser vencida. O caminho encontrado, via o jornalismo, buscava promover uma comunhão entre os pares que fosse capaz de unificar as várias vozes silenciadas em torno um grito existencial audível.

O editorial assinado por Antonio Massaro Kirihara no *Jornal do Gay* é alusivo a esse posicionamento. Em um fragmento do texto o editor diz: "Amigos e irmãos de causa: é árdua a batalha. Conto com todos vocês. Participem colaborem, divulguem. Se cada um de vocês fizer um pouco o resultado será maravilhoso. É hora de despertar deste longo silêncio" (*Jornal do Gay*, Ano 1, n. 6, 1980, p.2).

---

mulheres. Dessa forma para a autora "Existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação continua do significado dessa mesma existência. Entendo que o termo continuum lésbico possa incluir um conjunto - ao longo da vida de cada mulher e através da história- de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o fato de uma mulher tivesse vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher" (RICH, 2010, p.35-36).

<sup>28</sup> Para Castells (1999, p.238-241) a heterossexualidade compulsória refere-se ao período em que a heterossexualidade era tida como a única opção devido a forte influência do patriarcalismo fazendo com que as práticas homossexuais fossem consideradas crimes ou doença.

Os jornais homossexuais, por sua vez, ao buscarem constituir um enunciador homossexual comum estabelecerem políticas editoriais que, na maioria dos casos, só faziam alusão a um mesmo perfil identitário esquemático ou, então, evocavam a defesa de um dado padrão de gay. A união simbólica em torno de uma voz, que pretendia servir como força para quebrar preconceitos, passou, assim, a estabelecer novos estereótipos e condutas normativas.

O que é importante ter em vista é que há o risco destas narrativas prescreverem determinados modelos como referência frente a outros, criando, assim, novos estigmas. Para Lauretis (1994), as contribuições teóricas e práticas que não conseguirem fugir de um contrato social normativo, para pensar a relação sexo-gênero, irão atuar enquanto uma tecnologia de gênero que perpetuará novas margens.

Enquanto sujeitos e sociedade tendemos, equivocadamente, a universalizar as nossas condutas. Pensar o desejo somente através de uma ótica é limitar as formas de prazer e violentar os corpos, fazendo-os seguir um padrão inexistente. São inexistentes, uma vez que estes modelos ideais não são expressões instintivas que representam uma verdade pré-discursiva da carne. A sua realidade, como norma de conduta para os corpos, está condicionada ao sistema discursivo que a produz e reproduz.

As alegações universalistas interpretam as práticas sociais por meio de categorias normativas e excludentes. A compreensão das formas de desejo por meio de unidades globalizantes, coerentes e contínuas estabelece como condição do ser uma inteligibilidade que só reconhece ligações causais entre órgãos reprodutivos, gênero, manifestações de desejo e prática sexual (Butler, 2015).

Os prazeres inteligíveis são regulados por práticas culturais que instituem restrições binárias aos corpos. As categorias homem/mulher, heterossexual/homossexual, bofe/boneca, ativo/passivo, discreto/afeminado estabelecem como única possibilidade de experienciar o desejo, um sistema dualista oposicional, em detrimento da diversidade pluralista do prazer.

Os produtores da imprensa homossexual, muitas vezes, perdem de vista que a sexualidade humana não pode ser contada de forma essencialista ou desassociada das intersecções que são estabelecidas com questões de cunho étnicas, raciais e de classe nos diferentes contextos históricos. As diversas desigualdades sociais, que perpassam as questões de gênero, são responsáveis pelo estabelecimento de um sistema hierárquico de valoração que avalia as condutas sexuais adotadas pelos indivíduos. A visibilidade pública,

em discursos midiáticos ou históricos, é reduzida na medida em que o indivíduo se enquadra em condutas consideradas inferiores ao padrão estabelecido.

O sistema hierárquico de valoração sexual pode ser representado pela figura de uma pirâmide erótica, segundo Rubin (1989). No topo da pirâmide, encontram-se os casais heterossexuais casados e com filhos. Logo abaixo, estão os heterossexuais monogâmicos que possuem alguma relação estável, porém, não são casados. Estes são seguidos de todos os demais heterossexuais. No limite da respeitabilidade se encontrariam os casais de gays e lésbicas monogâmicos. Pairando sobre o fundo da pirâmide estariam os homossexuais considerados promíscuos, que ainda gozariam de maior prestígio que os transexuais, as travestis, os sadomasoquistas e os trabalhadores do sexo.

Os sujeitos que se encontram no estrato social mais inferior da pirâmide erótica, são enquadrados recorrentemente como perigosos sociosexualmente e possuidores de uma erótica infame. Estes corpos à margem carecem da proteção do Estado. A vulnerabilidade a qual estão expostos impõe, usualmente, restrições de mobilidade física e social, o que faz com que os sujeito fiquem isolados nos guetos e nas zonas periféricas. As instituições públicas não estão preparadas ou não querem desenvolver políticas de inclusão. Podemos observar isso na saúde, na educação e na segurança pública.

Os homossexuais são privados de seus direitos, pois, em princípio, não são reconhecidos plenamente como sujeitos, como nos auxilia pensar Butler (2015). A compreensão da homossexualidade vem sendo regida pelo discurso da religião, do direito e da saúde como sendo pecado, delinquência, desvio e anormalidade. O gay, a lésbica, a travesti e o transgênero são nessa lógica o não ser, já que suas práticas não representam a ontologia dominante.

A sociedade moderna inventou, ou pelo menos organizou cuidadosamente como referência, o modelo baseado no casal heterossexual. A relação monogâmica entre sujeitos de sexos biológicos opostos passou a ser reconhecida no campo das práticas e dos prazeres sexuais como natural. As aproximações ou distanciamentos dos corpos para com os papéis sociais deste modelo definem recompensas ou exclusões sociais (FOUCAULT, 1988).

A homossexualidade seria dessa forma, como afirma Preciado (2014, p.30), um "acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual". É necessário destacar que se trata de um acidente necessário para o funcionamento da engrenagem, pois a homossexualidade, assim como todas as outras práticas tidas como anormais ou antinaturais, é estabelecida como o que deve ser negado à identificação, reafirmando

assim, as práticas ao qual se pretende naturalizar. Este jogo entre o permitido e o interdito faz do homossexual – em variados graus – um corpo abjeto.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob signo do 'inabitável' é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2013, p.155)

O reconhecimento do homossexual enquanto abjeto perante o imperativo heterossexual não significa simplesmente a identificação das estratégias de poder que incidem sobre esses corpos, os pondo à margem. Para Butler (2013), o conceito de abjeto deve ser utilizado como tecnologia para provocar uma revolução dos padrões de gênero. As zonas abjetas teriam uma função gregária com potência para desenvolver uma agenda política capaz de causar a inversão das posições hegemônicas. O conceito demonstra também que as tecnologias de gênero não exercem somente a função de dominação, podendo ser utilizadas igualmente para sua desconstrução.

As ações empreendidas pelo movimento homossexual brasileiro, a partir da década de 1960, podem ser pensadas como exemplo de reação da zona abjeta. Gays, Entendidos, Lésbicas e "Bonecas" se uniram para sistematicamente ressignificar positivamente uma identidade homossexual pública. Essa geração de militantes utilizou o jornalismo, entre outras ferramentas, para promover a discussão sobre os preconceitos de gênero e conquistar espaços públicos para a prática da homossexualidade (PEREIRA, 2014).

O que buscamos observar é o quanto esses periódicos estavam aptos a apreender a diversidade pluralista que rege o social, pois, somente com a concepção de sexualidade como sinônimo de múltiplas formas de prazer e de afeto será possível desenvolver uma produção de saber ética sobre as questões de gênero.

A antropologia vem ao longo das últimas décadas desenvolvendo a consciência de que as diferenças culturais devem ser interpretadas de forma positiva e evitando interpretações evolucionistas. Nessa perspectiva, é valorizada a unicidade de cada cultura e a diversidade de cada sociedade. Agora nos cabe compreender as diferentes culturas sexuais de forma similar, como nos instiga pensar Rubin (1989).

Por isso, a reincidência de um único modelo de homossexualidade, com destaque para os mesmos perfis, frente a uma temática composta por sujeitos múltiplos, é também problemática. Não basta reivindicar um novo regime de visibilidade, é igualmente importante que os novos discursos circulantes fujam de uma política identitária

essencialista ou corre-se o risco de estar naturalizando novas formas idealizadas de vivenciar o gênero.

Butler (2015), ao analisar os efeitos das reivindicações das feministas da segunda geração, assim como Rich (2010), destaca que as militantes, ao lutarem pela emancipação por meio de novas formas de visibilidade, essencializaram em seus discursos a figura da mulher. Essa conjuntura colocou como desafio, para as novas gerações de feministas, pensar as formas de produção social da mulher. Esse questionamento nos serviu de base para indagar como a imprensa homossexual, ao longo de sua história, apresentou seus personagens, quais foram os atores privilegiados em suas narrativas.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das mulheres, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca emancipação (BUTLER, 2015, p. 19-20).

Nos apropriamos, aqui, da perspectiva de Butler (2015) sobre a necessidade de se repensar o feminismo não somente como uma luta pela emancipação da mulher, mas uma crítica à própria construção do que é ser mulher. É nesse sentido que nos parece importante estudar a história das práticas e dos processos dos homossexuais na imprensa brasileira. Foi a partir desse ponto de vista que buscamos entender, ao olhar para a produção da imprensa homossexual do passado, como as representações deste segmento do jornalismo produziram invenções sobre a homossexualidade.

Não se trata de negar as conquistas proporcionadas pela visibilidade adquirida, através da imprensa, por práticas não heterocentradas, mas de chamar atenção para o fato de que, muitas vezes, não é dada expressão à pluralidade das experiências concretas. O que podemos perceber, por meio de uma visão panorâmica da forma como a imprensa homossexual narrou a existência de seus personagens, costumes e acontecimentos, é de que existiu, ao longo das três primeiras décadas, ordens de saber distintas que direcionavam o olhar ao reconhecimento de modelos específicos de vivenciar a homossexualidade.

O discurso em prol do diverso, adotado por esses jornais, muitas vezes, se fazia apenas em relação ao heterossexual, o “outro” em relação ao qual o homossexual buscava reconhecimento. O apelo à pluralidade não ocorria em relação à própria comunidade homossexual, quase nunca considerada na sua diversidade constitutiva.

A análise dos 33 jornais aqui estudados (apresentados no capítulo anterior) nos permitiu identificar quatro maneiras recorrentes de apreender a homossexualidade, sendo elas: o modelo hierárquico, o modelo igualitário, o modelo *queer* e o modelo *pink money*.



Cada um desses enquadramentos da homossexualidade é constituído, de forma relacional, por características do seu contexto que delimitam padrões estéticos, formas de prazer, normas de conduta. A prática jornalística também assume configurações singulares em cada uma dessas ordens de homossexualidade.

Nos próximos itens iremos apresentar a forma de atuação de cada um desses modelos, explicitando suas características, suas estratégias discursivas e as maneiras como esses discursos interpelavam o corpo homossexual.

### **3.1. Modelo Hierárquico**

As décadas de 1960, 1970 e 1980 são um marco temporal para a compreensão de questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. É nesse período que a ideia de uma comunidade gay internacional começa a ser forjada por meio de processos de socialização e guetificação cada vez mais demarcados ao redor do mundo.

As grandes metrópoles brasileiras, como Recife, Salvador, São Paulo e principalmente o Rio de Janeiro, possibilitavam maior maleabilidade perante o rígido modelo patriarcal em vigor, o que tornava estes espaços propícios para a formação de grupos assumidamente homossexuais. Estas cidades se tornavam atrativas por serem o berço de movimentos de vanguarda libertária, pelo anonimato de sua população, assim como por proporcionarem acesso à uma vasta gama de produções culturais, formas de lazer e estilos de vida não normativos.

Ano de 1963. A cidade do Rio de Janeiro vive um clima de efervescência cultural e política que prometia liberdade e ação. Sua imagem continha a promessa de se poder viver sem as amarras das cidades menores ou rurais, possibilitada por mais independência da família e do controle dos vizinhos. O 'exílio' para muitos homossexuais era condição necessária para construir sua vida em outro cenário cultural, reescrevendo sua biografia. O controle social a que o campo ou as cidades pequenas submetem esses atores inviabiliza sua atuação coletiva, tornando extremamente difícil levar a cabo suas pretensões, sejam de parceria sexual ou de amizades (COSTA, 2010, p.29)

A partir de 1960, como demonstra Costa (2010) se percebe um êxodo homossexual para os grandes polos urbanos o que estimulou nessas cidades o surgimento de redes de socialização gay que passaram a atuar tanto no nível privado como público. Uma demonstração da presença de imigrantes na constituição da "sociedade bichal" carioca pode ser percebida na pesquisa etnográfica realizada por Guimarães (2004), entre os anos

de 1973 e 1976. A autora se inseriu em um *network* de "assumidos"<sup>29</sup> e percebeu que a maior parte adivinha de fora da cidade do Rio de Janeiro.

O trabalho desenvolvido por Guimarães (2004) também nos é caro para pensar uma diferenciação salientada pela autora entre dois tipos de rede de socialização desenvolvidas pelos homens que procuravam outros homens para o intercuro sexual: o *network* e os grupos. Guimarães (2004, p. 24) se debruça em um tipo de rede a qual denomina de *network* por "embora o termo grupo ("grupo aberto") tenha sido empregado nos discursos individuais, o conjunto de dados indica não haver uma 'consciência de grupo' ou de ação coletiva comum que justifique o uso do termo".

A ausência da consciência de grupo percebida por Guimarães (2004) não se enquadra, porém, nas formações coletivas que eclodiam por todo o Rio de Janeiro, a partir de 1960, e que se autodenominavam de Turmas. O levantamento feito por Costa (2010, p.34) baseado nos dados coletados a partir do jornal *O Snob*<sup>30</sup>, levaram o pesquisador a afirmar que as Turmas "tinham também personagens marcantes e público fiel a suas atividades que consolidavam objetivos singulares (modo de agir, gostos) e lhes garantiam visão de mundo própria – eram, portanto, mais do que um 'coletivo'".

Durante os anos de 1963 e 1964, existiam ao menos nove Turmas espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro, sendo elas a Turma do Catete, Turma de Copacabana, Turma da Zona Norte, Turma do Leme, Turma OK, Turma da Glória, Turma da Mafalda, Turma de Botafogo e o Grupo Snob. Essas redes de socialização funcionavam como agremiações que realizavam reuniões nos apartamentos de seus membros e discutiam sobre filmes, peças, literatura, além de realizar jogos, como o "jogo da verdade" e "salada mista", e performances ao som das grandes estrelas do rádio nacional e internacional.

As atividades das Turmas não se restringiam à esfera privada, também eram planejadas festas, concursos de beleza, eleição de melhores do ano entre os membros, assim como apresentações de dublagens e performances. Os integrantes das turmas também planejavam viagens e saídas coletivas entre os locais de socialização gay, como o Bolsão de Copacabana<sup>31</sup> e as boates da Zona Sul.

---

<sup>29</sup> A expressão se refere a sujeitos que assumem na esfera pública sua identidade como homossexual.

<sup>30</sup> A publicação é considerado por Péret (2011) o primeiro jornal assumidamente homossexual do país. Costa (2010), no entanto aponta que outros jornais existiram antes do seu lançamento, porém, com circulação restrita aos membros das Turmas que os produziam sendo o *Snob* o primeiro que tinha como proposta editorial atingir um público mais amplo.

<sup>31</sup> O Bolsão de Copacabana ficou conhecido entre as décadas de 1960 e 1980 como o *point gay* da praia no Rio de Janeiro. Sua localização é o trecho de areia em frente ao Hotel Copacabana Palace.

Por meio dessas experiências foi se constituindo no Rio de Janeiro uma densa rede de amigos homossexuais que começavam a tornar pública uma cultura considerada marginal e clandestina. Diferente daquela sociabilidade que se estruturou em espaços públicos como praças, ruas e banheiros, as Turmas de amigos homossexuais marcaram a transição de um comportamento sexual (mais ou menos público) para uma identidade sexual, já que começaram a consolidar um conjunto de saberes do que seria “ser homossexual”(SOLIVA,2012, p.42).

Com a consolidação de suas atividades e o crescimento exponencial de seus membros<sup>32</sup>, as Turmas começaram a publicar pequenos jornais que, inicialmente, serviam como mecanismo de divulgação dos eventos e como plataforma para comentar sobre a vida dos personagens de destaque desse universo e suas tramas. As publicações passam a ter centralidade nas dinâmicas sociais, servindo como o principal meio de circulação das notícias referentes aos acontecimentos do universo dos homens que mantinham relações sociosexuais com outros homens.

Os jornais produzidos pelas Turmas foram uma ferramenta importante para conferir unidade aos grupos. Os homossexuais, que se autoexilaram ou eram mandados por suas famílias para as grandes metrópoles, chegavam aos centros urbanos com a noção de pertencimento esfacelada. As Turmas assumiam o lugar ocupado tradicionalmente pela família. As redes de sociabilidade formadas pelos homossexuais permitiam que eles se apoiassem uns aos outros. Os jornais colaboravam para compartilhar entre os membros das diversas Turmas um universo comum.

Inicialmente cada Turma produzia, ainda que de forma irregular, um jornal. Havia, por exemplo, os jornais *O Chic* e *Queridinho*, lançados por grupos de Copacabana, *O Charme*, feito em Botafogo, e *Carrilon*, na Tijuca. Com o início do período do regime militar, as turmas começaram a perder força, pois, seus membros temiam que as reuniões pudessem ser consideradas subversivas pelo Estado, o que levaria a perseguição e prisão. Com o enfraquecimento das agremiações os jornais passaram a ser o novo centro de socialização entre membros de vários grupos.

Um dos grupos que existia durante a pré-ditadura e que viu suas atividades interrompidas com a insurgência do novo regime foi a Turma Ok. Fundada em 13 de janeiro de 1961, a agremiação promovia em sua primeira fase reuniões semanais ou quinzenais na Zona Sul, com destaque para a casa do boliviano Antônio Peres, no

---

<sup>32</sup> Com base nas publicações do jornal *O Snob* Costa (2010, p.33) conseguiu identificar em 1963 o total de 173 pessoas enquanto membros do grupo que dava nome ao jornal enquanto em 1964 esse número aumenta para 375.

Flamengo. A Turma Ok já possuía uma estrutura que contava com presidente, vice-presidente e tesoureiro, além de produzir atas de cada reunião.

Com o enrijecimento do regime militar, as atividades da Turma Ok são encerradas, em 1964, voltando a ocorrer somente na década de 1980 com o processo de abertura do regime. Na reestruturação do grupo, José Luiz Ferreira Bahiana, conhecido como Paizinho, assume um papel central na tarefa de reunir antigos sócios e novos membros para a Turma em reuniões que passam a ocorrer em sua casa. Em entrevista para o *Okzinho*, de outubro de 1984, José Luiz (1984, p.15), então no final do seu mandato de presidente e se preparando para assumir o cargo de presidente de honra, relembra como ocorreu a retomada das atividades do grupo:

A TURMA OK veio parar em minhas mãos depois de uma festa em que estavam presentes LEDA CAMARCO, RENESITA E CARUSO. Falamos sobre o meu desejo de fazer funcionar um grupo artistico em nosso apartamento (do Irapuan e meu). Então LEDA CAMARGO trouxe PETULA e RENÊ: dessa reunião saiu a idéia de ressucitar a TURMA OK que estava extinta<sup>33</sup>.

Com o crescente número de membros os espaços domiciliares não comportavam mais a demanda da nova fase do grupo, o que levou em um primeiro momento a reuniões em clubes, até a consolidação de uma sede própria na Lapa. Soliva (2012, p.60) conta como foi o processo:

Os encontros passaram então a acontecer nas dependências do Clube 1º de Maio, no bairro do Caju. Por meio da amizade que mantinha com o proprietário do Cabaré Casa Nova (boate na Lapa), Anuar conseguiu trazer para esse clube as reuniões da Turma, que passaram a ser realizadas todas as segundas-feiras. Essas reuniões proporcionavam benefícios ao dono desse espaço, já que era uma oportunidade de vender bebidas e guloseimas do bar aos frequentadores. Ali, os “okeis” permaneceram por três anos, mudando para uma sede própria que conseguiriam alugar, também na Lapa.

Com a reestruturação da *Turma Ok*, antigos membros, como Agildo Berreza Guimarães, retornaram ao grupo. Agildo Guimarães é pernambucano da cidade de Recife e se mudou para o Rio de Janeiro com 22 anos, em 1952, tendo fundado o jornal *O Snob*. Ao lado de Anuar Farah participou ativamente na Associação Brasileira de Imprensa Gay e na Turma Ok, sendo o criador do *Okzinho*. O jornal foi pensado para ser o veículo de divulgação dos acontecimentos internos da agremiação, assim como, propagador de notícias sociais relevantes para o universo homossexual.

---

<sup>33</sup> Destaques originais do texto.

A história de vida de Agildo Guimarães se assemelha a de muitos outros homossexuais do seu tempo. Um homem que deixou sua família e amigos para traz movido pela esperança de encontrar no Rio de Janeiro a possibilidade de viver plenamente sua sexualidade. O seu comportamento afeminado fazia com que continuamente fosse identificado como bicha. O mundo que conhecia em Recife sempre o foi hostil. Contudo, a chegada ao Rio era marcada por sentimentos contraditórios, por um lado a liberdade sexual por outro a dificuldade de viver em uma cidade grande sem o suporte da família, ainda muito jovem, sem emprego ou formação. Agildo morou por muitos anos em uma favela próxima a Central do Brasil, trabalhou como vendedor e passou por diversos empregos até atingir a estabilidade financeira. Em entrevista ele relembra como a Turma Ok foi fundamental no seu processo de afirmação enquanto homossexual.

A Turma Ok foi de grande valia, eu fui saindo da casca do ovo porque eu comecei a falar. Eu era liderança, era presidente, então eu tinha que falar. Tinha aquela coisa de organizar. Isso em 1960. Porque olha só, naquela época, ninguém sabe o que era em 1960 uma pessoa homossexual, que vem do nordeste. Era tímido por natureza. Mas eu conseguia sobressair daquilo tudo [...] A importância era você falar, você poder ser você. Naquela época eu podia ser eu mesmo, sem ter problema de fazer gestos. Ali eu tinha o direito de ser eu, de fazer as coisas, de comandar, de dirigir. E lá dentro eu comecei a fazer festas. Eu vivi sempre com essa vontade de fazer um grêmio literário, porque em Recife já existia essas coisas. E também queria fazer jornal, mimeografo. Eu queria fazer!<sup>34</sup>

O devir homossexual é marcado pela busca por referências, como se tornar bicha em uma sociedade em que os discursos hegemônicos circulantes são baseados nos rígidos papéis de homem e mulher heterossexual? O processo de se assumir é marcado habitualmente por uma trajetória lenta, dolorosa e solitária. As Turmas eram o local em que ser homossexual era possível. A Turma Ok e o *Okzinho* eram os espaços de partilha dos códigos da homossexualidade, os discursos ali circulantes inventavam um modelo de homossexualidade que era inscrito nos corpos daqueles homens que mantinham relações sociosexuais com outros homens.

O *Okzinho* se aproximava, em seu conteúdo, das demais publicações gays que circulavam desde os anos 60, marcadas por uma produção artesanal e por textos que focavam nos acontecimentos ordinários ligados ao cotidiano das Turmas. O jornal tinha periodicidade mensal e um número volátil de páginas, variando entre 10 e 30. A

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida por Agildo Guimarães para Rogério da Costa nos dias 09/02/2008 e 12/09/2009 Rogério da Costa

diagramação, embora amadora, chama a atenção pela grande quantidade de imagens publicadas. A publicação é um objeto de estudo singular por ser a única que se mantém em circulação, ainda que de modo irregular.

O *Okzinho* não foi o primeiro jornal lançado pela Turma Ok. O grupo havia produzido outros periódicos de circulação interna como *O Taradinho*, fundado por Antônio Peres e Itamar Dias Soares, que tinha nuances pornográficas. O conteúdo de teor erótico gerava dissenso entre parte dos sócios, o que levou a Léo Acyr Teixeira e Nyhlmar Amazonas lançarem *O Charme*, que por vez se fundiria com *O Truchê*, de Lisandro de Matos Peixoto, dando origem ao jornal *Glamour*, como indica Soliva (2012, p.45).

Vale destacar que *O Taradinho* e o *Glamour* seriam os primeiros jornais assumidamente homossexuais, que se tem registro, a serem publicados no Brasil como indica Costa (2010, p.41). As duas publicações se fundiram posteriormente dando origem ao *A Terceira Força*, em 1963, que se torna o jornal oficial da Turma Ok em sua primeira fase.

O marco de surgimento do *Okzinho* é incerto. Apesar de Soliva (2012) afirmar que o primeiro exemplar foi lançado em março de 1982, o editorial do jornal da edição de dezembro do ano seguinte afirma que este seria o segundo número da publicação, como podemos constatar no trecho que segue:

Estamos aqui, perante vocês, pela segunda vez. Em forma de jornal, em forma de diretoria, em reunião mensal, em forma de sócio. E pela segunda vez, sai o nosso jornal, porta voz de nossas ideias, nossos planos, nossas queixas (se por acaso houver), nossos pedidos e nossa mensagens de amor e carinho, de arte e prazer (OKZINHO, 1983, p.1).

O jornal em suas primeiras edições não continha um cabeçalho informado o ano de circulação e número. Esses dados só passam a ser inseridos a partir do exemplar lançado em janeiro de 1985, que se auto enumera como "Ano II" e inicia uma contagem de edições a partir daquele ano. Entre os exemplares que conseguimos ter acesso, existe somente uma edição anterior a do editorial acima, que foi lançada em novembro de 1983, o que validaria a informação encontrada em nossa transcrição adiando assim por um ano a origem do periódico com relação ao que Soliva (2012) afirma.

O próprio ano indicado na literatura sobre o retorno das atividades do grupo diverge. Enquanto Costa (2010, p.17) afirma que a Turma Ok foi reestruturada em 1884, Soliva (2012, p.45) fala da volta da agremiação ainda na década de 1970. Localizamos, na coluna "Informe - Ok por Agildo B. Guimarães", publicado na edição de abril de 1987 do

*Okzinho*, a informação de que as atividades do grupo haviam retornado em 1974, o que confirmaria a década proposta por Soliva (2012).

A Turma Ok, como todos sabem, existe há 25 anos. Mas houve um período em que aconteceu um afastamento de todos os membros, e lá pelos idos dos anos de 1974, deram de presente, á José Luiz, a Turma Ok, para que ele a reunisse e ele assim fez. Com sua paciência e amor, reuniu todo o pessoal, acrescentando outras pessoas, e hoje a Turma Ok é essa força, da qual nós participamos

A capa da edição que acreditamos se tratar do primeiro número do jornal já dá indícios claros do enquadramento que a publicação dará a homossexualidade. Composta por poucos elementos gráficos o destaque fica por conta da foto de Denise Born. Na imagem vemos um homem vestido de mulher desfilando. A chamada nos auxilia a decodificar a cena, se trata de Denise Born a "Musa de Inverno de 1983" da Turma Ok.

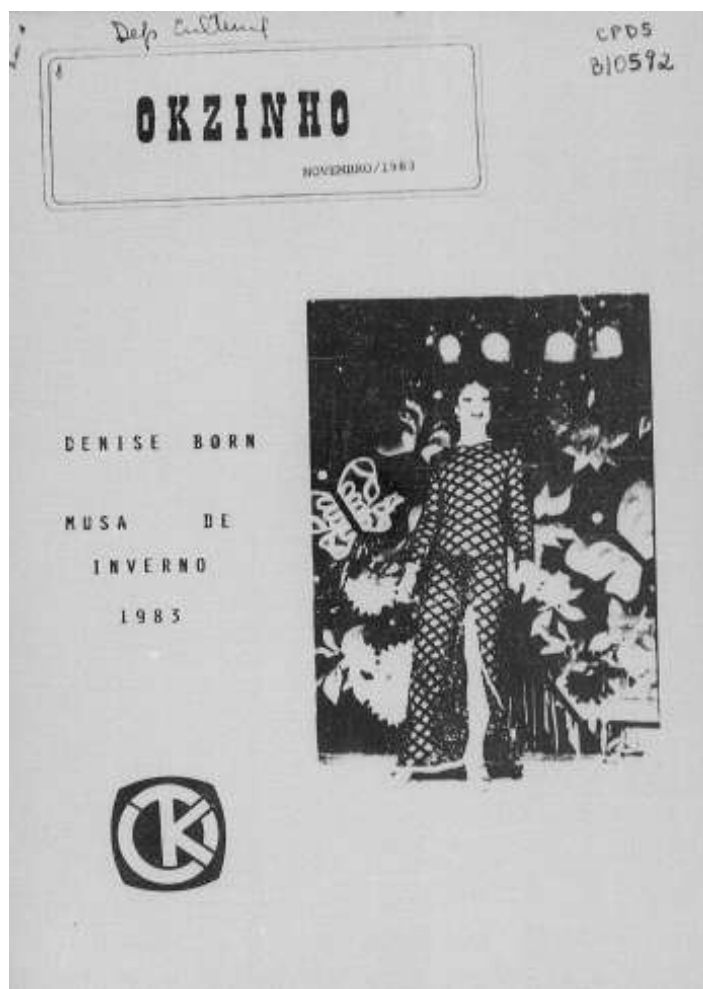


Figura 22 - Capa do *Okzinho*, de novembro de 1983, com Denise Born desfilando.

Ao longo de toda a sua primeira década de circulação as capas do *Okzinho* são representadas por homens com indumentárias e posturas identificadas socialmente com elementos simbólicos pertencentes ao universo feminino. Muitos dos membros da Turma Ok também eram chamados por nomes no feminino. Agildo Guimarães, por exemplo, era Gilka Dantas. Os codinomes auxiliavam esses personagens a manter o anonimato perante uma sociedade opressora, evitando possíveis retaliações, ao mesmo tempo, em que criava uma persona típica do ambiente criado nas Turmas.



Figura 23 - Capas do *Okzinho* de Abril de 1984, dezembro de 1985 e julho de 1986.

As capas de um suporte imprensa são cruciais para mostrar de uma forma condensada e precisa as características de um jornal e o contrato estabelecido com o seu público leitor, como afirma Verón (2004, p.220-221). As Musas, Ladys e outras personalidades que se apropriam de elementos atribuídos ao feminino são quem estampam as capas e estão presentes em todas as páginas do *Okzinho*. Os personagens destacados pelo jornal são as "bichas" e as "bonecas". Estes dois modelos identitários, segundo Fry (1982), seriam os símbolos do regime de homossexualidade hierárquica.

A categoria da 'bicha' se define em relação à categoria 'homem' em termos de comportamento social e sexual. Enquanto o 'homem' deveria se comportar de maneira 'masculina', a 'bicha' tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (gender role) feminino (FRY, 1982, p.90).

Para ser identificado enquanto bicha, o sujeito deveria desempenhar o papel de passivo no ato sexual. O homem que penetra outro homem - o bofe- não é necessariamente



considerado "viado" perante esse modelo. Dessa forma, os regimes de masculinidade no modelo hierárquico estariam divididos entre ativos/passivos e homens/bichas.

No modelo hierárquico, o corpo identificado como homossexual, a bicha, toma para si (ou lhe é atribuída) as características conferidas ao papel da mulher em uma relação heterossexual. A bicha, dessa forma, assumiria um papel de inferioridade perante o homem heterossexual e ao bofe que a penetra. Dentro da lógica falocêntrica, que rege a heteronorma, o homossexual seria um corpo amorfo duplamente, pois, tenta se marcar sócio-sexualmente com o papel inferior de feminino, além de cometer o delito de não utilizar corretamente o falo que possui.

Entre as poucas capas do *Okzinho* que não contêm a foto de alguma drag vale mencionar as edições de outubro de 1984 e setembro de 1986. Nelas os personagens em destaque são os bofes. O que chama a atenção em ambas as edições é a abordagem dada pelo jornal. Os membros da Turma Ok que apareciam na capa eram usualmente entrevistados e ganhavam destaque ao longo da edição. Porém, os bofes não recebem o mesmo tratamento. Sobre a ausência da entrevista com o modelo da capa, a edição de setembro de 1986 informa aos seus leitores que:

Quase sempre a pessoa da capa tem uma biografia, uma entrevista, uma reportagem ou ainda alguns dados biográficos. Mas gente bonita não precisa nada disso. Claudio Mesquista, o gato da capa, é jovem, charmoso, sexy, inteligente, viajado e bonito. Ele é energia positiva, ele é fundamental. Pois faço minhas as palavras de Vinicius de Moraes: 'Que me desculpem os feios, beleza é fundamental'.

O que pode ser percebido por meio desses exemplos é o silenciamento parcial dos sujeitos identificados como bofes na narrativa do jornal. Dentro das dinâmicas sociais e sexuais estabelecidas pela Turma, os bofes assumem um papel importante, por isso, não podem ser simplesmente apagados de suas páginas. No entanto, sua atuação fica usualmente condicionada à imagem de alguma bicha. Claudio Mesquita, por exemplo, é apresentado em sua capa como: "o 'gatão' da capa é caso de Herbert Daniel (sujeito de sorte) é o novo símbolo sexual da Turma Ok".



Figura 24: Capas do *Okzinho* de outubro de 1984 e setembro de 1986

As imagens dos bofes, publicadas pelo *Okzinho*, demonstram as diferentes formas como os corpos do modelo hierárquico são marcados. Enquanto a bicha aposta no artifício, para fabricar um corpo situado entre o masculino e o feminino, os bofes potencializam ao máximo as características associadas à masculinidade. Os homens representados acima buscam exalar virilidade por meio de corpos peludos descamisados, o uso de barba, bigode, cabelo curto e um corpo naturalmente forte.

No decorrer de nosso processo investigativo em busca por vestígios das estratégias utilizadas para reafirmar modos de viver a homossexualidade, as entrevistas nos chamaram atenção entre os formatos jornalísticos presentes na publicação. O caráter confessional marca as enunciações dos entrevistados do *Okzinho*, tornando suas narrativas repletas de significações sociais. Os personagens, em suas falas, direcionam seus relatos de vida para a chancela identitária que o jornal e sua estrutura simbólica e material legitimavam.

As entrevistas do *Okzinho*, em quase sua totalidade, iniciavam com a pergunta "quem é você?". Entre as respostas vale destacar a edição com Divina, de novembro de 1984, a entrevistada elenca em sua auto-descrição a orientação sexual enquanto elemento definidor, afirmando que "sou bicha". Esta é a faceta determinante de minha identidade

(DIVINA, 1984, p.19). Os demais entrevistados marcam sua homossexualidade ao longo da entrevista por meio de aspectos relacionados ao universo sociosexual, com destaque para as experiências sexuais e o vestir-se de mulher para concursos de dublagem.

Desde a sua origem a Turma Ok tinha no centro de suas práticas os concursos de dublagem e transformismo. Com exceção da entrevista realizada com o casal Claudio Pinheiro e Carlos Miranda, na edição de agosto de 1984, todos os demais entrevistados possuíam um nome social feminino assim como se "montavam"<sup>35</sup>. Denise Born, por exemplo, cita aspectos relacionados ao universo sociosexual para construir sua imagem, elencando os títulos que possui nas competições de beleza e performance, como podemos observar na resposta que segue:

Denise Born, 1,70m. 64kg, olhos e cabelos castanhos, signo de capricôrnio. Desde 1973 só 'aparecia' em Escolas de Samba, onde continuo até hoje. Em 1976 ganhei dois títulos: "Boneca Fusão" (quando inauguraram a ponte RIO-Niteroi), realizada em Itaboraí com mais 23 candidatas do Rio e de Niteroi, na semana seguinte, com mais 31 candidatas fiquei com o título de 'Boneca Love Som' da Guadalupe Country Club. Daí dei uma parada com passarela para em 1981 produzir um show para a minha Escola de Samba onde fiz parte do elenco. De lá prá cá tenho feito alguns show e tenho recebido alguns prêmios por esse trabalho. Participei do 'II Concurso de Dublagem' no 'nosso' Casanova onde fiquei com o 1º lugar. Do 'dia D2 do Arranco' onde tirei a 5a. colocação. Recebi o trofeu 'DEVI' como relevação, um de caracterização (pela nossa querida Elis), o Oscar do 'Revelação em Dublagem 82/83' e outros. Agora estou reinando como 'Musa de Inverno 83' na nossa Turma Ok. (OKZINHO, 1983, p.5)

Os títulos conquistados em uma competição são valorizados por todo o grupo, é comum ao se referir a um membro da Turma mencionar o concurso conquistado. As bichas/bonecas que compõe a Turma Ok e estampam as páginas do *Okzinho* buscam reproduzir durante os bailes roupas femininas caras e luxuosas. O glamour excêntrico é o elemento que baliza o padrão dessas personagens, sendo capaz de legitimar as performances e conferir status aos personagens. Percebe-se uma postura camp<sup>36</sup> tanto no comportamento como na estética, marcados por exageros e afetações.

<sup>35</sup> Se montar é uma expressão utilizada para se referir ao ato do transformismo, ou seja, de se vestir de roupas usualmente tidas como do sexo oposto.

<sup>36</sup> O camp é um termo empregado para se referir "a valorização da afetação, da aparência, não é a simples reedição de um dandismo esteticista e paródico na sociedade de massas, mas um aspecto de formação de uma sociabilidade sustentada por códigos específicos de uma ética do estético em contraponto a uma moral universal" (LOPES, 2002, p.95).



Figura 25 - Fotos das apresentações de Mimosa Kerr, filho de José Luiz Ferreira Bahiana (o Paizinho) e Lady Binidita.

Percebemos o direcionamento de algumas perguntas como estratégia utilizada para valorizar/justificar por meio das falas dos entrevistados esse perfil estético e comportamental de ser homossexual. Entre essas perguntas destacamos, por exemplo, a recorrente "o que você acha da dublagem: é arte ou micagem?", feita inclusive ao casal que não se montava. As respostas apresentam o discurso de defesa que coloca a prática como uma forma de arte como podemos perceber na resposta dada por Denise Born (1983, p.6) que considera que "o simples fato de um homem se vestir de mulher e, muita das vezes ficar uma 'bela mulher' já é uma arte".

No processo de reafirmar seu lugar de fala, delimitava-se também uma linha divisória, ainda que tenue, entre os indivíduos que gostam de homens e aproximavam-se de elementos do imaginário feminino. Apesar de valorizarem os transformistas os entrevistados colocam as travestis como o outro marginalizado, a qual sua imagem não deve ser associado como percebemos na fala de Nilson (1984, p.6) proprietário do Cabaret Casanova. Ao ser questionado qual era o sentimento de ser travesti, ele enfaticamente refuta a classificação afirmando: "Não sou travesti e não faço travesti. Sou um ator transformista".

O mecanismo de legitimidade da Bicha que se montava era por meio da arte, do glamour. A travesti, figura marginalizada e vinculada à prostituição devia ter a identificação negada. Demonstrando que o campo da sexualidade é um espaço repleto de disputas e valorizações.

O sistema hierárquico, veiculado nas páginas *Okzinho*, estabelece uma relação assimétrica de poder entre os homens que procuram outros homens para a prática sexual. O uso que cada corpo faz do falo é o elemento definidor do papel social que será desempenhado pelos sujeitos, tal como no modelo heterossexual. A entrevista com Vic Lester, publicada na edição de junho de 1984, demonstra o lugar do homossexual passivo e feminino.

2 - Qual foi o primeiro momento em que você descobriu que era gay?

R - Aos 8 anos de idade, mas naquele tempo não era "gay" e sim efeminado.

3- Foi um choque para os seus familiares? Você se aceitou logo ou demorou?

R- Foi, pois o "bofe" que me deflorou, me pediu segredo e 5 minutos depois do ato consumado, o bairro inteiro sabia, inclusive meus familiares, e não tinha mais jeito a dar, assumi imediatamente (OKZINHO, 1984, p.1).

O testemunho de Vic Lester nos permite perceber que o sujeito identificado como homossexual seria o que performa o papel do passivo. O ato de marcar o seu corpo, e sua subjetividade por elementos atribuídos à sexualidade feminina, tem como consequência, mesmo se tratando de uma criança de oito anos envolvida em um caso de pedofilia, a interdição pelo discurso do delito. Os que assumem esse papel são colocados como desviantes, mas podem se legitimar ao adotarem determinadas formas de comportamento, nem que sua aceitação seja somente em pequenos guetos. Os concursos e o reconhecimento atribuídos aos títulos demonstram esta vontade de poder ser homossexual.

A Turma Ok e o *Okzinho* agiriam como tecnologias de gênero e sexualidade na medida em que produzem um modo de subjetivação homossexual. Podemos perceber a atuação destas duas instâncias enquanto dispositivo pedagógico por meio do depoimento de Carlos Miranda presente na edição de agosto de 1984 do *Okzinho*:

O que eu acho apenas é o seguinte. Tem pessoas que por acaso acabam subindo no palco, numa festa da Turma Ok, num evento nosso, numa festa íntima nossa, e toma gosto pela coisa. Dai para frente começa a se dedicar com mais força, com mais afinco a arte do transformismo. Como seu caso Diana. Você quando entrou para a Turma, não era um transformista. De repente você se sentiu realizada em tanta coisa, na chance que nós conseguimos lhe dar, dentro da Turma Ok que hoje em dia se pode julgar um profissional. Não vive disso, mas é um profissional transformista (OKZINHO, 1984, p.18).

A análise das entrevistas nos permite observar como, por meio do discurso pretensamente informativo, os entrevistados descrevem acontecimentos de sua vida e o jornal prescreve modos ideais de ser homossexual colocando a margem, por exemplo, os travestis. Para o *Okzinho* a "bicha" seria o ideal de homossexualidade.

### 3.2. Modelo Iguatário

A luta pela afirmação da cidadania homossexual começa a ganhar novos elementos com a chegada da década de 1970. As Turmas, caracterizadas pela estética e o comportamento camp, começam a dividir o espaço com novas organizações marcadas por uma militância gay que buscava atuar na esfera política e cultural. Estes novos grupos seriam a base do que hoje consideramos o movimento homossexual brasileiro<sup>37</sup>. Entre as pautas dos militantes destacamos a reivindicação por um novo sistema de visibilidade, que seria responsável por impulsionar a conquista de um espaço social enquanto cidadão para a população LGBT. Podemos perceber o anseio por romper o regime de mutismo, sobre o qual a existência homossexual estava condicionada, por meio do editorial publicado na edição nº6 do *Jornal do Gay*: "Conto com todos vocês. Participem, colaborem, divulguem. Se cada um de nós fizer um pouco o resultado será maravilhoso. É hora de despertar deste longo silêncio".

O *Jornal do Gay* - Noticiário do mundo entendido- foi lançado em 1978 em meio a explosão do *Gay Power*. Com sede em São Paulo, o jornal era editado pelo *Círculo Corydon*, com edições mensais e circulava em todas as capitais brasileiras, segundo seu expediente. A publicação teria como propósito "estimular o debate dos problemas gays mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo"(JORNAL DO GAY, 1978, p.2).

---

<sup>37</sup> Utilizamos ao longo da pesquisa o termo movimento homossexual seguindo a delimitação conceitual proposta por Facchini (2003). Para a autora a expressão faz alusão ao "conjunto das associações e entidades, mas ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou políticas, individuais que se reconhecem a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento" (FACCHINI, 2003, p.84)



Figura 26 - Foto da capa da edição nº6 do Jornal do Gay de 1980.

O Círculo Corydon, responsável pela publicação do jornal, foi fundado em 1 de março de 1978 por um grupo de gays brasileiros e tinha como diretor Antonio Massaro Kirihara. O nome da associação faz referência a um belíssimo pastor da mitologia grega a quem os poetas dedicavam os sonetos e odes. Corydon também faz alusão ao livro homônimo de André Gide<sup>38</sup>, que é considerado um manifesto pioneiro em favor da homossexualidade. A entidade se autodenominava de "filantrópica e cultural" e possuía diversos departamentos e serviços, sendo eles:

**Clube Mundial de Correspondência Gay** - Mantemos correspondência com irmãos e irmãs gays em vários países do mundo. **Departamento Fotográfico Corydon** - Envia aos interessados, mediante prévia solicitação; as mais belas fotos de nus artísticos masculinos. **Corydon Tur** - São organizadas, para os gays, excursões e passeios. **Clube de Cinema Gay** - São exibidos, aos associados, filmes com temas gays.

<sup>38</sup> André Gide (1869-1951) foi um escritor francês assumidamente homossexual que defendeu os direitos dos gays em suas obras. Para saber mais sobre a relação da obra do autor com a homossexualidade recomendamos o artigo de Betancur (2015).

**Central Gay de Informações** - Mediante circulares periódicas, informa aos associados sobre os principais acontecimentos gays mundiais. **Livraria Corydon** - Oferece aos interessados a mais importante literatura ou modernos tratados sobre o homossexualismo. **Departamento de Relações Humanas** - Aconselha, orienta e valoriza os gays. **Central Brasileira de Arte Gay (CEBAG)** - Vai reunir os trabalhos homoeróticos de todos os artistas gays, em exposições periódicas. **Intercâmbio de Hospitalidade Gay** - Gays de diferentes cidades trocam hospitalidade entre si. **SAG- Serviço de Acompanhante Gay** - Somente para associados<sup>39</sup> (JORNAL DO GAY, 1980, p.19).

O Circulo Corydon possuía cerca de 10 mil associados, segundo dados divulgados nas edições do *Jornal do Gay*. Para ser sócio era necessário pagar uma taxa anual de Cr\$ 400.00. A revista *Gay News* também pertencia à entidade, tendo sido adquirida em 1979. A *Gay News - Informativo Mundial dos Entendidos*, era produzida originalmente pelo grupo gay internacional Henry Tudor Bookshop, e tinha como editor nessa fase inicial David Wallace Brown.



Figura 27 - Capa da revista Gay News de janeiro de 1979

<sup>39</sup> Grifos originais do texto.



O *Jornal do Gay* e o *Gay News*, em comparação com os jornais produzidos pelas Turmas, já demonstram o processo profissionalização pelo qual a imprensa homossexual passou ao longo das décadas. Os periódicos eram comercializados, permitindo também ao leitor fazer a assinatura anual. Suas diagramações eram semelhantes as das revistas de grande circulação do período. A equipe editorial contava com papéis bem definidos, divididos de forma hierárquica entre editor chefe, jornalista responsável, redator e secretário-geral.

O anúncio publicado no *Jornal do Gay* sobre a compra do *Gay News* nos ajuda a delimitar o perfil de cada publicação e nos fornece pistas para compreender o enquadramento que os periódicos do Círculo Corydon conferiam a homossexualidade. A notícia em um dos seus trechos informa que: "Portanto São Paulo conta agora com dois jornais gays de ideologias divergentes que pertencem à mesma entidade. Enquanto o **Jornal do Gay** continua com sua linha cultural e artística, o **Gay News** prossegue informativo, crítico e atuante"<sup>40</sup>.

A leitura das edições do *Gay News* e do *Jornal do Gay* nos permite concordar parcialmente com a definição de posicionamento assumida pelo jornal. Matérias sobre piratas gays no caribe, monarcas homossexuais, livros internacionais de temática gay, relatos sobre a vida cultural de guetos homossexuais no Japão e Nova York além da produção de artistas internacionais homoeróticos eram encontradas facilmente nas páginas do *Jornal do Gay*. Enquanto no *Gay News* eram recorrentes textos sobre a perseguição à homossexuais em países ao redor do mundo, enfocando, por exemplo, no lugar do homossexual em regimes nazistas ou nos problemas enfrentados pelo movimento gay do Uruguai.

Logo, não poderíamos afirmar que os jornais apresentam "ideologias divergentes". As publicações apresentam linhas editoriais diferentes com relação aos enfoques temáticos mas dão o mesmo enquadramento sobre a homossexualidade, privilegiando uma rede de informações internacionais. O que percebemos por meio da análise é a utilização de estratégias diferentes para reafirmar o modelo internacional de homossexualidade, baseado na figura do gay moderno que se sedimentaria entre as década de 1970 e 1980.

A Central Gay de Informação lançou em 1980 um boletim informativo sobre notícias do movimento homossexual brasileiro em que a atuação do diretor do Círculo Corydon, Antonio Massaro Kiriara, é enaltecida, sendo chamado de "Papa do Movimento

---

<sup>40</sup> Destaques originais do texto.

Gay Brasileiro". O texto em questão foi publicado em inglês, francês e alemão e reproduzido pelo *Jornal do Gay*, em sua edição nº6 de 1980.

Identificado usualmente como Massaro, o publicitário, filho de japoneses, era também o editor de todas as publicações da associação e havia editado antes do surgimento da entidade o jornal *Mundo Gay*, que durou três edições.

O boletim da Central Gay de Informação atribuiu o papel de destaque assumido por Antonio Massaro ao fato de: "ter sido ele o primeiro homossexual brasileiro a publicar um jornal gay e por sua luta pela união da classe"<sup>41</sup>. O argumento apresentado é facilmente contestado, tendo em vista que já circulava no país desde 1963 o *Snob*, considerado o primeiro jornal de ampla circulação assumidamente homossexual do país.

Daniel Franco, ativista do movimento pelos direitos dos gays em São Paulo nos anos 70, lança em parceria com a Central Gay de Informação o artigo "O homossexual Brasileiro nas últimas três décadas", no qual, a atuação de Antonio Massaro Kirihara é novamente destacada. Ao traçar o histórico da imprensa homossexual no Brasil, o ativista aponta que "um jovem publicitário, chamado Massaro, importa uma novidade: o termo gay, que substitui os anteriores, e lança o jornal 'Mundo Gay' (JORNAL DO GAY, 1978, p. U).

O pioneirismo de Massaro na utilização da terminologia gay é novamente questionável. Segundo a linha do tempo sugerida por Daniel Franco, o *Mundo Gay*, primeiro jornal de Antonio Massaro, é posterior a publicação do folheto *Entender* lançado por Mauro Mora e Miltão na cidade de São Paulo no início de 1977. No entanto, a expressão gay vinha sendo empregada desde a segunda metade da década de 60, tendo sido formada a Associação Brasileira de Imprensa Gay, em 1969, e o jornal *Gente Gay*, em 1976, como indica Green (2000).

A singularidade da atuação de Massaro na história do movimento homossexual brasileiro e da sua imprensa gay estaria indicada, em nossa visão, no enfoque presente nos subtítulos dos seus jornais lançados pelo Circulo Corydon. Ambas as publicações destacam a figura do entendido em seus enunciados, o *Gay News* seria o *Informativo Mundial dos Entendidos* enquanto o *Jornal do Gay* seria o *Noticiário do mundo entendido*.

As designações dos títulos utilizam a competência linguística da expressão *Gay*, acionando o jogo de valores atribuído à palavra. A carga simbólica que circulava o termo

---

<sup>41</sup> Tradução do autor. Trecho original: "He is considered the Pope of the Brazilian Gay Movement because he was the first Brazilian homosexual to publish a gay newspaper and struggle for the union of his class".

era regida, neste contexto, pelo discurso dos movimentos de libertação homossexual internacional que tomavam para si o heterossexual como referência. Buscando assim, construir a imagem do homossexual a partir da ideia de igualdade com o padrão heterossexual, sem com isso, questionar as estruturas que estabelecem esse sistema.

Os subtítulos dos jornais, *Informativo Mundial dos Entendidos e Noticiário do mundo entendido*, demonstram o filtro de direcionamento dos jornais. Ambas as publicações adotam como política editorial a representação do entendido na tentativa de correlacionar as práticas nacionais de um determinado grupo de homens que mantinham relações sexuais com outros homens com o movimento de unidade mundial simbolizado pelo corpo metafísico e essencialista do gay.

Os trechos dos boletins da Central Gay de Informação, aos quais nos referimos a cima, nos permite perceber a tentativa de estabelecer a proposta de homossexualidade defendida pelo Círculo Corydon como um referente. A produção de saber sobre as práticas do passado, empreendidas pela equipe do Círculo Corydon, construiu em torno da atuação de Massaro e dos seus jornais um mito de origem. As publicações anteriores são desconsideradas ou tratadas como panfletos sociais de cunho político irrelevante. Os jornais e movimentos de militância contemporâneos a sua circulação são considerados reflexo de suas ações. O movimento homossexual, a imprensa gay e a própria homossexualidade eram compreendidas a partir do lugar do entendido.

O que percebemos nos enunciados do *Jornal do Gay* e do *Gay News* é o movimento de incorporação do modelo gay norte-americano que leva a criação no país de um novo formato de viver a homossexualidade.

A partir da difusão do modelo 'gay' norte-americano - o macho man- que lutava por direitos iguais entre homossexuais e heterossexuais- emergiu no Brasil a imagem do 'entendido', com seus pontos de encontro, bares e restaurantes, suas boates e saunas, os cinemas, as praias de Copacabana no Rio de Janeiro e seu trecho 'gay'- a *Bolsa*- os bailes carnavalescos Galga Gay, a Banda de Ipanema e a invasão das escolas de samba de carnavalescos como Joãozinho Trinta (GONTIJO, 2009, p.27-28).

O *Jornal do Gay* e o *Gay News* se aproximavam da imagem do entendido. Essa figura ganhou espaço nos anos 1970 e 1980, o que possibilitou a formação de uma subcultura gay nos grandes centros urbanos, como destaca Gontijo (2009). A formação dessa identidade expressa a tentativa de formação de uma comunidade gay internacional que conferisse legitimidade as práticas homossexuais. A busca em estabelecer uma cultura homossexual comum ao redor do mundo está presente tanto nos subtítulos da publicação

como no elevado número de matérias sobre a cultura e a história de personagens de gays ao redor do mundo.

O entendido seria a versão brasileira do *gay* europeu e norte-americano. Essa categoria nasceu com os movimentos de libertação homossexual, sendo responsável pela ratificação da representação do homossexual moderno. Fry (1982, p.105) em sua reflexão sobre a construção histórica da homossexualidade no Brasil define o entendido como "uma identidade que engloba todos os machos<sup>42</sup> com uma orientação homossexual".

O entendido/*gay surge* como personagem desse novo movimento de libertação homossexual. Fry (1982, p.104) denomina este modelo como igualitário, para o autor, "o termo entendido, que nomeia uma identidade nova é que vai lutar contra a tradicional divisão do mundo dos homens entre bichas e homens do modelo hierárquico". A tentativa de implementação de um corpo social *gay* que estivesse para além dos limites territoriais teve como consequência a difusão e defesa de uma cultura *gay* segmentada e guetificada. Podemos perceber esse movimento na matéria "Sobre o gueto *gay* e a apologia do homossexualismo", assinada pelo militante Daniel Franco e publicada no *Jornal do Gay* nº3 de 1979:

Estamos sim formando um gueto e fazendo apologia do homossexualismo, como os heteros vêm, há séculos, se enclausurando em seus castelos, vangloriando-se de sua sexualidade, fechando suas portas. Nós fomos os injuriados, somos os banidos, sobrevivemos em nossa senzala; Se agora 'eles', temendo a nossa crescente força, quiserem propor a paz conosco, que cessem a resistência e se entreguem, agitem a bandeira branca, que nós estudaremos os termos da rendição.

As nomenclaturas aferidas aos modelos identificados por Fry (1982), igualitário e hierárquico, são atribuídas tendo em vista as relações de poder desempenhadas entre os papéis (ativo e passivo) estabelecidos por cada regime. Ambos os sistemas classificatórios da homossexualidade brasileira têm como referencial básico o imperativo heterossexual, que é adotado como o regime de normalidade.

O modelo igualitário recorre a uma sanitização das práticas homossexuais, com adoção de um discurso médico para legitimar as suas práticas. A matéria "O homossexualismo não é doença" é um exemplo da utilização dessa estratégia discursiva. Nela as falas de diversos psicólogos internacionais são evocadas para questionar o discurso que atribuía a homossexualidade o status de doença. O argumento central que permeia os

---

<sup>42</sup> O autor estabelece a divisão entre o que denomina de "machos", que seria equivalente ao sexo fisiológico, e os papéis de gênero como base para o seu pensamento.

enunciados é o questionamento dos argumentos patologizantes por meio da equidade entre a heterossexualidade e a homossexualidade, como podemos conferir no trecho:

Diz o Dr. Ernest van der Haag: 'Não se pode conceituar o homossexualismo como doença, apenas porque existe homossexuais neuróticos e que procuram tratamento psiquiátrico ou psicanalítico. Da mesma maneira, a heterossexualidade seria patológica, pois grande número de heterossexuais são portadores de perturbações mentais e buscam cuidado médico'(JORNAL DO GAY, 1978, p. Q)..

O regime representado pela figura do entendido apresenta uma pretensa simetria de poder nas relações na medida em que reivindica a igualdade no status de homossexual a todos os homens que tem relações sexuais com outros homens, assim como, pleiteia uma equidade entre heterossexuais e homossexuais.

O modelo igualitário, em sua busca pela equidade, reivindica a associação do entendido ao homem heterossexual. Guimarães (2004) desenvolve uma pesquisa etnográfica pioneira na década de 1970 com um grupo de sujeitos que se autoidentificam como homossexuais. A autora, ao observar as práticas de um *network* de amigos entendidos conclui que "a ênfase em 'ser homem' na realização desta opção sexual leva a um esforço deliberado para desenvolver padrões de comportamento sexual considerados indispensáveis aos heterossexuais" (GUIMARÃES, 2004, p.93).

As capas do *Jornal do Gay* demonstram a materialidade do corpo ideal do entendido e a sua tentativa de aproximação com um corpo identificado como masculino e heterossexual. Homens descamisados, com pelos no corpo, ganham destaque. As bichas e bonecas que dominavam os jornais do modelo hierárquico desaparecem das capas e do conteúdo desse novo formato de jornalismo homossexual.



Figura 28 - Capas do Jornal do Gay de 1978 e 1979

A imagem do entendido enquanto representante da comunidade LGBT é implementada com o objetivo de se sobrepôr ao modelo hierárquico que possuía a hegemonia nos anos 1960. O modelo hierárquico é baseado na divisão dos papéis sexuais entre ativos e passivos. Segundo este modelo, os homens que assumem um papel ativo - sejam nas relações com mulheres ou com outros homens - podem ser considerados heterossexuais. O uso dado ao falo determina o papel do sujeito

O mundo masculino deixa de se dividir entre homens másculos e homens afeminados como no primeiro sistema, e se divide entre 'heterossexuais' e 'homossexuais', entre 'homens' e 'entendidos'. É importante frisar que o 'homem' não é o mesmo que no sistema anterior, pois naquele, o 'homem' poderia desempenhar comportamentos homossexuais se restringisse à 'atividade'. Neste novo sistema, o macho que se relaciona sexualmente com outro macho, mesmo 'ativamente', deixa de ser 'homem mesmo' e vira 'entendido' ou 'homossexual' (FRY, 1982, p.94).

A divisão temporal que indicamos entre os dois modelos se refere aos anos em que cada sistema ganhou maior representatividade. O entendido não substitui a bicha, ambos os sistemas coexistem e em muitos momentos se embaralham. Apresentamos eles de formas distintas para fins didáticos, acreditando que a sistematização de cada modelo facilita sua

compreensão. Porém, é inegável a disputa entre o modelo igualitário e o hierárquico pelo ideal de homossexualidade.

A disputa pela verdade do ideal de homossexualidade pode ser percebida na matéria "Questões Homossexuais", publicada na edição nº6 do *Jornal do Gay* de 1980. O texto, escrito por Aristides Penaforte coloca os corpos identificados como homossexuais segundo o modelo hierárquico como anormais. Para o autor, "o organismo social geralmente exhibe as exceções como sendo regras institucionalizando como exemplos homossexuais apenas os travestis, as bonecas, as bichas, para falar dos mais comuns, estes sim, patologicamente anormais".

A marginalização dos sujeitos que se vinculam ao regime de subjetividade do modelo hierárquico é feita pelas publicações do Circulo Corydon por meio de um discurso de extrema violência simbólica. A morte do estilista Dener, considerado um dos pioneiros da moda brasileira, é noticiada pelo *Gay News* com o título "O enterro da Boneca". A matéria assinada por Valentina Guerra demonstra em suas primeiras linhas o preconceito em relação aos homossexuais afeminados. Para a jornalista, "Denner, a costureira da agulha dourada, morreu e já foi tarde". Todo o texto trata o personagem de forma pejorativa, elencando elementos associados ao feminino como aspectos desmerecedores de toda a trajetória de vida do estilista. Se em muitos casos o *Jornal do Gay* e *Gay News* reivindicam a morte simbólica da bicha e da boneca, neste texto o falecimento prematuro de Denner é comemorado. A notícia fecha com a frase: "Basta por aqui, ela não merece maior atenção. Que a terra lhe seja pesada".

Por meio das matérias publicadas, percebemos que o *Jornal do Gay* e o *Gay News* buscam o reposicionamento da imagem do homossexual, que vinha sendo vinculado às bichas. A publicação adota, como estratégia enunciativa, a conquista da esfera cultural e histórica para a construção do homossexual enquanto cidadão. No entanto, o pleito por um lugar de direito na esfera pública é reivindicado para um perfil específico de homossexual, o julgado como respeitável por seguir os padrões de gênero atribuídos ao masculino.

A disputa entre os respeitáveis militantes e as bichas loucas já havia sido destacado por MacRae (2011), em um texto esclarecedor sobre o contexto de formação do movimento homossexual brasileiro. Para o autor, existia uma clara divisão entre um grupo que buscava a cidadania homossexual por meio de uma contestação 'fechativa', utilizando uma estética e um comportamento camp, e um outro segmento que combatia a 'desmunhecação' alegando que esse comportamento demonstrava uma alienação dos sujeitos e enfraquecia as reivindicações dos homossexuais.

Percebemos nesta perspectiva que o *Jornal do Gay* e o *Gay News* se vinculariam a matriz discursiva dos respeitáveis militantes, enquanto o *Okzinho*, se aproximaria de uma política da fechação. A ponderação final de MacRae (2011, p.34), sobre essa disputa de modelos, nos parece salutar para perceber os efeitos da interação entre cada ordem discursiva.

Parece-me salutar que aqueles que, em sua militância contra os padrões existentes de comportamento sexual, são frequentemente levados a criar novos padrões que podem tornar-se tão opressivos quanto os velhos, sejam forçados pelo deboche a confrontar o fato que tudo, inclusive a sua militância e seus novos paradigmas, também têm seu componente ridículo e absurdo. Talvez esta seja uma forma de evitar o surgimento de novos tiranetes.

As estratégias enunciativas desempenhadas tanto pelas publicações do modelo igualitário como do modelo hierárquico representam um ideal de homossexualidade que inventa regimes rígidos de experienciar o corpo e a sexualidade. Enquanto no *Jornal do Gay* e *Gay News* a cidadania homossexual seria alcançada pelos corpos que normatizarem suas práticas, no *Okzinho* a legitimidade viria por meio do glamour do artista performista.

### 3.3. Modelo queer

Os modelos identificados por Fry (1982), hierárquico e o igualitário, não são as únicas duas matrizes discursivas que disputam a hegemonia da representação da homossexualidade brasileira. Ainda na década de 1970, emergiu uma ordem discursiva de teor anárquico que questionava a rigidez da forma como a sexualidade vinha sendo tratada.

Este modelo apresenta uma proposição paradigmática de militância oposta as dos modelos percebidos por Fry (1982). Sua atuação apostava numa micropolítica, em grande parte, influenciada pela produção intelectual de Foucault, Deleuze e Guattari. Para Colling (2015), esse movimento que permeou os estudos acadêmicos de intelectuais como MacRae (1990; 2011) e Perlongher (2008; 1997) podem ser reconhecidos como o início do que hoje denominamos de estudos queer.

O surgimento da teoria queer é atribuído ao contexto norte-americano da década de 1990, quando são lançados dois de seus livros mais influentes, *Problemas de gênero* de Judith Butler e *A Epistemologia do armário* de Eve Sedgwick. Os estudos queer nasceram da aliança das teorias feministas, psicanalíticas e pós-estruturalista. A expressão que



denomina o movimento faz referência a um termo de língua inglesa usado para ofender e insultar os homossexuais. Os estudos queer adotam como pressuposto a desconstrução do sujeito, afirmando a instabilidade de todas as identidades "generificadas" e sexuadas (SALIH, 2013).

No entanto, trabalhos antecessores aos de Buthler (2015) e Sedgwick (2007) já questionavam a naturalização do binarismo hetero-homo e a rigidez na forma de compreender a sexualidade. Miskolci (2012) alerta para a existência no Brasil, na década de 1980, de trabalhos protoqueer que, apesar de não terem obtido um grande impacto no meio acadêmico, já utilizavam de estratégias e objetivos semelhantes ao movimento que explode nos Estados Unidos na década seguinte.

Este movimento protoqueer não se restringe a esfera acadêmica. Lopes (2016) demonstrou reflexos dessa produção na esfera literária brasileira, em especial na produção de Silvino Santiago. Pereira (2014) também vincula à militância homossexual exercida pelo Grupo Somos a um comportamento queer. O que buscamos demonstrar é o desdobramento dessa matriz discursiva em um fazer jornalístico específico que pode ser percebido em jornais como *ChanacomChana*, *Suruba* e *Lampião da Esquina*.



Figura 29 - Capas do *Lampião da Esquina*, *Suruba* e *ChanacomChana*

Entre as publicações do modelo queer, o *Lampião da Esquina* é a com maior projeção. A publicação representa, para a literatura existente sobre o tema, a institucionalização do mercado segmentado para o público LGBTs, na medida em que estrutura de forma profissional uma rede de distribuição, comercialização e venda de produtos terciários, como livros de temática gay.

Nosso olhar ao se voltar para as práticas jornalísticas do passado tende a aproximar espontaneamente as produções do *Jornal do Gay* com o *Lampião da Esquina*. Ambas as publicações foram lançadas no mesmo ano, são destinadas ao mesmo segmento e partilham de propostas semelhantes no que se refere à circulação e à periodicidade. Porém, para Agnaldo Silva, editor do *Lampião*, o *Jornal do Gay* e o *Gay News* se distinguiam na forma como representavam os homossexuais.

O jornal alternativo *Movimento* publicou uma entrevista com Agnaldo Silva, editor do *Lampião*, em que o jornalista crítica a atuação do *Jornal do Gay* e do *Gay News*. O depoimento está presente na edição nº 185 referente a janeiro de 1979. O então editor do *Lampião da Esquina* ao falar sobre o processo em andamento por crime contra a moral e os bons costumes, ao qual o jornal estava sendo acusado, alega que havia "outros jornais dirigidos para homossexuais que não têm nenhum problema porque apresentam o homossexual como o sistema quer que ele seja apresentado. É o caso do *Gay-News* e do *Jornal do Gay* editados em São Paulo (*Movimento*, n.185, jan. 1979, p.9)."

Durante a entrevista Agnaldo Silva critica ainda a visibilidade dada a personagens homossexuais no programa de televisão *Os Trapalhões* e no jornal *Notícias Populares*. O autor explicita as características que julga como negativas, mas que dariam respaldo perante a censura, favorecendo a continuidade de ambas as produções. Para o jornalista e escritor, o programa de humor e o jornal sensacionalista evitavam problemas com a justiça quando utilizam respectivamente clichês para ridicularizar o homossexual ou relacionam a homossexualidade ao crime. Dessa forma, falar sobre a homossexualidade não era proibido, o controle insidia sobre como se falava sobre essas práticas. A desconstrução dos estigmas era o que não podia ser desvelado, assumir esse lugar de fala é o que implicaria atentar contra a moral e os bons costumes.

Agnaldo Silva não explicita, no entanto, quais características presentes no *Jornal do Gay* e no *Gay News* o levam a considerar que as publicações reafirmam a representação do homossexual encontrada no sistema. Dito isso, aferimos que o editor do *Lampião* considerava outro aspecto, para além da reprodução de clichês e da criminalização, enquanto problemática.

O primeiro indício sobre a diferença de perspectivas na forma de representar a homossexualidade pode ser percebido nas temáticas e nas formas de abordagem das pautas de ambas as publicações. O jornal editado por Agnaldo Silva demonstrava uma certa resistência a importação de um modelo internacional de homossexualidade. O *Lampião*, apesar de ter como elemento aglutinador inicial a visita ao país do editor do jornal

americano *Gay Sunshine*, evitava, por exemplo, a utilização do termo gay. A recusa do emprego da palavra gay é expressa em diversas entrevistas concedidas pelos membros da equipe do *Lampião*. Contudo, alegando pressões por parte do público, a expressão foi posteriormente incorporada, mas sua grafia foi abrigileirada, ficando "gueis".

Os critérios de noticiabilidade do *Lampião* privilegiavam acontecimentos nacionais. Embora o jornal tivesse sua sede na cidade do Rio de Janeiro suas pautas e colaborações não se limitavam à cidade, englobando desde seus números experimentais acontecimentos e personagens da comunidade gay nacional que se encontrava em fase de consolidação no período. Apesar de seus membros fundadores residirem na capital carioca e em São Paulo, havendo um maior destaque para a cena gay destes dois estados, é recorrente a publicação de notas sobre a articulação do movimento homossexual e suas formas de socialização nas mais diversas cidades brasileiras, assim como a vinculação de denúncias relacionadas a homofobia<sup>43</sup>, como exemplifica a figura abaixo:



Figura 30 - Notícia publicada no *Lampião da Esquina* na página 4 da edição número 2, de 25 de junho de 1978.

O valor notícia atribuído ao nacional e ao internacional não era o único elemento dispare entre o processo de produção dos jornais do *Círculo Corydon* e o *Lampião*. Os personagens das matérias e as fontes priorizadas também se diferenciavam. Os militantes respeitáveis e as falas oficiais vindas do campo da saúde, presentes no *Jornal do Gay* e do

<sup>43</sup> Em torno do termo homofobia existe uma ampla discussão de significações. Adotamos a perspectiva que considera a expressão como vinculada "às matrizes normativas de construção de gênero e das identidades sexuais, ampliando seu alcance a todos os indivíduos que se posicionem ou se considerem distantes (em maior ou menor grau)" (LEAL; CARVALHO, 2009, p.4). Dessa forma a homofobia "menos que aversão aos homossexuais, portanto, pode ser definida como parte de uma economia cultural, discursiva, epistemológica, que naturaliza o binarismo de gênero e, mais ainda, regula as diversas formas de ser "homem" e "mulher" e suas relações" (LEAL; VAZ; ANTUNES, 2010, p. 230).

*Gay News*, cedem espaço no *Lampião* para uma ampla gama de corpos marginalizados. Travestis, prostitutas, deficientes, mulheres, negros, lésbicas e gays estampam as capas do jornal e ganham direito a voz em todo o seu conteúdo.



Figura 32- Manchetes do *Lampião* sobre múltiplos corpos marginalizados

Apesar de ser inovador no conteúdo e no alcance gerado por suas pautas, o *Lampião da Esquina* apresenta poucas inovações gráficas e a utilização de limitados elementos imagéticos em sua composição. O jornal prioriza a linguagem verbal, oscilando entre pequenas notas informativas e textos mais longos com teor opinativo reflexivo.

Ainda no que se refere ao seu formato, apesar do próprio *Lampião* afirmar que "não curte muito essas coisas de fazer um jornaleco sempre muito igual" (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p.4), nota-se, com o passar das edições a cristalização das seções: "Esquinas" que trazia artigos traduzidos e textos opinativos, "Reportagem" com matérias informativas, "Cartas na Mesa" que publicava várias cartas enviadas pelos leitores com respectivos comentários dos jornalistas e "Ensaio".

O jornal também contava com algumas colunas recorrentes como "Troca Troca", na qual perfis de leitores eram publicados para eventual correspondência com os interessados, "Ensaio Populares", composto de textos enviados por interlocutores sobre a temática homossexual além das colunas sobre cinema, música, teatro e literatura.

Entre as colunas vale destacar a intitulada "Bixórdia", que começou a ser publicada em outubro de 1978, permanecendo até abril de 1981. O título da coluna, marcado pelo neologismo criado utilizando a palavra Bicha, é descrita pela colaboradora do *Lampião* Rafaela Mambaba (1978, p.12) como:

" s.f; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somado a mixórdia, s.f., mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobas, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo né queridinhas?

A coluna é marcada pela utilização de expressões típicas da comunidade gay e por narrar acontecimentos vinculados diretamente a aspectos da homocultura nacional. Ao longo de suas edições a coluna promove o concurso da bixórdia, no qual o leitor que enviasse a palavra que melhor representasse o coletivo de bicha ganharia um ano de assinatura do jornal.

Por meio do concurso da bixórdia, identificamos dois posicionamentos que perpassam toda a linha editorial da publicação. O concurso visava em um primeiro momento resignificar o imaginário popular em torno da homossexualidade, fugindo porém nesse processo da normatização como caminho para a construção da identidade do gay nacional.

Interessava ao jornal questionar porque eram atribuídas características negativas à homocultura, demonstrando ao longo de seus textos como essas práticas eram tão comuns como a heterossexualidade, possibilitando assim que os discursos utilizados anteriormente para oprimir passem a ser empregados como bandeira de representação.

CONCURSO DA BIXORDIA: Muita gente ainda tem medo das palavras, de ser chamada de bicha, por exemplo. Pois bem: para provar que o que conta é a cuca das pessoas e que a palavra, seja qual for, pode - e deve - ser encarada como uma coisa gozosa (!), curtível até, Bixórdia lança um concurso: qual o coletivo da palavra bicha? Já pensaram? (*LAMPIÃO DA ESQUINA*, 1979, p.12 )

O *Lampião da Esquina*, dessa forma, para além de reposicionar a identidade gay, a retirando da invisibilidade e da marginalidade, também representa o esforço de formação de uma comunidade homossexual nacional. O jornal ao convidar o seu público leitor para pensar em uma denominação para o coletivo de bichas demonstra o seu interesse em

estimular o pensamento de uma coletividade e o senso de pertencimento dos homossexuais brasileiros.

O discurso empregado pelo *Lampião* era desconstrutivista. Suas estratégias visavam não só desconstrução dos preconceitos contra os homossexuais, mas também discutia o lugar inquestionável no qual a heterossexualidade vinha sendo colocada, inclusive pelo movimento de libertação sexual. A linguagem empregada nesse processo utilizava de elementos do humor para realizar os questionamentos. Um exemplo é a matéria intitulada "Heterossexualidade: perversão ou doença" (*Lampião da Esquia*, ed. extra, nº 2, p.2), nela a heterossexualidade passa pelos questionamentos e explicações aos quais a homossexualidade usualmente esta sujeita.

O *Lampião* surge com a proposta de tirar o homossexual do gueto, no qual foi historicamente confinado, por meio do questionamento amplo sobre as questões sexuais e as opressões que incidem sobre os corpos. O jornal toma o universo homossexual como ponto de partida para pensar o sistema sexo-gênero independente de raça, classe ou orientação sexual. A sua proposta está relacionada à liberdade sexual do ser, no combate a intolerância e na violência oriunda dela. A política editorial defendida pela publicação pode ser percebida de forma clara no trecho que segue:

Lampião não disse até agora que as pessoas devem "assumir" a própria sexualidade e se fechar dentro dela, nem pretende dizer-lo. Nos saímos às ruas exatamente para pregar outra coisa: que **transar** (qualquer que seja a forma de **transação**) é gostoso, é saudável, combate a cárie, faz um bem enorme à pele e, acima de tudo, não dá câncer! E queremos dizer isso não apenas dos homos, mas também aos heteros, pois estes também são prisioneiros do próprio sexo. Entendeu? A gente não está nessa de achar que os homos são o povo eleito de Deus. Agora, também tem uma coisa: é preciso ter cuidado com a maneira de se colocar essas coisas. Muita gente usa esse argumento seu, de quero homossexual não deve se fechar num gueto, exatamente para justificar a discriminação: "se você não falar do seu problema, o seu problema não existe." Sem essa, o problema existe, sim, apenas ele não é privilégio dos homos. Veja as mulheres, veja os machões. Está todo mundo junto, embarcado nessa canoa furada de achar que o sexo tem limites preciso - são dois para lá, dois para cá. (*Lampião da Esquia*, Ano 1, n.1, jun. 1978 p.14)

Os editores do *Lampião da Esquia* perceberam, assim como Bourdieu (2014, p.12), que o preconceito e suas consequências são impostos e vivenciados pela "violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento" e que para romper com esse sistema era

necessário um canal próprio que possibilitasse ecoar a voz dissonante. Como podemos perceber no editorial da edição experimental do jornal:

O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p.2).

A publicação assume o papel de difusor de um contradiscurso sobre o homossexual em relação à grande mídia, já que, para a imprensa tradicional as reivindicações desse grupo minoritário não possuía valor notícia por estar a margem da moral. Como demonstra Green e Polito (2006) em seu levantamento histórico sobre as fontes documentais acerca do universo gay no país, os gays, lésbicas, travestis e transexuais, até a década de 1960, ganhavam as páginas da grande imprensa por meio do discurso médico e policial que enquadravam a prática como anormal e criminosa.

Sobre a cobertura realizada pela imprensa com acontecimentos que envolvesse homossexuais, em especial a abordagem feita pelo *Notícias Populares*, o Lampião afirma que:

Este pretendo "papel fiscalizador" é apenas um dos aspectos (talvez o mais grave) que configura uma verdadeira "campanha" anti-homossexual por parte da imprensa marrom. Mesmo que tal "campanha não seja uma cruzada moralista consciente e não passe de uma fábrica de manchete vendáveis, ela é real na medida em que produz seus reflexos sobre determinada faixa da opinião pública.

Temos aqui dois tipos de acusação: uma, generalizada, que reveste o próprio termo "homossexual" em toda notícia veiculada por essa imprensa: como se estivesse implícita a aceção de "culpado" ou, pelo menos, "suspeito". E outra, específica, reclamando a ação das autoridades, que não estaria sendo suficientemente repressiva (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p.7).

Dessa forma a partir da divisão entre os que detinham ou não o poder de fala, foram estabelecidos processos de categorização social perpetuados por meio das práticas jornalísticas, o que levou ao que Santos (2007) denomina de pensamento abissal. Segundo essa ótica, a compreensão da realidade seria feita a partir de linhas radicais que dividiriam a realidade social entre visíveis e invisíveis: "a divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente" (SANTOS, 2007, p.3-4).

Como consequência do pensamento abissal, tudo aquilo que é produzido e compreendido como o outro é excluído e marginalizado, fazendo com que a imprensa perpetue estereótipos e preconceitos envoltos em uma lógica discriminatória que, como demonstra Ijuim (2013, p.49), visa "valorizar ou manter o *status quo* de uns e de outro, minimizar pessoas, lugares ou tradições consideradas diferentes ou estranhas".

No panorama da imprensa nacional o homossexual passa a ter voz ativa, assumindo o papel de protagonista de sua vida e tendo a possibilidade de defender seus direitos, a partir da década de 1960 por meio de colunas isoladas na grande mídia e, sobre maneira, com a criação da imprensa segmentada gay, quando então o discurso pluralista em torno da sexualidade começa a circular.

Dessa forma, o *Lampião da Esquina* auxilia a militância na luta pela primeira grande saída do armário<sup>44</sup> por parte do movimento homossexual. Se até então o que imperava era a invisibilidade das práticas homossexuais como se elas não existissem instaurando uma heterossexualidade compulsória, relegando o que não se enquadrava no padrão ao privado e ao desviante, taxando como anormal, a imprensa gay mostra que existem possibilidades para além do modelo heterossexual, permitindo que questões relacionadas à homofobia passem a ganhar visibilidade.

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibições, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura (FOUCAULT, 1998, p.12)

Percebemos que o *Lampião da Esquina* utiliza como estratégia enunciativa para se opor ao regime simbólico em vigor e apresentar novas possibilidades de realidade um circuito cultural que proporciona visibilidade às práticas sociais das minorias<sup>45</sup>, além de

---

<sup>44</sup> A expressão sair do armário é utilizada para representar os homossexuais que quebram a barreira do silêncio e da invisibilidade e se assumem socialmente. Como demonstra Sedgwick (2007) o termo envolve no entanto mais do que a passagem do privado para o público, estando perpassado por todo o sistema de saber que impõe as lógicas de divisão entre masculino/feminino e natural/artificial de forma que o indivíduo ao sair do armário não significa esta livre do sistema opressor.

<sup>45</sup> O termo minoria foi amplamente utilizado pelos militantes e pela academia, entre as décadas de 1960 e 1980, para se referir a coletividade dos corpos a margem. Porém, a expressão sofreu duras críticas por parte dos intelectuais da terceira onda do feminismo. As contribuições *queer* denunciaram, com precisão, que o termo utiliza de uma pretensa neutralidade numérica para propositalmente confundir o padrão hegemônico como maioria, desvalorizando os grupos subordinados. Miskolci (2007) exemplifica a incoerência lembrando que as mulheres apesar de numericamente serem a maior parte da humanidade eram referidas enquanto minoria. Entretanto, vislumbramos na concepção de minoria apresentada por Sodré (2005) e Deleuze (2010) a possibilidade de reinserção do termo na gramática dos estudos sobre homossexualidade. Sodré (2005), se baseia na concepção alemã de Kant de maioridade, *Mündigkeit*, e menoridade, *Unmündigkeit*, para firmar seu conceito de minoria. Para a tradição alemã *Mündigkeit* é a possibilidade de falar enquanto os *Unmündigkeit*



abordar, em seus editoriais, críticas políticas amplas envolvendo aspectos relacionados não apenas aos gays mais também as mulheres e negros.

A publicação, apesar de ter sido produzida pleno período da ditadura militar, traz em suas páginas uma verdadeira revolução sexual, por meio da contestação de costumes e valores, se posicionando como porta-voz das minorias. O *Lampião* também é caracterizado por ter utilizado termos que usualmente são usados de forma pejorativa para discriminar os homossexuais, resignificando os valores sociais negativos.

Dessa forma, ao empregar termos como "Policha" e "Boneca" ou realizar concursos para cartografar as formas populares de designar os homossexuais ao redor do país, a publicação não visava a adoção dos padrões e valores heteronormativos, mas destaca características da homocultura que fariam a prática ser compreendida como subversiva as rerepresentando por meio de um novo sistema de valores.

### 3.4. Modelo *Pink Money*

Com o final da circulação do *Lampião da Esquina*, um jornal se apresenta como o seu sucessor: o *PleiGuei*. Lançada em novembro de 1981 a publicação, que em sua primeira capa ostentava o título de "este é o filho do LAMPIÃO", tem como principal elemento em comum com seu predecessor a figura de Aguinaldo Silva como editor chefe.

---

são os que não tem liberdade plena para falar. Dessa forma, para Sodré (2005, p.11), a no o contemporânea de minoria "refere-se a possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder". A concep o de Sodré (2005) vai ao encontro com a perspectiva deleuziana que considera a minoria<sup>45</sup> como uma forma o contra-hegem nica que se coloca em oposi o aos modelos dominantes como a heterossexualidade. Para Deleuze (2010, p.218), "as minorias e as majorias não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria   um modelo ao qual   preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades"

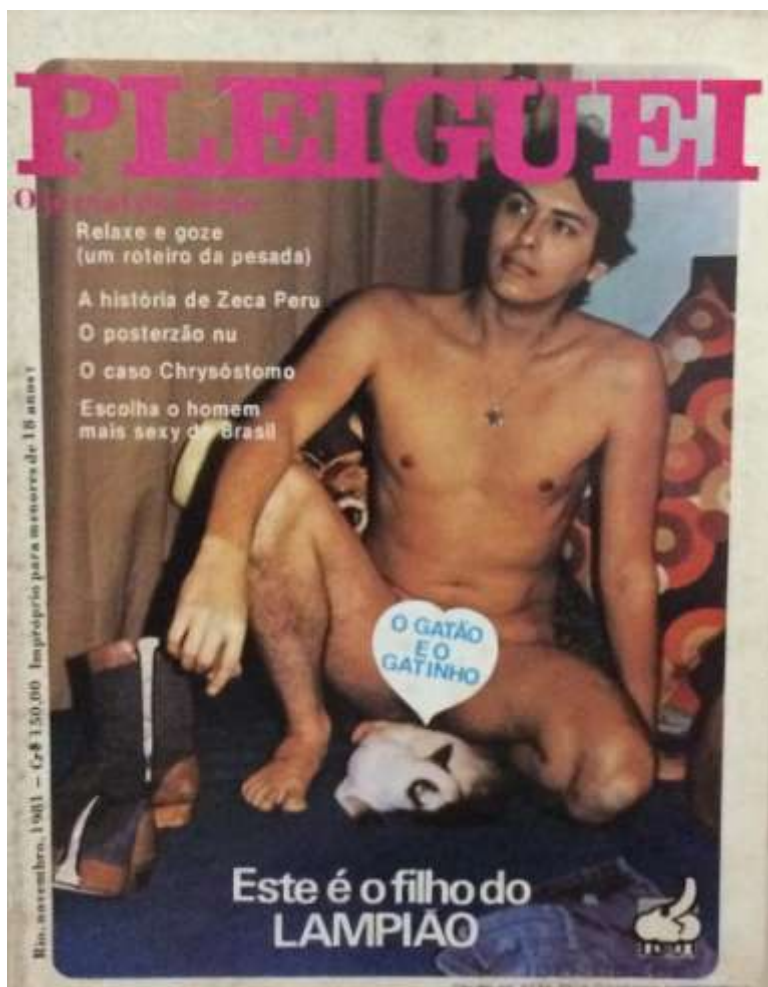


Figura 31 – Primeira capa do Pleigui

Os processos de produção, de circulação e de comercialização dos dois jornais eram semelhantes. Ambos buscavam assumir uma estrutura profissional na sua produção. O seu editor já tinha experiência como jornalista profissional e expertise em comandar uma publicação assumidamente homossexual. Isso garantiu que *Pleigui* já surgisse com um sistema de distribuição nacional, com campanhas de assinatura, fidelização e um quadro de colaboradores fixos, divididos em funções específicas.

As linhas editoriais adotadas para enquadrar o homossexual, por sua vez, seriam o principal elemento de distanciamento do perfil de cada jornal. O próprio editorial de lançamento destaca que faz parte da proposta do *PleiGuei* trilhar um novo caminho e conferir outra abordagem na forma de narrar a homossexualidade. O editorial do primeiro número já inicia afirmando que:

Não há porque negar: *Pleigui* é uma espécie de cria do finado *Lampião*. Mas, como todo filho, embora rendendo homenagem a grandeza do pai, como Getúlio Vargas, que saiu da vida para entrar na História -, não

abdica do direito de trilhar seu próprio caminho” (*Pleigui*, nov. 1981, p. 3).

Observa-se, portanto, no trecho do editorial, que os criadores do jornal queriam estabelecer uma filiação direta entre o novo periódico e o *Lampião da Esquina*, jornal que já se tornara lendário. Mas, ao mesmo tempo, pretendiam também seguir uma trilha que fosse própria à nova publicação.

A referência à carta testamento de Getúlio relaciona explicitamente o novo periódico com uma espécie de lugar mítico na história. O seu antecessor – *Lampião* – não deveria ser esquecido, bem como a filiação direta que estabeleciam com o predecessor. Entretanto, indicavam que seguiria um novo caminho, ainda que atrelado aos preceitos fundamentais que regiam o *Lampião* e regeriam, agora, o *Pleigui*: fazer um jornalismo para todos os homossexuais e não ser porta-voz de grupos militantes.

Em seu editorial de lançamento é enfatizado a continuidade com uma espécie de jornalismo direcionado a um público mais amplo, no caso, à homossexuais. A intenção não era atingir representantes de facções dentro do movimento. “Nós, no *Lampião* e agora no *Pleigui* achamos que cada um deve falar por si” (*Pleigui*, nov. 1981, p. 3), afirmavam categoricamente.

Um dos motivos centrais que levou ao fim do *Lampião da Esquina* foi a tentativa de independência editorial do jornal perante aos grupos militantes e ao discurso estritamente engajado. Aguinaldo Silva acreditava que papel da publicação era fazer jornalismo de qualidade com grandes reportagens e não ser o panfleto ideológico de partidos ou grupos. A posição do editor batia de frente com a postura de alguns de seus membros fundadores, como João Antônio Mascarenhas e João Silvério Trevisan. Para além dos desgastes internos, os desentendimentos entre o jornal e militantes fez com que esse público deixasse aos poucos de comprar o periódico, enfraquecendo mais ainda a receita do jornal. James Green, que era colaborador do *Lampião*, relata esse processo:

Isso tem a ver com toda uma visão do Aguinaldo Silva, o principal editor do *Lampião*, bastante diferente sobre ativismo. A posição dele no *Lampião* era muito clara. É o caso de entrevistá-lo para saber. Ele era contra ativismo político, achava que neste momento era preciso criar espaços para o consumismo. Na sua visão, isso proporcionaria a liberdade. Depois que fechou o *Lampião*, em 1981, Aguinaldo Silva publicou outra revista, *Pleigui*, que colocava claramente esta perspectiva<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida para Claudio Roberto da Silva (1998, p.377-378) em 20/06/1995.

Assim, com o lançamento de *Pleigui*, Agnaldo Silva conseguiu abandonar de vez o tom combativo, muitas vezes presentes no *Lampião da Esquina*, em favor de uma prática que pretendia ser regida pelos padrões vigentes no jornalismo tradicional na época, em que os preceitos de uma dada “objetividade” faziam do seu discurso uma espécie de mola mestra de relação com um público mais amplo.

Explicitamente, evocava que era um jornal de homossexuais, mas não um porta-voz dos homossexuais: "*Pleigui* não quer ser porta-voz de ninguém – na verdade, quem quer ser porta voz dos outros está apenas querendo caçar a voz alheia, e isso é, pura e simplesmente autoritarismo” (*Pleigui*, nov. 1981, p. 3).

Contudo, nos três números subsequentes fica claro a que homossexual o jornal se dirigia: a rigor o *Pleigui* era destinado a um segmento de melhor poder aquisitivo, configurando-se como um público voltado para o consumo. Nas matérias, artigos, publicidade e, sobretudo, nos roteiros de entretenimento que apresentava, observa-se que estavam almejando um destinatário que, afinal, se revela: o homossexual consumista, o que estamos considerando como representante do modelo Pink Money.

O Pink Money, ou em tradução livre "dinheiro cor de rosa", faz alusão ao surgimento de um fenômeno social desencadeado pelo crescimento considerável de um nicho mercadológico destinado aos LGBTs. O desenvolvimento do mercado cor de rosa teve para Garcia (2004, p.113), entre outras consequências, "o agenciamento de ações comunicacionais para o desenvolvimento comercial". Nesse processo, manobras de mercado visavam criar novos hábitos de consumo a partir de estratégias que exploravam aspectos identitários e culturais.

O perfil do homossexual enquanto consumidor apresenta-se claramente revelado e, mais do que isso, como uma espécie de alguém a ser convocado pelas páginas do *Pleigui*. O projeto editorial adotado pelo jornal acreditava que os homossexuais conseguiriam um espaço de visibilidade e reconhecimento na sociedade através do consumo. Consumir seria, assim, de certa forma empoderar-se.

O mais é o seguinte: *Pleigui* acha que ganhar dinheiro, no sistema capitalista em que a gente vive, é válido, por ser o único meio através do qual alguém se torna menos dependente (sem grana, queridos ascetas da digna vida alternativa, vocês dependem dos outros até pro cafezinho); acha também que o consumo é bom, o lazer é ótimo, e as pequenas e dispensáveis futilidades da vida moderna são mesmo assim maravilhosas. Portanto, não vamos ficar com remorsos por usufruí-las. Ao contrário:

briguemos todos por elas; vale a pena. O resto é o velho e cristão sentimento de culpa – fora com ele! (*Pleigui*, nov. 1981, p. 3).

No modelo PinkMoney, representado aqui pelo conteúdo expresso no *Pleigui*, observamos um rejuvenescimento do corpo homossexual. Se até então os personagens centrais podiam ser localizados na faixa etária entre 40 e 50 anos, agora ele é bem mais jovem. Os corpos passam a ser regidos por uma plasticidade que recorre ao artifício e a intervenções estéticas para aparentarem estar sempre novos. A juventude e o corpo em forma se toram sinônimo de beleza e saúde.



Figura 32 – O corpo homossexual em *Pleigui*.

O imaginário homoerótico presente na publicação recorre novamente à gramática do falo que observamos em modelos anteriores, como o hierárquico e o igualitário. Embora, em o *Pleigui* não haja um discurso evidente ou a defesa de um determinado padrão, pode-se observar que os papéis sociosexuais do passivo e do ativo são demarcados. Enquanto o ativo é apresentado como detendo todos os músculos, evidenciando uma virilidade, são também representados como sendo um pouco mais velhos do que os passivos. Esses menos musculosos apresentam, sobretudo, corpos mais frágeis, como podemos notar nas figuras a cima.

Vale destacar que própria publicação de imagens nas páginas do jornal perpassa, na maioria das vezes, por uma lógica mercadológica característica de seu fazer jornalístico. É recorrente a publicação de fotografias de ensaios da revista americana *Mandate*. Estas imagens são acompanhadas por legendas que indicam onde o leitor pode comprar essa publicação e o seu valor. Trata-se de uma publicidade disfarçada. Os ensaios completos

produzidos pela *Pleigui* também podem ser comprados, assim como, cartões de natal eróticos com fotos dos modelos.

De modo explícito ou implícito, diversos produtos e serviços são anunciados no *Pleigui*. O jornal divulga espaços para depilação, saunas, lojas, produtos de sex shop, filmes e peças, além de vender diretamente livros, fotos e cartões. A lógica da publicidade parece ser central no periódico. A prática jornalística é hibridizada pela natureza persuasiva da publicidade. O cruzamento entre esses campos reconfigura a roupagem das informações e notícias, fazendo com que a publicidade esteja muitas vezes dissolvida no espaço jornalístico. Esse processo já havia sido percebido por Marshall (2003, p.120) ao analisar a grande imprensa. O autor denomina esse fenômeno de jornalismo cor de rosa. Nessa nova lógica produtiva "a empresa jornalística 'vende' o jornal à sociedade, mas, antes disso, vende a notícia ao poder econômico".

Outro indício da associação do *Pleigui* com o modelo Pink Money é sugerido no próprio nome do periódico. O título de cada jornal se torna uma verdadeira marca. Sua escolha lhe atribuirá identidade e permitirá investir seus produtos de certo número de valores. No processo de produção de efeito de sentido, *Pleigui: o jornal do homo* adotaria, segundo a tipologia apresentada por Maingueneau (2013), a estratégia de evocação. O teórico francês classifica os títulos evocadores por seu caráter neológico, quando fazem circular novos nomes, ou desviados, quando utilizam palavras com valores semânticos já em circulação. O *Pleigui*, ao fazer referência a outra marca com a carga semântica forte, seria um exemplo do emprego da estratégia de evocação de tipologia desviada, se utilizarmos as categorias propostas por Maingueneau (2013). Isso porque se pode identificar diretamente a relação semântica estabelecida no título com outra revista, a *Playboy: a revista do homem* - de grande circulação na época.

A revista a que *Pleigui* faz explicitamente referência é destinada a um público heterossexual, sendo um símbolo da virilidade masculina. Não era um hétero qualquer que a revista pretendia atingir, mas um homem de poder aquisitivo, bem-sucedido profissionalmente e que valorizava os ícones do consumo, incluindo na listagem as belas mulheres.

Se correlacionarmos o nome *playboy* ao que pretende designar e sua própria etimologia esses traços distintivos se tornam ainda mais evidentes. Nos dicionários *playboy*, substantivo masculino, designa "indivíduo rico que ostenta riqueza, geralmente ocioso, frequentemente jovem e solteiro, e de vida social intensa". A etimologia destaca a origem inglesa da palavra que se revela como designando um "homem cuja vida é

devotada especialmente para a busca do prazer”, a partir da junção das palavras inglesas play (brincar) e boy (menino, rapaz, jovem).



Figura 33– *Playboy* e sua versão homossexual *Pleigui*.

Observa-se claramente o público desejado pela *Pleigui*: o jovem rico, ocioso, solteiro, que deveria ter uma vida social intensa e que buscava, assim, incessantemente o consumo, incluindo os espetáculos que eram oferecidos nos roteiros indicados em todas as suas edições.

Por último, cabe ressaltar o abraçileiramento da expressão no título do periódico – já observada anteriormente no *Lampião da Esquina*, também editado por Agnaldo Silva, como já destacamos. Essa nova nomeação abraçileirada, "guei", parece sugerir um desejo de aproximação de um público que se identifica com as questões nacionais, que deseja ser reconhecido por sua brasilidade, mas que almeja estar inserido nas novas configurações presentes no cenário internacional.

Esse modelo, que vigorará nas décadas seguintes em títulos como *Suis Generis*, *Dom e Júnior*, deixará à margem todos aqueles homossexuais que não poderiam se tornar potenciais consumidores dos prazeres revelados de dia e de noite. O Pink Money deixa explícito que o público ao qual se dirigia eram os consumidores que se multiplicavam pelas grandes cidades no final da década de 1980. O *Pleigui* e os outros que o seguiram

ajudaram a sedimentar a imagem do gay sofisticado, exuberante e consumidor de produtos e práticas culturais cultuadas como distintivas de um lugar social, considerado pelo senso comum como superior na sociedade. O gay identificado com padrões de consumo é elevado à categoria do bom gosto pelo senso comum.

Na prática, essa distinção criaria novas margens, que levariam ao esquecimento de uma ampla parcela da população homossexual que não tinha acesso a essas práticas de consumo, nem a possibilidade de ter inserção nesses círculos sociais. Encobertos, acabam submersos em camadas de esquecimento, já que suas faces e rostos também estão ausentes dessas publicações.



## Conclusão

Contar a história das primeiras décadas da imprensa homossexual brasileira foi um processo que ultrapassou o simples folhear de antigos jornais e fontes bibliográficas. A própria busca por vestígios dessa produção jornalística já nos inseriu em uma ambiência caracterizada por resistências e poderes, muitas vezes silenciosos e até despercebidos. As memórias fragmentadas dessas publicações nos parece apontar para a subalternidade a que foram mantidas através do tempo no campo social e intelectual.

As memórias dos homossexuais e de seus jornais existiam antes de nossa pesquisa, mas pareciam quase invisíveis. A rica fonte documental que localizamos, na maioria das vezes, não estava sequer catalogada. As instituições que seriam as guardiãs dessas lembranças desconheciam, muitas vezes, o próprio conteúdo dos acervos que possuem e chegavam mesmo a ignorar a localização de parcela dos documentos por elas mesmas inventariados<sup>47</sup>. Entre as pastas de arquivos que localizamos há todo um universo, ainda pouco explorado, fragmentado e repleto de memórias que seguem como um borrão na história.

O narrar da síntese da história da imprensa homossexual, dos seus processos de criação, desenvolvimento e institucionalização, foi constituído a partir de fragmentos da história de diversos jornais e personagens. O olhar que lançamos do presente, em direção a essas ruínas de memória que nos chegaram, nos permitiu estabelecer conexões, perceber continuidades e rupturas. Os jornais e personagens que compõem a história aqui contada possuem ainda um vasto universo de experiências memoráveis que guardam diversas histórias que precisam ser desvendadas.

Os resquícios de memórias com a quais nos deparamos nos jornais, arquivos e nas trajetórias de vida dos personagens que entrevistamos são permeados por sentimentos, esperanças e frustrações. Ao buscarmos por vestígios que nos permitissem contar uma história das práticas e dos processos da imprensa homossexual encontramos também as lembranças de projetos de vida, afetos e acontecimentos que ficaram marcados por muitos sentimentos, como alegrias e tristezas, cumplicidades e disputas.

As memórias desses homossexuais se misturaram também com as minhas memórias. Em muitos momentos, lembranças pessoais que estavam submersas emergiram impulsionadas pelo reconhecimento de experiências também vividas por esses

---

<sup>47</sup> Este é o caso, por exemplo, do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, que possui uma lista ampla de jornais alternativos e homossexuais brasileiros e estrangeiros, mas que não foram localizados pelos funcionários até o final desta pesquisa. O argumento era que o material teria se perdido em inúmeras transferências da coleção.

personagens. Olhar para o passado permite perceber uma série de preconceitos que perduram. As décadas que nos separam, mesmo repletas de lutas, não foram suficientes para conquistar direitos plenos para os homossexuais.

Os jornais nos permitem ter acesso não só as mazelas, as lutas e as angústias, mas também as formas de resistência, as redes de afeto estabelecidas e aos modos com os homossexuais ao longo de décadas conseguiram subverter e criar normas e, assim, ocupar em diferentes níveis o espaço público.

O homossexual que posso ser hoje, assumido em todas as esferas sociais e com alguns direitos já conquistados, é o resultado, entre outros fatores, das resistências e disputas por poder que os personagens e os seus jornais, aqui estudados, empreenderam em décadas passadas. Olhar de forma panorâmica para as três primeiras décadas da imprensa homossexual permite perceber o intenso processo de transformação da compreensão e das práticas homossexuais e, sobretudo, o papel central ocupado pela imprensa em todo esse processo de significação social.

Os jornais, ao longo do período analisado, se constituem como inegáveis documentos/monumentos<sup>48</sup>, capazes de resguardar a memória e possibilitar contar a história da formação do movimento homossexual brasileiro e das dinâmicas sociosexuais de gays, lésbicas, travestis e "bonecas". Para além do seu caráter memorialista, podemos perceber, por meio da análise histórica dos seus processos e práticas, que a imprensa homossexual atuou como uma tecnologia de gênero, estabelecendo padrões ideais de vivenciar a sexualidade e semantizar o corpo.

As publicações, por meio de seus discursos, colaboram para estabelecer modelos ideais de homossexualidade. Os jornais, como pudemos perceber no terceiro capítulo, por vezes, prescreviam formas de vivenciar a sexualidade. Cada modelo identificado estabelecia uma lógica de produção de sentido em torno do que seria o homossexual. Os periódicos adotavam, a partir de seu contexto de produção, estratégias que visavam legitimar a homossexualidade, garantir direitos e lutar contra opressões.

Dessa forma, o modelo hierárquico confere visibilidade à bicha marcada por uma estética camp, que por meio da arte conseguiria respaldo social, mas teria como alteridade nesse processo o bofe e o travesti. O modelo igualitário, por vez, apresenta o entendido como uma resposta à bicha, criticando o homossexual afeminado e a divisão de papéis sexuais. Neste caso, a cidadania seria atingida por uma sanitização das práticas.

---

<sup>48</sup> Documento/monumento está sendo usado aqui na concepção do historiador francês Jacques Le Goff (2012).

A rigidez de ambos os modelos levariam um grupo de intelectuais a contestarem a forma como a homossexualidade vinha sendo repensada e apresentada nessas publicações. Surgiu, então, o modelo queer, que munido pelo humor e o deboche, enquanto estratégias discursivas visava à liberdade sexual. Por fim, o modelo pink money refletiu o desenvolvimento do movimento homossexual, com a expansão dos guetos e a consequente mirada mercadológica e a inserção em uma lógica do cidadão consumidor.

Vale, sobretudo, destacar que esses modelos não seguem uma linha evolutiva ou cronológica. Eles coexistem e permeiam, muitas vezes, um único jornal ou sujeito. Os perfis de homossexuais que eles apresentam são idealizações, que não corresponde à complexidade concreta dos grupos e das subjetividades.

Ao buscar entender a imprensa homossexual através dos modelos aqui apresentados, não partimos de nenhuma concepção essencializada ou esquemática. Ao contrário, como pontuamos ao longo de nossa análise, acreditamos que a sexualidade é sempre e necessariamente plural, as formas de vivenciar o prazer são diversas, as identidades e os modos de se relacionar são “impuros” e mutáveis. A finalidade dos modelos é apresentar de forma didática matrizes discursivas que foram mobilizadas em determinados contextos e colaboraram para moldar a compreensão do que seria o homossexual ideal. Esse processo é em si marcado por disputadas e não pela cristalização de perspectivas.

Os modelos também seriam uma alternativa para fugir de uma abordagem linear da história da imprensa homossexual. Eles possibilitam perceber a coexistência de perspectivas distintas sobre a homossexualidade e sua relação interacional com fazeres jornalísticos específicos, evidenciando como essa história foi marcada por rupturas e continuidades. Por meio dessa abordagem, buscou-se superar mitos estabelecidos por uma ordem de saber que privilegia o cronológico.

A história da imprensa homossexual que contamos aqui buscou romper com o silêncio que envolvia os primeiros jornais homossexuais brasileiros. Algumas das publicações a qual nos referimos nunca tinham sido estudadas no campo da comunicação e nem no da história. Havia total ausência de informações sobre alguns jornais, o que nos obrigou, muitas vezes, a adotar uma perspectiva descritiva para apresentar os elementos que uniam e separavam essas publicações.

As dinâmicas do tempo nos permite perceber como essas publicações foram fundamentais para o projeto de emancipação homossexual que estava em curso. Se, em décadas anteriores, outras práticas comunicacionais clandestinas, sutis e de fórum privado

eram os códigos privilegiados na constituição de um comum homossexual, nos anos 1960, a imprensa passou a representar uma nova ordem comunicacional, símbolo da passagem de um comportamento sexual para uma identidade sexual.

O contexto atual, marcado pela ausência de um veículo homossexual impresso e de circulação nacional, nos leva a supor que estaríamos vivenciando uma nova ordem comunicacional. Os jornais e revistas impressos, aparentemente, perderam sua centralidade enquanto mecanismo estratégico de comunicação homossexual em meio à realidade cada vez mais digital. Essa constatação, nos parece, deixar muitas questões a serem respondidas em futuras pesquisas, dentre as quais: que formas de comunicação passam a ser privilegiadas na contemporaneidade pelos homossexuais na construção de suas múltiplas identidades/identificações e nas constituição de suas subjetividades?

## Referências Bibliográficas

### Livros, artigos e demais textos acadêmicos

ALBERTI, Verena . *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Homossexualismo* (a libertinagem no Rio de Janeiro): estudo sobre as perversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906

ALVES, Carolina Maria Moreira; REZENDE, Renata. *Análise de conteúdo dos editoriais do jornal Lâmpião da Esquina*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2012. v. 1. p. 100-115

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. *A Imprensa que não é mais alternativa: considerações sobre a imprensa homoerótica no Brasil*. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, Ouro Preto. Anais 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. p. 230-230.

BARBOSA, Jackson da Silva. *Gayleria: um estudo sobre o tratamento que a Folha de São Paulo dispensa ao homoerotismo*. 1997. Dissertação - UESP, 1997.

BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. In: *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo. Impresso), v. 6, p. 11-27, 2009.

\_\_\_\_\_. Senhores da Memória. As Relações Significativas Entre Imprensa e História. *INTERCOM* (São Paulo), São Paulo, v. XVIII, n.1, p. 45-65, 1994.

\_\_\_\_\_. Pluralidade de modelos interpretativos nas Ciências Humanas e o lugar da Comunicação. In: Claudia Peixoto Moura; Maria Immacolata V. de Lopes. (Org.). *Pesquisas em Comunicação. Metodologias e Práticas Acadêmicas*. 1ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016

\_\_\_\_\_. Meio de Comunicação e História: um universo de possíveis. In: Ana Paula Goulart Ribeiro; Lúcia Maria Alves Ferreira. (Org.). *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, v. 1, p. 15-34.

\_\_\_\_\_. Entre o jornalismo e a história: a entrevista como articulação narrativa do tempo. In: Ana Maria Mauad. (Org.). *História oral e mídia: memórias em movimento*. 1ed.São Paulo: Letra e Voz, 2016.

BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Por uma História do Jornalismo no Brasil. In: *Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, 2005.

BARROS, Leonardo Schultz Patrícia Marcondes de. *O Lâmpião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 70*. In: VIII Congresso Nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava, PR. *Anais VIII Congresso Nacional de História da Mídia*, 2011.

BARROSO, Fernando Luiz Alves. *Jornal do Nuances: a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre-RS para o confronto político entre o "gay classe média" e a "bicha bafona"* São Leopoldo: UNISINOS, 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BETANCUR, Juan David Gonzáles. André Gide e o discurso imoralista. *Periódicus - Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades*, v. n.4 v.1, p. 58-75, 2015.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOAVENTURA, Gustavo. *Homem e masculinidade em revista no Brasil*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e Os Anos 70*. Brasília: UNB, 1991.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites do "sexo"* In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANHA, Rafael Freitas. *As Rondas Policiais de Combate à Homossexualidade na Cidade de São Paulo (1976-1982)*. In: James N. Green; Renan Quinalha. (Org.). *Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e busca pela verdade*. 1ed. São Carlos: Edufscar, 2014, v. , p. 149-177.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLETTI, Luiz Henrique; AMARAL, Márcio Franz. *O discurso presente na revista DOM: pluralidade de um imprensa segmentada no público gay?* In XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba-PR. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

COLLING, Leandro. *Quatro dicas preliminares para transar a genealogia do queer no Brasil*. In BENTO, Berenice (org.). *Desfazendo Gênero: Subjetividade, Cidadania, Transformismo*. Natal: EDUFRRN, 2015.

COSTA, Álvaro Daniel; JANZ JR, Dones Cláudio. *Homossexuais: a nova força- Representações das capas do jornal Lampião da Esquina*. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre. Anais 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

COSTA, Rogerio da Silva Martins da. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. Dissertação (Mestrado profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Fundação Getúlio Vargas.

COSTA, Valmir. *Nas páginas de eros: o jornalismo erótico em revistas brasileiras e norte-americanas* São Paulo: USP, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Repórter Eros. O sexo no jornalismo de revistas masculinas, femininas e gays*. São Paulo: ECA-USP, 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação) da Universidade de São Paulo, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DOSSE, François . *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: UNESP, 2013.

\_\_\_\_\_. *História do estruturalismo*. vol. 1 e 2. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane . Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)*, Campinas, v. 10, n.18/19, p. 79-123, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FIGARI, Carlos. *@s "@outr@s" cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Entrevista ao 'Le Monde' (fev. 1975). In: ERIBON, Didier. *Michel Foucault - uma biografia*. São Paulo : Cia das Letras. 1990.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRY, Peter Henry. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982

FRY, Peter Henry; MACRAE, Edward. *O que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GALLAS, Ana Kelma; OLIVEIRA, Yakowenko Guerra de. *Publicações destinadas aos homossexuais no Brasil: O Snob (1963-1969) e Lampião da Esquina (1978-1981)*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2012. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2012

GARCIA, Gabriela Mesquita de; SCHULTZ, Leonardo. *O Lampião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 70*. In XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife-PE. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011.

GARCIA, Wilton. *Homoerotismo & Imagem no Brasil*. São Paulo: Nojosa, 2004.

GONTIJO, Fabiano. *O Rei Momo e o Arco-Íris: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. Homossexualidades e a História: recuperando e entendendo o passado. In: *Gênero*, Niterói, v.12, n.2, p. 65-76, 1. sem. 2012.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

GREEN, James; FERNANDES, Marisa; ARNEY, Lance. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. In: *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)*, v. 18/19, p. 317-348, 2003.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Ed.Garamond, 2004.

GUIMARÃES, Maria Paula Piotto da Silveira. *O masculino Gay na Revista DOM*. In XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba-PR. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HEEREN, José Augusto de Castro *O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião*. São Paulo: Cásper Líbero, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) da Faculdade Cásper Líbero, 2011.

HELLER, Agnes. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HORA, Antônio Carlos da. *Cor de Rosa e Carvão: o discurso positivo da diferença*. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura)- Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

IJUIM, Jorge Kanehide . Imprensa e preconceito: O pensamento abissal nos meios de comunicação e a deslegitimação de grupos sociais. In: *Revista Estudos de Jornalismo*, v. 2, p. 48-60, 2013.

IRIBURE, André.; LAZARIN, Lucas . *Um panorama da produção de teses e dissertações em Comunicação no Brasil que abordam a temática LGBT*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2014, Foz do Iguaçu. Comunicação: Guerra & Paz, 2014b.

\_\_\_\_\_. Um levantamento dos estudos das homossexualidades nos programas de pós-graduação em Comunicação Social de 1992 A 2008. In: *Conexão: Comunicação e Cultura*, v. 13, p. 207, 2014a.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas revolucionários - Nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

\_\_\_\_\_. Eccentric Subjects: Feminist Theory and Historical Consciousness. In: *Feminist Studies*, College Park, Vol. 16, No.1(Spring), pp. 115-150, 1990. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3177959>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.



LEAL, Bruno Souza ; ANTUNES, Elton ; VAZ, Paulo Bernardo . De quem é a agenda?. In: Márcia Benetti; Virgínia Fonseca. (Org.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. 1ed. Florianópolis: Insular, 2010, v. 1, p. 221-240.

LEAL, Bruno Souza. ; CARVALHO, Carlos Alberto. *Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?*. E-Compós (Brasília), v. 12, p. 1-16, 2009.

LIMA, Marcus Antônio Assis. *De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil*. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo, SP. *Anais V Congresso Nacional de História da Mídia*, 2008.

\_\_\_\_\_. *Estilo Sui Generis de Vida Gay*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

LOPES, Denilson. Afetos. Estudos Queer e Artifício na América Latina. *E-Compós* (Brasília), v. 19, p. 1-16, 2016.

\_\_\_\_\_. *O Homem que Amava Rapazes e Outros Ensaio*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. Em defesa do Gueto. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro. *Stonewall 40+ o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011, p. 21-36.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. In *Texto* (UFRGS. Online), v. 1, p. 713-727, 2015.

MARIN, Julio Cesar; BRIGNOL, Liliane Dutra. *As Representações da Identidade Gay na Mídia Gay: uma análise de duas revistas especializadas*. In: Intecom 2009 - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba - PR. *Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2009.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. Notícia como forma de controle social. In: *Contracampo* (UFF), v. 14, p. 07-17, 2006.

MARSHALL, Leandro. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças*. In: 16 Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas. No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007. v. 1. p. 1-19.

\_\_\_\_\_. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2013.

\_\_\_\_\_. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOTT, Luiz. *O Lesbianismo No Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Da Utilidade e do Inconveniente da História pra a Vida*. São Paulo: Editor Escala, 2008.

OLIVEIRA, Leandro; DIAS, Marcelo. *Jornalismo colorido: uma histórico da imprensa homossexual no Brasil*. In XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba-PR. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

OLIVEIRA, Victor Hugo Souza; SANTOS, Diógenes de Souza; BARROSO, Fernando Luiz Alves. *Eles e nós: um estudo sobre a visão do Jornal Lampião da Esquina sobre a grande imprensa brasileira*. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba-PR. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1991.

PATASSINI, Paola. *As filhas de Deméter: o cordão umbilical da cosmogonia feminina*. 1997. Dissertação - PUC-SP, 1997.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Intensidades Eróticas: a questão gay em debate*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil*, São Paulo:Publifolha, 2011.

PERLONGHER, Néstor. *Prosa plebeya*. Buenos Aires: Colihue, 1997.

\_\_\_\_\_. *O que é AIDS?* São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Negócio do Michê: a Prostituição Viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, ano 5, n.º 10. Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, ano 2, n.º 3. Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Jesús Carrilo. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu – Unicamp, v. 28, 2007. p. 375-405

REIS, Roberto Alves; CAMPOS, Daniel Rezende. *Guetos, mercado GLS e diluição de fronteiras: vivemos em uma sociedade de livre acesso?*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Mídia, Ecololgia e Sociedade, 2008, Natal - RN. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. História da comunicação no Brasil: um campo em construção. In: Ana Paula Goulart Ribeiro e Micael Herschmann. (Org.). *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, v. , p. 13-26.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo:algumas considerações teórico-metodológicas. In: *Contracampo*, v. 32, p. 73-90, 2015.

\_\_\_\_\_. *A história do seu tempo: a imprensa e a construção do sentido histórico*. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura)- Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades*. v. 4, n. 5, jul./dez., 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Crítica e a convicção*. Lisboa: Edições 70, 1995.

RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. *Corpos em evidência: um perspectiva sobre os ensaios fotográficos de G Magazine*. São Paulo: USP, 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) da Universidade de São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Jorge Luis. A Imprensa gay do Rio de Janeiro: Linguagem Verbal e Linguagem Visual. In: GROSSI, Miriam et al. (Org.). *Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ROUCHOU, Joelle . História Oral: Entrevista-reportagem x entrevista-história. *INTERCOM* (São Paulo), SÃO PAULO, v. XXII, 2000.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole S. (Org.) *Placer y peligro: Explorando la sexualidad femenina*. Ed. Revolución, Madrid, 1989. pp. 113-190.

SALIH, Sara. *Judith Butlher e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.78, p.3-46, 2007.

SANTOS, Joseylson Fagner; VELOSO, M<sup>a</sup> do Socorro F. . *Corpo e Sentimento - 46 anos de imprensa gay no Brasil*. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. (Org.) *A história Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988

SCHWAAB, Reges. Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (Org.). *A Revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*: Campinas, n.28, p. 19-54, jan.-jun., 2007.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. *Transgressão e felicidade: uma abordagem da temática homossexual a partir das cartas dos leitores enviadas à revista G Magazine*. Brasília: UNB, 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação) da Universidade de Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. *Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays*. Brasília: UNB, 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) da Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social)- Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, José Fábio Barbosa da Silva. Homossexualismo em São Paulo In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. *Representações gays contemporâneas - Da imprensa nanica à mídia de grande circulação*. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói RJ. *Anais VI Congresso Nacional de História da Mídia*, 2008.

\_\_\_\_\_. *E havia um lampião na esquina - Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do "gueto" ao mercado. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

SOARES, Murilo Cesar.; MORAES, Elaine Cristina Gomes. *O movimento homossexual no Brasil: construção da identidade, eventos e visibilidade mediática*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2012. *Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2012

SODRÉ, Muniz. Jornalismo como campo de pesquisa. In: *Brazilian Journalism Research*, Vol. 11. n. 2, p. 124- 133, 2014.

\_\_\_\_\_. Por um conceito de Minoria. In: Raquel Paiva; Alexandre Barbalho. (Org.). *Comunicação e Cultura das Minorias*. 1ed.São Paulo: Paulus, 2005, v. 1, p. 11-14.

SOLIVA, Thiago Barcelos. ; REIS, R. P. ; RIBEIRO, M. ; BUCCINELLI, B. . Sobre gerações e trajetórias: uma breve genealogia das pesquisas em Ciências Sociais sobre (homo)sexualidades no Brasil. In: *Pensata Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP*, v. 4, p. 09-47, 2014.

SOLIVA, Thiago Barcelos. *A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *Los Abusos de La Memoria*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WHITAKER, Edmur de Aguiar et al. Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da Capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”. *Arquivos de Polícia e Identificação*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 244-260, 1937.

### **Jornais e revistas consultados**

*O Snob*

*Le Sophistique*

*Felinos*

*Gay Society*

*Le Femme*

*O Tiraninho*

*O Pasquim*

*Baby*

*Boletim Informativo da Caixinha*

*Gente Gay*

*Movimento*

*Mundo Gay: o jornal dos entendidos*

*Entender*

*Lampião da Esquina*

*Jornal do Gay- noticiário do mundo entendido*

*Gay News - Informativo mundial dos entendidos*

*Suruba*

*Jornal For Gays*

*Gatho - Grupo de atuação Homossexual*

*Leva e Traz*

*O Corpo*

*Journal Gay - Internacional*

*Gay News-Jornal Homossexual de Informação & Prazer*

*ChanacomChana*

*Nos Também*

*Facção Homossexual*

*Boletim do G.G.B.*

*Boletim Informativo Grupo Dialogay/se*

*Pleigui - Jornal do Homo*

*Okzinho*

*Triangulo Rosa*

*Informativo Associação Galf*

*Jornal do Jatobá*

*Anjo*

*Boletim Informativo LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual*